

Felipe Matos

Sob os auspícios da Livraria Rosa:

Redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis.



Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza.

Co-orientadora: Prof^ª Dra. Maria Teresa Santos Cunha.

**Florianópolis
2008**

Sob os auspícios da Livraria Rosa:
Redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis.

Felipe Matos

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
Mestre em História Cultural

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Maria de Fátima Fonte Piazza, Orientadora (PPGH/UFSC)

Prof^ª Dra. Maria Teresa Santos Cunha, Co-orientadora (PPGH /UDESC)

Prof^º Dr. Aníbal Francisco Alves Bragança (LIHED/PPGCOM/UFF)

Prof^ª Dr. Henrique Espada Lima (PPGH/UFSC)

Prof^ª Dra. Maria Bernardete Ramos Flores
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 15 de Fevereiro de 2008.

*Leticia,
sempre.*

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza, orientadora gentil e a quem só tenho boas palavras a retribuir. Serei sempre grato a sua amizade, às conversas, aulas e orientações. Espero ter correspondido à confiança depositada.

À Prof^a. Dra. Maria Teresa Santos Cunha, de quem serei eterno aluno com prazer. Sem sua generosidade, talvez este trabalho nem existisse. Como agradecer a tudo?

Ao Prof^o. Dr. Aníbal Bragança, cujo trabalho muito admiro, gentilmente dispondo parte de seu tempo para colaborar com o resultado final da pesquisa ao participar da banca de avaliação.

Ao Prof^o. Dr. Henrique Espada Lima, por sua disponibilidade em colaborar e pelas observações que muito contribuíram para a confecção deste trabalho.

À Prof^a. Dra. Janice Gonçalves que gentilmente aceitou o convite para participar da banca de qualificação desta dissertação, a me presentear com sua leitura sempre competente e atenta - além de sua amizade - em mais esta etapa.

Aos familiares de João Teixeira da Rosa Júnior, em especial a seu neto, Paulo Teixeira da Rosa, que além de me receber em sua casa, gentilmente colocou a disposição todo o material sobre seu avô que tinha disponível. Obrigado pela confiança.

Aos entrevistados que foram generosos em compartilhar uma tarde de suas vidas e as lembranças de muitos anos: Salim Miguel e Adolfo Boos Júnior. Agradeço também àqueles que se dispuseram a colaborar, mas que por motivos de saúde não puderam: Huri Mendonça, Iaponan Soares e Doralécio Soares. Fica meu desejo sincero de uma pronta recuperação.

A Prof^a Dra. Maria Bernardete Ramos Flores, coordenadora, e aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial ao Prof^o Dr. Ernesto Aníbal Ruiz, de quem tive o prazer de ser aluno em seu último semestre antes da aposentadoria; e a Prof^a. Dra. Ana Lise Brancher que compartilhou comigo sua amizade e experiência.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em História, em especial aqueles que estiveram mais próximos: Fernando Boppré, Bia Donadel e Miguel Rodriguez.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina e da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em especial Patrícia Régis e Ruth Zanini.

Aos colegas da Scientia Consultoria Científica, obrigado pela paciência em me esperar: Ana Lucia Herberts, Rodrigo Lavina, Adelson André Brüggemann, Elaine Arnold, Yan Sant'Anna Soares, Adriana Aparecida da Silva, Silvano Silveira e Edmara Schuch.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida.

Aos meus pais, a quem devo, entre tantas outras coisas, os primeiros livros e gibis; e a primeira máquina de escrever.

Este trabalho é dedicado também à memória de Valda Mendes da Silveira, tia Valda (1935-2007). Vemos-nos no próximo jogo do Avaí.

RESUMO

Inaugurada em 1944, a Livraria Rosa destacou-se na história cultural de Florianópolis como a primeira livraria dedicada exclusivamente à venda de livros - novos e usados – na capital, ao contrário dos demais estabelecimentos de então, especializados nos serviços de papelaria e tipografia, destinando apenas algumas seções de suas estantes aos livros. Ao difundir a cultura letrada em Florianópolis, a livraria de João Teixeira da Rosa Júnior (1944-1951) contribuiu para cosmopolitizar a cidade, consolidar os hábitos de leitura, alterar a percepção acerca do objeto-livro e consolidar-se como um dos redutos de sociabilidade intelectual de sua época.

Palavras-chave: Livraria Rosa, Florianópolis, Cultura Letrada.

ABSTRACT

Install in 1944, the Livraria Rosa detach yourself in the Cultural History of Florianópolis like the first book shop dedicate exclusive to sell book – news and second hand – in the capital, contrary others establishments, specialize in stationer's shop ant typography, to destine only few sections to the books. Diffusing the literate culture in Florianópolis, the João Texeira da Rosa's book shop contributed for her cosmopolitization, to consolidation the reading habits, modify the perception about the object-book and consolidate yourself like one of the redoubts of intellectual sociability's of that time.

Key words: Livraria Rosa, Florianópolis, Literate Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.01
 CAPÍTULO 01 – A Cidade Letrada e o Homem de Letras.....	 p.12
1.1. Circulação da cultura letrada e a emergência da comunidade de leitores.....	p.20
1.2. João Teixeira da Rosa Júnior, homem de letras.....	p.28
 CAPÍTULO 02 – Livraria Rosa: Redutos Literários e Sociabilidades Intelectuais..	 p.50
2.1. Rua Deodoro, 33: a Livraria Rosa e as livrarias da ilha.....	p.55
2.2. Espaços de sociabilidades: o Café Rio Branco e a Revista Atualidades.....	p.79
 CAPÍTULO 03 – Notícias Bibliográficas: Sob os Auspícios da Livraria Rosa.....	 p.91
3.1. “Livros, Livros a mão cheia”: uma cartografia.....	p.98
3.2. “Algemas da Ignorância: liberte-se na Livraria Rosa.....	p.127
 ÚLTIMAS PÁGINAS.....	 p.137
 ANEXOS.....	 p.141
FONTES.....	p.151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.154

LISTA DE FIGURAS

- CAPÍTULO 01 - A CULTURA LETRADA E O HOMEM DE LETRAS.

Figura 1 – Canalização do rio da Bulha, 1919.....	p.17
Figura 2 – Rua Fernando Machado, 1920.....	p.17
Figura 3 – Certidão de Exame da Admissão, Gymnásio José Brasilício, 1928.....	p.29
Figura 4 – João Teixeira da Rosa Jr. Jornal O Atalaia, 1925.....	p.33
Figura 5 – Jornal O Atalaia, edição 41 e 42, Julho e Agosto de 1927.....	p.34
Figura 6 – Altino Flores, Jornal O Atalaia, 1927.....	p.36
Figura 7 – Recibo de João Teixeira da Rosa Jr., Centro Catharinense de Letras, 1926.....	p.40
Figura 8 – Laércio Caldeira de Andrada, jornal A Reforma, 1929.....	p.43
Figura 9 – A Classe Organizada Bandeirante, jornal A Reforma, 1931.....	p.45
Figura 10 – Livro “Por uma Santa Catarina culta!”, de Laércio C. de Andrada.....	p.47

- CAPÍTULO 02 - LIVRARIA ROSA: REDUTOS LITERÁRIOS E SOCIABILIDADES INTELECTUAIS.

Figura 11 – João Teixeira da Rosa Júnior, 1939.....	p.52
Figura 12 – Folheto de publicidade da firma O. L. Rosa, frente.....	p.54
Figura 13 – Folheto de publicidade da firma O. L. Rosa, verso.....	p.54
Figura 14 – Rua Deodoro, altos do “Morro do Chico Nappi”, década de 1920.....	p.56
Figura 15 – Desenho de Hélio Teixeira da Rosa. Residência da Rua Deodoro, nº33	p.57
Figura 16 – Livraria Casa Firmo, 1896.....	p.59
Figura 17 – Anúncio publicitário reproduzindo a fachada do Gabinete Sul-Americano, 1910.....	p.61
Figura 18 – Anúncio publicitário da Livraria Central, 1929.....	p.63
Figura 19 – Anúncio da Livraria Internacional “A Ponte”, 1948.....	p.65
Figura 20 – Anúncio da Livraria Moderna, de Paschoal Simone.....	p.66
Figura 21 – Anúncio da Livraria Moderna, de Pedro Xavier.....	p.68
Figura 22 – Anúncio da Livraria Progresso, de H. O. Ligocki.....	p.69
Figura 23 – Anúncio da Livraria Catarinense, de Carlos Alperstedt.....	p.70
Figura 24 – Anúncio da Livraria Odeon, de Soria & Boffoni.....	p.72
Figura 25 – Correspondência entre Lucas Boiteux e a Casa Garraux, 1919.....	p.74
Figura 26 – O Café Rio Branco, Rua Felipe Schmidt.....	p.81
Figura 27 – Revista Atualidades, nº09, 1946.....	p.86

- CAPÍTULO 03 – NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS: SOB OS AUSPÍCIOS DA LIVRARIA ROSA.

Figura 28 – Selo da Livraria Rosa no exemplar de “Barrabás”.....	p.93
Figura 29 – Nova fachada da Livraria Rosa, 1949.....	p.95
Figura 30 – Planta do prédio da Livraria Rosa, 1949.....	p.96
Figura 31 – Anúncio publicitário da Livraria Rosa, 1950.....	p.97
Figura 32 – A coluna “Notícias Bibliográficas”.....	p.99
Figura 33 – Anúncio publicitário da Livraria Rosa, 1948.....	p.100
Figura 34 – O Lobo da Estepe, Edições O Cruzeiro, 1943.....	p.106
Figura 35 – Folha de Rosto da obra “Os Mais Belos Contos Hispano-Americanos”,	p.110

Vecchi, 1946.....	
Figura 36 – Folha de Rosto da obra “Éramos Seis”, editora Brasiliense.....	p.113
Figura 37 – “Escravas do Amor”, de Suzana Flag.....	p.115
Figura 38 – Anúncio publicitário da Livraria Rosa. Edições Prometeu e Mundo Latino, 1946.....	p.116
Figura 39 – Anúncio da Livraria Rosa a mencionar os Livros Técnicos.....	p.119
Figura 40 – Exemplar da Coleção “Fogos Cruzados”, da José Olympio Editora.....	p.121
Figura 41 – Exemplar da Coleção “Os Audazes”, Ed. Vecchi.....	p.123
Figura 42 – Exemplar da Coleção “Os Maiores Êxitos das Telas”, Ed. Vecchi.....	p.124
Figura 43 – Exemplar da “Coleção Nobel”, Livraria do Globo.....	p.125
Figura 44 – “Um Casal Ilustre”, 1948.....	p.126
Figura 45 – “Até que Surja a Alvorada”, 1948.....	p.126
Figura 46 – “Gastosos como bombons”.....	p.129
Figura 47 – Marcador de páginas: “Liberte-se das algemas da ignorância”.....	p.131
Figura 48 – “Bom binóculo, Grande Visão”.....	p.132
Figura 49 – “Ca’, p’ra nós”, s/d.....	p.132
Figura 50 – Anúncio da Livraria Cysne.....	p.133
Figura 51 – Anúncio da Casa 43.....	p.133
Figura 52 – Venda de livros a fiado.....	p.136

- ÚLTIMAS PÁGINAS

Figura 53 – Anúncio da Livraria Rosa, 1951.....	p.139
Figura 54 – Anúncio da Livraria Líder, 1953	p.140

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Principais colaboradores da Revista Atualidade (1945-1949).....	p.88
Quadro II – Editoras citadas na coluna “Notícias Bibliográfica” (1946-1948).....	p.108
Quadro III – Demais editoras e principais edições citadas.....	p.117
Quadro IV – Principais Coleções citadas na coluna “Notícias Bibliográficas”.....	p.120
Quadro V - Autores catarinenses mencionados na coluna “Notícias Bibliográficas”.....	p.125

LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Trechos de entrevista realizada com o escritor Salim Miguel.....	p.141
Anexo II – Trechos de entrevista realizada com o escritor Adolfo Boos Jr.....	p.150

*“Vozes invisíveis, ao ritmo éreo dos sinos,
cantavam, em versos do Passado, pelas ruas,
as legendas marulhosas da ilha...”*
(Othon D’Eça. Papoula Branca)

INTRODUÇÃO

[...] e olho as estantes que contêm os livros de que mais gosto. A aquisição de cada um foi o resultado de longas espreitas, pesquisas, paqueras, paciências e esperas – como na conquista das amadas. São os que funcionam como *madeleines* – gatilhos me restituindo gente, situações, lugares como foram vistos no dia, na noite, no frio, no calor, na sua cor, no perfume de cada hora, nos mundos tácteis, gustativos que eles ressuscitam... [...] Folheio as páginas da imprimissão prodigiosa da primeira metade do século passado e delas sobe um cheiro de papel antigo, de multidão, de tarde parisiense, da estação de frio, cinza e púrpura, do relento quente dos bares, do buquê dos seus álcoois... (saude). Recoloco *Rousseau* no seu lugar e na mesma estante viajo idades adentro apalpando o dorso dos volumes.

(Pedro Nava) ¹

Despertada pelos sentidos, a emergência da memória – memória individual, memória coletiva - compreende uma grande variedade de suportes. Uma taça de chá *proustiana* pode abarcar casas, jardins, aldeias, cidades inteiras pintadas com as cores da infância². A jaqueta de um amigo morto é capaz de evidenciar a vida social das coisas ao unir roupas, memórias e dor nas dobras de tecido, nas marcas de uso, no tato e no olfato que trazem à tona recordações inesperadas³. Os gatilhos para tais mundos tácteis e olfativos são muitos: uma dedicatória do autor ao leitor, um *ex-libris* do dono zeloso que

¹ NAVA, Pedro. *Galo-das-Trevas. Memórias 5*. RJ: Nova Fronteira, 1987. p. 49.

² PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. Rio de Janeiro: Globo, 1987. p.51.

imprime no livro a sua posse, um marcador de páginas com a propaganda da antiga livraria, as marginálias dos cantos de páginas, as garatujas de netos, filhos, crianças que, longe dos olhares vigilantes, rabiscam traços sem sentidos em nossos incunábulo particulares.

Cada leitor, em sua biblioteca particular, possui seus próprios “gatilhos” capazes de entrelaçar a leitura e a vida. Esta dissertação de mestrado, por exemplo, só existe porque um destes leitores – a professora Maria Teresa Santos Cunha, da Universidade do Estado de Santa Catarina – resolveu um dia fazer os seus próprios cadernos de recordações, recheados de recortes de jornais, revistas, panfletos, escritos ordinários que lhe remetiam a alguma lembrança, a algum interesse específico.

Num desses vários cadernos – mais de vinte! - havia o recorte de uma reportagem do *Diário Catarinense*⁴ sobre uma antiga livraria de Florianópolis, a Livraria Rosa, de João Teixeira da Rosa Júnior. A partir do recorte de jornal nasceu o interesse em se elaborar um trabalho disposto a problematizar a história da circulação do livro em Florianópolis ou, mais especificamente, preocupado em demonstrar a relevância da elaboração de um trabalho que se proponha a enxergar as sociabilidades da cidade através da circulação e do acesso à cultura letrada em redutos literários como cafés, revistas mas, especialmente, as livrarias.

Inaugurada em 1944, a Livraria Rosa foi a primeira livraria de Florianópolis destinada exclusivamente ao comércio de livros, novos e usados. Tal exclusividade era uma novidade no comércio livreiro da cidade, dominado desde as últimas décadas do século XIX por estabelecimentos cujo forte do comércio eram os serviços de papelaria e tipografia, destinando apenas algumas seções de suas estantes aos livros.

³ STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: _____. *O casaco de Marx: roupas, memória e dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 9-13.

⁴ *Diário Catarinense*. 05/06/2003.

Em seus registros pessoais⁵, anotou Teixeira da Rosa que, em 1944, Florianópolis possuía cinco estabelecimentos do ramo: as livrarias Progresso, Central, Moderna, Catarinense e a Casa 43, nenhuma delas dedicando-se exclusivamente aos livros. O principal método utilizado até então por tais estabelecimentos a fim de manterem-se atualizados com os principais lançamentos editoriais do país eram os famosos catálogos de livros publicados em jornais e revistas, cujos intermediários entre a compra e o acesso ao livro eram os próprios leitores, dispensando a figura do livreiro.

Contudo, a venda de títulos por catálogos - método habitualmente utilizado na cidade desde o século XIX, quando livrarias como *Garnier* e *Laemmert* publicavam suas listas de livros nos jornais – gradualmente foi perdendo seus adeptos. Dedicar-se exclusivamente aos livros, podendo assim possuir um estoque maior e mais diversificado de títulos, foi um dos trunfos que transformaram a Livraria Rosa em referência no comércio de livros entre os anos 1940 e 1950 em Florianópolis.

Sucesso ocasionado não apenas pelo tino comercial de seu proprietário como pelo idealismo mantido por João Teixeira da Rosa em relação aos livros. Para divulgar o negócio, lia os livros e ia aos cafés comentá-los, despertando o interesse nos possíveis leitores, que iam, então, comprá-los. Um dos seus lugares preferidos para essas conversas literárias era o Café Rio Branco, onde encontrava tanto uma nova geração de escritores e agitadores culturais que posteriormente ficariam conhecidos como os da “arte-moderna”, integrantes do Grupo Sul, quanto figuras tradicionais na cidade como Oswaldo Cabral, Henrique Fontes, Altino Flores, Mâncio Costa, Elpídio Barbosa, todos seus fregueses⁶.

Do pequeno corredor repleto de livros, a livraria consolidou-se como uma das principais casas do ramo no Estado, cujos anúncios declaravam ser capaz de atender a

⁵ *Diário Catarinense*. 05/06/2003.

⁶ *Idem*.

qualquer tipo de pedido, vendendo “*qualquer livro de qualquer editora*”⁷. De fato, através de seus anúncios publicitários e da coluna mensal que Teixeira da Rosa mantinha na Revista Atualidades – intitulada “Notícias Bibliográficas sob os auspícios da Livraria Rosa” – afere-se uma grande variedade de publicações disponíveis à venda, indício tanto da diversidade do público leitor que freqüentava a livraria quanto das transformações que vinham ocorrendo na indústria editorial brasileira durante as décadas de 1930 e 1940.

Um dos objetivos do trabalho é questionar o discurso sobre este período específico da história de Florianópolis, consolidado por uma parte tanto da historiografia quanto da crítica literária que estabeleceu apenas algumas “ilhas culturais” em Santa Catarina, isoladas entre si, em longos hiatos. Na história cultural de Florianópolis, de forma contumaz apresenta-se, a partir do final da década de 1940, apenas a querela entre os “velhos” da dita “geração da academia” – Altino Flores, Othon D’Eça, Barreiros Filho, Laércio Caldeira, Gustavo Neves, Henrique Fontes, Mâncio Costa e outros, caracterizados como cultivadores de um pensamento “ultrapassado” e “anacrônico” -, e os “novos” do Círculo da Arte Moderna, superadores de uma situação “atrasada” e “provinciana”.

Para além destes dois grupos, há a pasmaceira só “sacudida” com a chegada dos “novos” representantes do modernismo catarinense; há o discurso do vazio, a submergir num vão de sombras todos aqueles não diretamente envolvidos com a querela, entre os quais aqueles que desenvolveram, à sua maneira, uma forte atuação no campo cultural da cidade, como o livreiro João Teixeira da Rosa Júnior e muitos de seus clientes-leitores

Grosso modo, o que foi quase consensualmente dito sobre o período pelos autores que assumiram o discurso modernista é que Santa Catarina experimentou uma época de atraso e ignorância, pois o processo de “aceitação das concepções modernas de arte e

⁷ *Anuário Catarinense para 1948*. [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.

literatura” no Estado foi “difícil, além de tardio”. Só teria acontecido “com muito esforço”⁸ na segunda metade da década de quarenta, mais de duas décadas depois da Semana da Arte Moderna de 1922, marco temporal do movimento modernista brasileiro e cujos ares renovadores “nem sequer chegaram a atingir a paisagem artística catarinense”⁹, incapaz de “encrespar as águas tranqüilas e azuladas da vida intelectual da antiga Desterro”.¹⁰ A idéia dos modernistas de 22 teria sido “incompreendida, mal discutida” em detrimento de um fazer literário e estético “extemporâneo” por uma “mentalidade literária catarinense [...] delineada em termos inaceitáveis”.¹¹

Interessante é perceber a proximidade dos autores que assumiram este discurso do “atraso” e do “isolamento cultural” da ilha com integrantes do próprio movimento modernista: Carlos Humberto Corrêa foi diretor de um museu de Arte Moderna e dividiu os corredores da Faculdade de Filosofia com Aníbal Nunes Pires, com quem estreitou laços de amizade; Lauro Junckes durante algum tempo esteve lotado ao lado de Aníbal Nunes Pires no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC, cujo curso de Letras formou, entre outros, Lina Leal Sabino, autora de um dos primeiros trabalhos de pesquisa sobre a origem e evolução do movimento modernista no Estado; Valdézia Pereira foi aluna de Aníbal Nunes Pires nos idos da década de 1970 na UDESC; Osvaldo Ferreira de Melo Filho, autor de *Introdução à História da Literatura Catarinense*, foi ele mesmo um dos integrantes do movimento e alvo de críticas por parte de Altino Flores¹².

A declaração desta suposta “hibernação” de Florianópolis foi de tal modo disseminada que o surgimento do chamado Grupo Sul¹³ se estabeleceu – ou foi

⁸ Idem, p.195.

⁹ JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1982. p. 16.

¹⁰ CORREA, Nereu. *Temas de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1953. p.177.

¹¹ PEREIRA, Valdézia. *A poesia modernista catarinense das décadas de 40 e 50*. Florianópolis: Edufsc, 1998. p. 19.

¹² Ver FLORES, Altino, *Sondagens Literárias*. Florianópolis: Edeme, 1973.

¹³ Grupo de modernistas surgido em Florianópolis no final dos anos 1940 com atuação marcante nas letras, no teatro, nas artes plásticas e no cinema. O Grupo Sul – como viriam a ser conhecido os jovens que

estabelecido – como o marco inaugural da modernidade sócio-cultural catarinense. Ou, como disse ironicamente Othon D’Eça ainda em 1950, “com a vitória, assim, dos ‘modernistas’ [...] o ‘modernismo’ se torna definitivo, cristaliza-se como o sulfato de sódio e passa a ter, então, aplicações medicinais”¹⁴.

Parece inegável a importância da obra e da atuação de intelectuais como Salim Miguel, Eglê Malheiros, Adolfo Boos Jr., Ody Fraga, Antônio Paladino, Aníbal Nunes Pires, Élio Ballstaedt, Armando Carreirão, Guido Wilmar Sassi, Silveira de Sousa, Walmor Cardoso da Silva, entre outros membros do movimento modernista que buscaram através da literatura, do cinema, do teatro, das artes plásticas, novos caminhos no fazer artístico e nos modos de se expressar. Não se trata aqui de questionar seus talentos e a importância social de suas obras e de suas atuações no campo cultural.

Tampouco me parece possível questionar as transformações sociais que modificaram a fisionomia da cidade, notadamente a partir do pós-Segunda Guerra Mundial quando Florianópolis viveu um novo ímpeto de modernização com um aumento populacional, a pavimentação de suas ruas principais, o incremento dos equipamentos administrativos e intelectuais como o lançamento de seu primeiro Plano Diretor, de um Plano de Obras e Equipamentos, a Federação das Indústrias, a incipiente abertura da cidade para o turismo, a gradual verticalização da paisagem urbana com a construção de grandes edifícios¹⁵, a configuração do cenário cultural da cidade com a realização do 1º Congresso de História Catarinense, a criação da Comissão Catarinense de Folclore, a implantação da

fundaram a revista de mesmo nome em 1948 – na verdade é um desdobramento do Círculo de Arte Moderna (CAM). Entre seus integrantes estavam Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Ody Fraga, Adolfo Boos Júnior, Aldo Nunes, Carlos Jorge Appel, Antônio Paladino, Miro Moraes, Silveira de Souza, Guido Wilmar Sassi, Archibaldo Neves, Hugo Mund Jr., entre outros. Cf. DORIGATTI, Bruno. Grupo Sul, 60 anos. In: *Revista Idiosincrasia*. www.portalliterat.terra.com.br. Acessado em 07/10/2007.

¹⁴ D’EÇA, Othon. Da Arte e do Modernismo, apud CORREA, Carlos Humberto. *História da Cultura Catarinense: o Estado e a Idéias*. Vol. 1. Florianópolis: Edufsc, 1997. p.215.

Faculdade de Filosofia e o posterior *Campus* Universitário, a estruturação da Diretoria de Cultura e outros¹⁶.

Para Maria Bernardete Ramos Flores, foi um período de modernização calcado pela “renovação técnica do espaço urbano” a produzir “toda sorte de experiências sociais e culturais”.¹⁷ Na cidade, tudo passou a ganhar o apelo do “moderno”, do aumento da energia elétrica que incrementou o consumo de eletrodomésticos às rádios, aos cinemas, aos cafés, à vitrine das lojas a expor a última moda para as gentes de gosto moderno.

Contudo, esta disseminação do “moderno”¹⁸ pareceu legitimar parte da historiografia e da crítica literária para se apropriar e ressignificar segundo interesses próprios o discurso modernista. Norteados por princípios estéticos e políticos, o discurso modernista foi eficaz em construir uma memória sobre os anos 1930, 1940 e inícios de 1950. A “pacata” e “provinciana” Florianópolis tornara-se um pedacinho de terra “ilhada geográfica e culturalmente dos grandes centros brasileiros”.¹⁹ Sem querer negar a importância e a força dos “modernos”, este capítulo busca analisar a época com base num ponto de vista que deseja fugir de esquematizações pré-estabelecidas.

Do mesmo modo não se busca aqui a reparação de qualquer tipo de “injustiça histórica”. O que se pretende é encetar diferentes perspectivas como forma de análise do significado histórico de práticas culturais da época, lançar um olhar sobre Florianópolis

¹⁵ FLORES, Maria Bernardete Ramos. Estética e modernidade: à guisa de introdução. In: FLORES, M. B. R. (Org.); LEHMKUHL, Luciene (Org.); COLLAÇO, Vera (Org.). *A Casa do Baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p. 16-17.

¹⁶ ADAMS, Betina. *Preservação Urbana: gestão e resgate de uma história*. Florianópolis: EDUFSC, 2002. p.27-31.

¹⁷ Idem. p. 17.

¹⁸ Nesta querela, as discussões certamente fugiam do campo estético para invadirem também a esfera política, haja vista que quando os Ramos assumem o poder no Estado rompem com o domínio de um grupo – encabeçado, sobretudo, pela família Konder – que, grosso modo, dominava o cenário político na década de 1920. Nesta oposição, segundo Dallabrida, figuravam valores como região, caráter étnico, sentido econômico e “toda uma gama de componentes sociais que acompanhavam as diferenças e demarcavam os campos de onde provinham tais forças”. Cf. DALLABRIDA, Norberto & BITTENCOURT, João Batista. Oswaldo Rodrigues Cabral, o cronista do passado. In: *PerCursos: Revista do Centro de Ciências da Educação*, FAED/UEDESC. Florianópolis, v. 5, n. 1, Jan/Jun. 2004. p.12.

¹⁹ SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC, 1982. P.4.

que não seja a de uma ilha nem “atrasada” tampouco “adiantada”, mas múltipla em suas especificidades e idiossincrasias. Tenta-se alinhar a idéia de modernidade em voga no final da década de 1940 na cidade sem se deixar contaminar pelos contrastes radicais, ou pela “autocelebração”²⁰ que uma geração de críticos e historiadores empenhados na defesa da causa modernista ergueram como antagonistas e superadores de uma situação cultural inepta.²¹

Muitos nomes atuantes nas lides culturais do período, jornalistas, escritores, intelectuais, os outrora chamados “poetas menores”, leitores comuns da cidade não necessariamente alinhados de forma direta em algum dos lados da querela, mas que leram, produziram, pensaram, atuaram na Florianópolis do período, publicaram livros, opúsculos, colaboraram nas páginas dos jornais e revistas e contribuíram, cada qual a sua maneira, para a circulação da cultura letrada na ilha; estes se esvaeceram do quadro sinóptico da história cultural do Estado e apenas recentemente substantivaram-se de algum interesse por parte da historiografia.²²

A falta de uma institucionalização que os caracterizasse como um grupo possivelmente contribuiu para a pouca visibilidade destinada a estes atores sociais, muitos dos quais remanescentes do extinto Centro Catarinense de Letras. Dispersos, mas a ocupar um espaço maior do que usualmente se atribui a eles, uns largaram o ofício, outros se empenharam na militância, muitos trataram de ganhar a vida e sustentar as famílias, sem

²⁰ Termo utilizado por Annateresa Fabris ao questionar o “auto-retrato mítico” defendido por autores comprometidos com a defesa da causa modernista sem contestá-las ou questionando-as muito timidamente. Cf. FABRIS, Annateresa. Modernidade e vanguarda: o caso brasileiro. In: FABRIS, A. (org.) *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1994. P.09.

²¹ Recentemente houve trabalhos preocupados em problematizar a “modernidade” em Santa Catarina buscando fugir de simplificações esquemáticas, como aqueles reunidos em “A Casa do Baile - Estética e Modernidade em Santa Catarina”, organizado por Maria Bernadete Ramos Flores, Luciene Lehmkuhl e Vera Collaço (Fundação Boiteux, 2006).

²² É o caso de Ildefonso Juvenal, Trajano Margarida, o poeta negro João Rosa, Nicolau Nagib Nahas, os leitores ordinários da cidade e suas práticas de leitura, objetos de pesquisas historiográficas recentes.

largar o hábito da leitura e da escrita, suas sociabilidades intelectuais e atuação nas contendas culturais.

A organização do trabalho foi assim estruturada: no primeiro capítulo, busca-se associar a trajetória pessoal do livreiro João Teixeira da Rosa Júnior às transformações ocorridas em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX. Nascido em 24 de julho de 1906, num sobrado na Rua Fernando Machado, o livreiro assistiu ao fortalecimento da presença destes atores sociais que adquiriam sua distinção - os letrados e os não letrados, o jornalista, o professor, as normalistas, o poeta da academia e as “minorias intelectuais”, o leitor da biblioteca pública, seu bibliotecário, o freqüentador de livrarias... – e o estreitamento de seus laços nas redes de sociabilidades intelectuais da cidade

Busca-se pensar, ainda que de forma incipiente, como foram gestados os hábitos da cultura letrada na ilha de Santa Catarina, costumes estes que mais tarde, na década de 1940, já naturalizados e imperceptíveis, fariam da Livraria Rosa de João Teixeira da Rosa Júnior um dos principais pontos de difusão do livro e da leitura na cidade.

No segundo capítulo será abordada a criação da Livraria Rosa durante a década de 1940, em que contexto ela se deu e como se consolidou como uma referência na venda de livros na ilha. O acervo particular dos familiares de João Teixeira da Rosa, assim como a pesquisa em jornais, revistas e almanaques sobre os demais estabelecimentos do ramo à época, foram fontes valiosas para uma melhor compreensão do tema. Além disto, há os depoimentos de antigos freqüentadores que contribuirão para se fazer uma leitura do ambiente da livraria, de seu espaço e da circulação do livreiro em redutos de sociabilidades intelectuais locais - para além da livraria - como é o caso do Café Rio Branco, um dos pontos de encontro do livreiro com seus fregueses.

O segundo capítulo tratará, igualmente, da atuação do livreiro como colaborador da Revista Atualidades, aqui entendida como lócus de sociabilidade intelectual. De

propriedade de Elvira Ida Kuehne e João Kuhne, a revista começou a circular em dezembro de 1945²³. No ano seguinte, a revista - literária e noticiosa, de publicação mensal – passou a circular com uma coluna de Teixeira da Rosa, importante meio de divulgação das novidades literárias que aportavam na ilha através de sua livraria, além de pequenas notas do mundo da literatura, local, nacional e estrangeira, assim como anúncios de lançamentos prometidos para breve pelas principais editoras, novas edições de clássicos, edições esgotadas, notícias culturais e a correspondência mantida com seus leitores.

Ao procurar contextualizar a atuação de João Teixeira da Rosa Júnior em redutos literários e espaços de sociabilidades de Florianópolis, busca-se evidenciar as transformações da vida urbana na capital, cidade em crescimento, com uma maior diversificação de suas atividades econômicas e culturais e uma ampliação do mercado e do público consumidor de produtos impressos.

Por fim, verificar no terceiro capítulo o que era disponibilizado para a leitura, em especial o que era selecionado por João Teixeira da Rosa Júnior e divulgado através de sua coluna - “Notícias Bibliográficas, sob os auspícios da Livraria Rosa” - na Revista *Atualidades*. Através desta sessão, podemos elaborar uma cartografia inicial dos principais livros, autores e editores circulantes em Florianópolis entre os anos de 1946 e 1948.

A intenção é inventariar uma parte do acervo da livraria, cujas estantes foram espaços que guardaram uma história da circulação do livro indispensável à compreensão de uma história coletiva dos leitores. As edições da Livraria do Globo, AGIR, Livraria Anchieta, Guaíra, Gertum Carneiro, Editora Aurora, Empresa Editora Brasileira, Edições Brasiliense, Cia. Editora Nacional, Martins Editora, Prometeu, Mundo Latino, Editora Vecchi, d’O Cruzeiro e José Olympio Editora, são algumas que se destacam no mercado local.

²³ *Revista Atualidades*. Nº 10. 1948. P.82.

Além desta cartografia inicial de autores, livros e editoras, através da análise dos anúncios publicitários da Livraria Rosa verificar-se-á a difusão da percepção do livreiro acerca do objeto-livro e como estes anúncios – a proclamarem o prazer, a importância e a distinção ocasionada pela leitura – contribuem para se elaborar um perfil de Teixeira da Rosa, sempre descrito por familiares e antigos fregueses como um homem idealista em relação aos livros, disposto a facilitar o acesso às obras.

CAPÍTULO 01

A CIDADE LETRADA E O HOMEM DE LETRAS.

“O que faz o particular encanto de uma cidade é o que eu chamo o seu mito, essa superestrutura de impressões históricas, literárias e poéticas a emprestar uma fisionomia nova, um valor novo, não somente às avenidas e às praças, como à viela mais tortuosa, ao beco mais esconso”.

(Brito Broca. O Mito das Cidades.)¹

Essa “superestrutura de impressões históricas, literárias e poéticas” a que se refere Brito Broca² é, segundo ele, qualquer coisa de etéreo, de imponderável, diz respeito à essência da cidade – o mito – ligado de maneira íntima a um arcabouço material, uma estrutura urbana carregada do encantamento que todo mito traz consigo. Brito referia-se em seu texto às transformações ocorridas no Rio de Janeiro da década de 1950, traçando paralelos com a Paris do Barão Haussmann e com o Rio de Pereira Passos (1902-1906).

¹ BROCA, Brito. O Mito das Cidades. In: *Horas de Leitura*. RJ: INL, 1957. p. 151.

² Brito Broca foi um dos principais críticos literários brasileiros. Sua militância iniciou-se ao ser transferido de São Paulo – onde trabalhava no jornal A Gazeta – para o Rio de Janeiro, em 1937. Até sua morte, em 1961, foram mais de trinta anos de uma intensa atividade jornalística, dos quais vinte e cinco exclusivamente dedicados ao jornalismo literário. Cf. BARBOSA, F. de A. “Um D. Quixote das letras”. In: BROCA, Brito. *Memórias*. RJ: Jose Olympio, 1968.

Leitor de praticamente todos os romances do Rio de Janeiro, de Joaquim Manuel de Macedo a Carlos Heitor Cony, Broca passou a reconhecer a corografia de sua cidade, física e sentimental. A ternura que nutria pelo Rio fez com que habitualmente criticasse as transformações ocorridas em nome do progresso que a seu ver violentavam o caráter da cidade ao não preservar seus elementos tradicionais nem seus valores históricos. Aludia contra as demolições determinadas pela necessidade de alargamento das ruas ou da abertura de novos acessos, às constantes demolições de edifícios antigos, à sanha do “bota-abaixo” sem limites: “A tênue camada de mito que a cidade, ao ritmo de um progresso bem mais dirigido poderia comportar, perde-se toda³”.

Para os ilhéus que lêem hoje esta crônica é fácil perceber similitudes entre o Rio de Janeiro mencionado por Brito Broca com a Florianópolis do início do século XX, de engenheiros como Hercílio Luz, Felipe Schmidt, Lauro Müller, dos “melhoramentos urbanos” da gestão Gustavo Richard, de Nereu Ramos; mais recentemente a gestão Colombo Salles, da sanha dos sucessivos aterros na baía sul a afastarem o centro urbano do mar e soterrar a antiga cidade de sociabilidades marítimas; da Floripa “ilha da magia” – cujas rápidas transformações se processam atendendo mais à gula dos especuladores imobiliários que ao planejamento ordenado e sustentável dos urbanistas. Apesar de se processarem em tempos e contextos diferenciados, todas tinham em comum o desejo de interferir na cidade, mudar sua fisionomia, conferir novos valores.

Tal qual Brito Broca, nas páginas do jornal *O Estado*, em 1977, o cronista Abelardo Sousa⁴ rememorava sua cidade antiga, desta vez a enxergar os benefícios que traziam consigo as transformações do que chamou de “embelezamento” executado

³ BROCA, Op. Cit. 1957. p. 151.

⁴ Abelardo Sousa (1920-1986). Professor, musicista e escritor. Neto do músico José Brasilício de Sousa. Foi cronista de jornais e autor de cinco livros. Cf. SOARES, Maura *A Biblioteca e seus patronos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1988. p. 89.

paralelamente a obras complementares de “conforto e segurança destinadas ao bem estar da população”:

Lembrem-se os florianopolitanos de que o Rio de Janeiro do governo Rodrigues Alves era uma cidade suja e com mil problemas, dentre os quais avultava o do saneamento. Mas, isso não foi motivo para que o Prefeito Pereira Passos (...) abrisse, então, a famosa Avenida Rio Branco. E embelezasse muitos recantos da Cidade Maravilhosa. (...) Aqui mesmo, na Florianópolis do segundo governo de Hercílio Luz, os problemas eram muitos. Eu era um garoto, mas me lembro bem do lixo e outras imundícies que eram jogados diariamente ao longo da praia, que ia do início do Largo 13 de Maio até às proximidades do Hospital Militar, na zona da Toca. Da praia ao Mercado, onde quase não se podia andar sem “cortar” os pés nas fezes ali deixadas pelos “apurados” da noite. Do lamaçal que, nos dias de chuva, se formava por toda a rua que vinha do porto, beirando o cais, até a praça XV, verdadeira tortura para carros e transeuntes. Das ruas centrais da Cidade, todas estreitas e a maioria delas sem calçamento⁵.

Apesar de exibirem pontos de vista diferentes, ao darem publicidade às suas opiniões sobre assuntos da atualidade e pequenos fatos do cotidiano, cronistas do passado como Broca, no Rio de Janeiro, e, Abelardo Sousa, em Florianópolis, nos descrevem um pouco da cidade em que viveram, das trivialidades que presenciaram, das impressões que tiveram das cenas corriqueiras e aparentemente insignificantes como o caminhar da praia ao Mercado Público ou a lama que sujava carros e transeuntes. Publicada em 1977, a crônica de Abelardo Sousa rememora uma cidade sobreposta pelos anseios de mudança de uma parte da sociedade que já não se reconhecia em suas casas e sobrados, já não suportava antigos costumes usuais que “cortavam” os sapatos. Uma parte da sociedade que se identificou com um discurso sanitarista e reformador, a incorporar em seu dia-a-dia novos hábitos de sociabilidades, novas civilidades no andar, no vestir-se, no comportar-se.

A cidade “antiga” rememorada por Abelardo Sousa era uma cidade em transformação. Florianópolis tornara-se uma capital republicana, administrada por uma elite política que saíra vencedora dos conflitos e tensões que resultara na Revolta da Armada e na Revolução Federalista. As rememorações de Sousa remetem às primeiras

⁵ Jornal *O Estado*. 27/03/1977.

décadas do século XX, cuja conjunção histórica envolvia as transformações políticas republicanas que buscava consolidar sua identidade territorial, política e simbólica no Estado.

Foi justamente neste palco de representações de uma modernização incipiente e de transformações urbanas que nascia a 24 de julho de 1906, no bairro da Tronqueira, num sobrado na Rua Fernando Machado esquina com General Bittencourt, a personagem que se acompanhará nas próximas páginas e capítulos; e cujo ofício – que sequer foi o único por ele exercido, como se verá adiante – esteve de alguma forma interligado às transformações ocorridas em sua cidade e nos hábitos e costumes daqueles que por ela transitaram: o livreiro João Teixeira da Rosa Júnior, fundador na década de 1940 da primeira livraria de Florianópolis dedicada exclusivamente à venda de livros.

Pretende-se ao longo de todo trabalho entrelaçar a sua trajetória pessoal e dos livros dispostos nas estantes de sua livraria com a linfa da sociedade letrada que por ela circulou, com sua ordem abstrata de signos modernizadores, ordenadores e silenciosamente revolucionários, impressos nas brochuras e in-fólios circulantes na ilha.

A Florianópolis da infância e juventude de Teixeira da Rosa foi esta cidade concebida e vivenciada pela administração pública republicana como espaço de reformas, higienizações, modernizações sustentadas sob diversos interesses e expectativas de sua elite urbana fomentada pelo incremento de atividades comerciais e terciárias em geral, especialmente as ligadas à administração pública. Com as atividades do porto de Florianópolis entrando em decadência, as atividades comerciais de atacado e varejo foram incrementadas pela instalação de grandes casas comerciais, casas de importação e

exportação, representação comercial e de bancos estrangeiros, algumas fábricas como as de gelo, pregos, rendas e bordados da Hoepcke⁶.

Para Dallabrida, a elite política do início do século XX buscou uma nova “naturalização da sociedade desigual” ao procurar (re)produzir-se por meio de mecanismos econômicos, sociais e estéticos⁷. A busca pela distinção esteve ligada ao cultivo da elegância e do refinamento inspirados no modelo burguês europeu da “Belle Époque”. Entendia-se o “ser civilizado” como sinônimo de estar mais de acordo com o modelo de necessidades dos grandes centros:

Florianópolis, que num surto admirável de progresso, em doze annos conseguiu enriquecer-se dos melhoramentos que representam a prova evidente do adiantamento e da civilização de uma localidade; (...) sobre um sopro vitalizador de energia e civilização, realizou uma miraculosa transformação, que a veio collocar de repente ao lado das mais adiantadas, confortáveis e bellas cidades brasileiras⁸.

Apesar da representação da cidade imposta pelos republicanos em seus veículos de imprensa construir um discurso que por vezes dizia respeito mais às sensações e percepções daqueles que vivenciaram o processo de mudança do que da ordem física real da cidade, não há como negar as transformações sócio-econômicas ocorridas com o advento da República, como a implementação da iluminação elétrica a partir de 1910, o alargamento e calçamento de ruas, bem como a implementação do sistema de esgoto sanitário, a construção e reformas de prédios públicos, a instalação de um forno incinerador de lixo, o ajardinamento de praças, o delineamento das áreas burguesas da cidade, a montagem das linhas de bondes, a instalação das primeiras linhas telefônicas que lentamente ocuparam o lugar do telégrafo, a reestruturação de parte do traçado urbano⁹.

⁶ PEDRO, Joana M. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 1995. p. 33-59.

⁷ DALLABRIDA, Norberto. *A Fabricação Escolar das Elites*. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001. p. 60-61.

⁸ Jornal *República*, 30/01/1920.

⁹ DALLABRIDA. Op. Cit. 2001. p. 52-62.

Filho do barbeiro João Teixeira da Rosa e da dona de casa Maria das Dores Rosa, mais conhecida como Dona Bicota, João Teixeira da Rosa Júnior¹⁰ certamente poderia ver da janela do seu sobrado na rua Fernando Machado as obras de canalização do rio da Bulha (Figura 01), o ajardinamento da Avenida do Saneamento, a derrubada de casarios (Figura 02) e barracos, empurrando grande parte da população pobre e indesejada para os morros ao seu redor.

É possível que brincasse entre os escombros ou acompanhasse curiosamente o dia-a-dia das obras, como se pode ver que tantos outros fizeram através das imagens captadas pelas lentes de um José Boiteux, destacado militante republicano dedicado a coletar, selecionar e guardar registros de seu tempo, caros à representação da cidade que a elite urbana da qual fazia parte era desejosa em eternizar¹¹.

Figura 1 - Rua Fernando Machado, 1920.



Fonte: Acervo José Boiteux, IHGSC.

Figura 2 - Canalização do rio da Bulha.



Fonte: Acervo José Boiteux, IHGSC.

¹⁰ Os dados biográficos sobre João Teixeira da Rosa Jr. que serão aqui apresentados foram obtidos através de documentos pessoais do livreiro depositados pelos familiares no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Pasta “João Teixeira da Rosa Jr.”, gaveta “Sócios Falecidos”.

¹¹ Sobre o acervo iconográfico de José Arthur Boiteux preservado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina consultar CUNHA, M. T. S. & MATOS, F. “História e Imagens: o acervo iconográfico de José Boiteux e a memória visual de Florianópolis”. In: *Cadernos do CEOM*. Ano 19. Nº 24. Chapecó: Argos, 2006.

Contudo, se as brincadeiras entre os escombros realmente ocorreram, possivelmente não duraram muito tempo, pois já aos doze anos Teixeira da Rosa encontrava-se empregado na casa comercial *Au Bon Marché* especializada em roupas, sapatos, fazendas e outros objetos do gênero. À época faziam sucesso entre as mulheres as revistas com dicas de comportamento e civilidade, dentre as quais a coluna “Moda” publicada mensalmente na revista *Terra* com modelos “tirados do último figurino francês” sempre a considerar poucos todos os esforços para que a revista fosse lida “pelos bellos olhos de nossas lindas patricias”¹².

Au Bon Marché fazia concorrência à *Chic Parisiense* de Francisco Moura Filho, com seus chapéus e calçados disponíveis àqueles dispostos a pagar o preço de estar na moda¹³. Com o desenvolvimento do comércio e da incipiente atividade industrial, houve um gradual aumento do trabalho assalariado a facilitar o primeiro emprego no comércio para jovens oriundos de famílias de uma classe média em formação, de origens modestas, como os Rosa.

Ainda na década de 1920, com a construção da Ponte Hercílio Luz, a parte sul da cidade foi dividida em mais ruas devido à construção de um grande número de casas comerciais e de moradia, indo ao encontro da expansão ocorrida no centro da cidade no qual as duas principais ruas comerciais, a Conselheiro Mafra e a João Pinto, foram abafadas pelo alargamento da rua Felipe Schmidt que passou a ser via de acesso ao continente e onde o comércio varejista desenvolveu-se desde então¹⁴.

Na Rua Conselheiro Mafra, nº17, estabeleceu-se a *Casa Perrone* onde Teixeira da Rosa trabalhou após sair d’*Au Bon Marché*. De propriedade de Antônio Perrone, a casa recebia “mensalmente as últimas novidades das principais praças do Rio de Janeiro e São

¹² Revista *Terra*. Ano I. Nº 04. 1920.

¹³ Jornal *CPC*. 14/06/1920.

¹⁴ ANDRADE, Djanira M. M. de. *Hercílio Luz: uma ponte integrando Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1981.p.120.

Paulo” em calçados finos para homens, mulheres e crianças, além de chapéus e artigos em geral para esporte.

João Teixeira da Rosa Júnior vendia sapatos e chapéus para uma elite urbana cuja afirmação social começara ainda no século XIX quando se buscava, aos poucos, um novo estilo de vida em voga nos grandes centros. De maneira geral, a identidade desta elite urbana - da qual faziam parte os homens públicos da Primeira República - estava ligada à sua condição de homens de letras¹⁵, cuja condição distintiva resultava no acúmulo de um capital social que muitas vezes ultrapassava seu capital financeiro¹⁶. De maneira geral, os livros representavam importante bem simbólico a ocupar lugar privilegiado no interior das residências, nas estantes, nos gabinetes de trabalho, muitas vezes protegidos à chave nos armários de portinholas envidraçadas.

O século XIX foi o século em que a cultura impressa consolidou-se não apenas no interior dos sobrados destes homens de letras como também no cotidiano de grande parte da população iletrada que mesmo não dominando seus signos, era por eles dominada e/ou os apropriava de sua forma. Foi a época da proliferação dos gabinetes tipográficos, do aumento do comércio de livros, da fundação de bibliotecas públicas e particulares, de sociedades e academias de letras, de institutos, colégios. Época em que, mesmo de forma incipiente, foram gestados os hábitos da cultura letrada na ilha de Santa Catarina, hábitos estes que mais tarde, na década de 1940, já naturalizados e imperceptíveis, fariam da

¹⁵ ABREU, Regina. “Um homem de letras” in: _____. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco/Lapa, 1996. p. 137.

¹⁶ Na crítica do poeta e escritor inglês Alexander Pope (1688 - 1744), “basta sujar um livro com notas e observações para se adquirir o título de homem de letras”. Contudo, a definição do significado da expressão “homem de letras” aqui levada a cabo é a estabelecida por Roger Chartier quando este autor analisa como, durante o século XVIII, alguns intelectuais definiram os letrados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes. Grosso modo, são aqueles cuja palavra, as letras, a leitura, a literatura são o elemento material intrínseco para realizar sua natureza e alcançar seus objetivos artísticos, políticos, cotidianos e por suas estratégias de intercâmbios intelectuais, marcada justamente pelas vias de sociabilidades diárias, como a convivência nos salões, cafés, revistas, correspondências e nas conversas cotidianas. Cf. CHARTIER, Roger. 1996. “L’homme de lettres”, em VOVELLE, Michel (org). *L’homme de lumières*. Paris, Seuil, apud VENÂNCIO, Giselle. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001. p. 05.

Livraria Rosa de João Teixeira da Rosa Júnior um dos principais pontos de difusão do livro e da leitura na cidade.

1.1. CIRCULAÇÃO DA CULTURA LETRADA E A EMERGÊNCIA DA COMUNIDADE DOS LEITORES.

Dentre os “encantos” da vida na cidade, as práticas letradas talvez sejam uma das mais utilizadas e uma das que passam mais despercebidas. Os sinais de trânsito, o emplacamento das ruas, o nome das lojas no caiado da parede, a leitura do jornal e da revista, o cartaz do cinema, o registro escrito, a biblioteca, o arquivo, os órgãos administrativos, as escolas, todos são mediadores do vínculo entre a escrita e a leitura e os habitantes da cidade.

Nas articulações entre a vida urbana e a cultura letrada em Florianópolis, o século XIX apresenta-se como um locus privilegiado de investigações na medida em que a cidade em formação trouxera consigo transformações no clima cultural e intelectual, a emergência de novas formas de viver e novas sensibilidades. A acompanhar o lento ritmo de desenvolvimento da cidade está o crescimento da circulação dos materiais impressos, especialmente a partir de meados da década de 1850, quando começam a proliferar os gabinetes tipográficos.

Sinal de que Desterro não estava “atrasada” em relação aos horizontes culturais de seu mundo contemporâneo é o fato da imprensa aqui ter chegado quase simultaneamente a inúmeras outras províncias do país: o Ceará recebeu um prelo nos princípios de 1824; São Paulo começou a imprimir em 1827, assim como o Rio Grande do Sul. Goiás em março de 1830, Santa Catarina em agosto de 1831, mesmo ano e mês em que Alagoas. O Rio Grande do Norte recebeu um prelo em 1832, mesmo ano em que Sergipe, apesar de que a primeira gazeta e o primeiro livro terem sido impressos só em

1838. A impressão no Espírito Santo começou em 1840. O Paraná só desmembrou-se de São Paulo em 1854, mas possuía um prelo desde 1849 ou 1853¹⁷.

Como em grande parte do Brasil, muitas das tipografias foram aqui fundadas para defenderem ideais políticos relacionados com a Independência do país, produzindo uma grande quantidade de gazetas efêmeras e demais produtos propagandísticos, como folhetos, cartas, hinos, discursos políticos. Desde que Jerônimo Coelho retornou à Desterro e fundou sua tipografia em 1831 que a história da imprensa de Santa Catarina no século XIX esteve imbricada na história política da região. Do modesto prelo de madeira no qual Jerônimo Coelho escreveu, compôs, imprimiu e lançou *O Catharinense*, em 28 de junho de 1831 sempre saíram jornais e folhetos a propagandear os ideais liberais de um processo de independência genuinamente brasileiro, além de buscar assegurar, é claro, a ocupação de cargos públicos para os liberais e maçons. Em 1836, o prelo foi adquirido pelo Estado e transformado em Tipografia Provincial.

Contrastando com as poucas tipografias existentes na cidade nas décadas de 1830 e 1840, as décadas seguintes demonstram o surgimento de um contingente mais significativo de estabelecimentos gráficos. Em 1849 desembarcou na cidade o francês Emílio Grain, fundador da Tipografia Catharinense, que em tempos distintos serviu tanto ao governo provincial quanto aos políticos da oposição, dependendo de onde saíam as patacas. Contudo, logo Grain vendeu seu gabinete tipográfico para Germano Antônio Maria Avelim, tipógrafo que já havia trabalhado tanto na Tipografia Provincial quanto na própria Tipografia Catharinense¹⁸.

¹⁷ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2005. p. 193-194.

¹⁸ Mais dados sobre as tipografias e os tipógrafos aqui citados podem ser encontrados em MATOS, Felipe. *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros*. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Florianópolis: UDESC, 2005.

A Tipografia Catharinense de Germano Avelim¹⁹ ao lado da Tipografia Desterrense de J. J. Lopes²⁰ eram as duas principais tipografias de Desterro em meados do século XIX, não apenas pela longa duração de suas atividades como pela quantidade de jornais e livros que saíram de seus prelos, entre eles a *Memória histórica do extinto regimento d'infantaria de linha da Província de Santa Catharina*, de Manoel Joaquim D'Almeida Coelho (1853), *Tupaneida*, de Franc de Paulicéia Marques de Carvalho (1855), *Pedro Martelli*, de Álvaro Augusto de Carvalho (1855), e os *Ensaio oratórios na tribuna evangélica*, do padre Paiva (1862), pela Tipografia Catharinense; e, *Memória histórica da Província de Santa Catharina*, de Manoel Joaquim D'Almeida Coelho (1856), a novela *Eulália*, de Juvita Duarte Silva (1862), e em 1857 uma edição de *Bibliotheca das Escolas. 1ª Série*, talvez um dos primeiros livros publicado em Desterro destinado ao uso nas escolas, pela Tipografia Desterrense.

Se as tipografias Catharinense e Desterrense eram as duas mais proeminentes do mercado local, estavam longe de serem as únicas. Durante a segunda metade do século XIX e início do XX, proliferaram oficinas tipográficas, litográficas, encadernadores e demais trabalhadores da chamada rede de “intermediários esquecidos”, expressão utilizada por Robert Darnton ao referir-se àqueles cujo ofício possibilitou a difusão, a ordenação, conservação e o acesso à cultura letrada em meio aos antigos hábitos da leitura oralizada²¹.

¹⁹ Segundo Lucas Boiteux, Germano Antônio Maria Avelim nasceu na Freguesia da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina. Foi Alferes do 1º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional. Em 1879, ou 1880, foi nomeado Administrador do Hospital de Caldas do Cubatão com o ordenado mensal de 20\$000. Velho e enfermo, recolheu-se ao Hospital de Caridade, de onde saiu para morrer em idade avançada, entre 1898 e 1901. Cf. Revista *O Olho* de 28/07/1916.

²⁰ Nascido na Bahia a 24 de outubro de 1803. Entrou na carreira militar e com a guerra dos Farrapos o Batalhão em que servia veio destacado para o sul. Antes de findar a guerra teve baixa, vindo a domiciliar em Desterro, onde se casou com Maria Constância Lopes. Além de professor, jornalista e editor, ocupou vários cargos de nomeação e eleição. Foi ainda Deputado a Assembléia Legislativa Provincial entre 1850 a 1855 e 1862 a 1863. Cf. Revista *O Olho* de 28/07/1916.

²¹ DARNTON, Robert. Os intermediários esquecidos da literatura, in: _____. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.132-146.

Entre as principais oficinas de Desterro destacaram-se a Tipografia do Artista, de Alexandre Margarida, a Tipografia Comercial de J. A. do Livramento, a Tipografia do Conservador, de João José Ribas Ribeiro de Oliveira, a Tipografia do Cacique, o Gabinete Tipográfico Sul-Americano, a Tipografia Brazil, o Gabinete Tipográfico Natividade, e outras menores que serviram, sobretudo a publicações de jornais, folhetos, rótulos, cartões... Mais do que um novo ramo de atividade, esta proliferação das tipografias é indício da ascensão de uma elite ilustrada e da ampliação tanto da comunidade letrada na cidade quanto de suas necessidades “burocráticas” do uso do papel e das letras (fluxos de notas fiscais, cadernetas, papéis para ofícios, livros de registro, etc.) supridos pelos fornecimentos destas gráficas.

Como de hábito, muitos dos livros publicados por essas tipografias foram financiados através das listas de subscrições²², prática usual a época e que possibilitou a impressão de um bom número das publicações não oficiais, aquelas não diretamente ligadas à administração pública, como falas, relatórios e mensagens. As listas de subscrições foram importantes mecanismos de financiamento da publicação de livros, haja vista que, segundo Hallewell, ao longo do século XIX a taxação do papel empregado na confecção dos livros sobrepujava as alíquotas impostas ao papel impresso, o que tornava o livro estrangeiro – o que inclui os livros brasileiros impressos na Europa - uma mercadoria mais barata que a similar nacional²³.

Tais livros estrangeiros transformaram-se na oferta mais popular entre aqueles que procuravam adquirir livros no comércio local. Desde a primeira metade do século

²² O candidato a ter sua obra editada, caso não dispusesse da quantia necessária para cobrir os custos, abria uma lista pública de subscritores, anunciada geralmente em algum dos jornais editados pela casa tipográfica em questão para conclamar aqueles que fazem parte do seu leque de amizades, ou mesmo algum eventual desconhecido interessado pelo conteúdo da obra, a colaborarem com sua publicação.

²³ HALLEWELL, Laurence apud SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: *Cultura letrada no Brasil: objetos e prática*. Campinas, SP: Mercado de Letras, ALB; São Paulo, S: Fapesp; 2005. p. 229-230.

XIX, Desterro consolidou-se como centro comercial, político e administrativo com uma série de benfeitorias que a transformaram em cidade pólo da província e fomentaram o crescimento de uma classe de comerciantes, armadores, atacadistas, intermediários entre os produtos exportados e importados de outras províncias²⁴. Todas estas atividades fizeram a riqueza de uma classe que assumiu a política e fomentou a atividade econômica ao seu redor: os donos do comércio varejista, donos de lojas de tecidos, boticas e armazéns de secos e molhados, prestadores de serviços públicos, funcionários e profissionais liberais.

O comércio varejista não era ainda especializado e a presença de livros não era mais considerável do que outros artigos, situação que permaneceu durante praticamente todo o século XIX em grande parte das províncias. Foi no interior destas lojas que começaram a circular na cidade com frequência cada vez maior os livros publicados nos grandes centros.

Além de vendê-los, algumas lojas ainda ofereciam como alternativa de menor custo o aluguel de livros. É o caso do armazém de Antônio Francisco de Farias²⁵ na rua do Príncipe (atual Conselheiro Mafra). Foi um dos principais comerciantes e incentivadores da circulação das obras pela cidade e um dos primeiros a comercializar autores brasileiros como Joaquim Manoel de Macedo e o seu *O Moço Loiro*²⁶ publicado como folhetim pelo *Argos de Santa Catharina*, de J. J. Lopes. Também estavam disponíveis as brochuras de *O Guarany* e *Cinco Minutos*²⁷ de José de Alencar, que aqui chegaram logo em suas primeiras

²⁴ SIEBERT, Itamar. Crônica jornalística, sociabilidade e vida familiar na Desterro de meados do século XIX. In. BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia. *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 2001. p. 233.

²⁵ Capitão do 2º Batalhão da Guarda Nacional e Deputado da Assembléia provincial. Cf. PIAZZA, Walter (org.) *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985. p. 220.

²⁶ *O Argos de Santa Catharina*. 08/02/1856. Segundo Cabral (1979) “moço loiro” do título teria sido o desterrense Duarte Paranhos Schutel, companheiro de quarto de Macedo nos tempos de estudante e que o tomou como modelo para a personagem.

²⁷ *O Progressista*. 19/09/1860. Tais livros foram impressos, respectivamente, em 1857 e 1860 na Empresa Nacional do Diário do Rio de Janeiro, de N. L. Vianna.

edições, o que demonstra que a circulação de livros nacionais entre as capitâneas não era tão lenta como poderia se supor.

Entre subscrições, chapéus de palha e produtos enlatados²⁸ poderiam se comprar ou alugar na loja de Farias alguns dos principais best-sellers da época, como *Ivanhoé*, de Walter Scott; *Nossa Senhora de Paris*, de Vitor Hugo; *Saint-Clair das Ilhas*; o *Espião do Campo Neutral*; a *Porcina Donzella*; a *Cortezan de Paris*; *Gil Blaz Parisiense*; *Diabo a quatro*, *Os amores de Pariz*, *Izidoro e Horaide*, *Meu vizinho Raimundo*, *Mistérios de Lisboa*, *Duas Dianas*, o *Salteador Saxônico*, obras de Henrique Percy, Luiz de Winchester entre tantos outros.²⁹

Aos poucos os livros acabaram se tornando um objeto recorrente, familiar, passível de ser encontrado, lido, obtido, a permitir uma pluralidade de apropriações não só por aqueles a quem se destinavam, com condições de entrarem nas lojas para adquiri-los, como por leitores alternativos tais como os balconistas dos estabelecimentos. Foi o caso do jovem Francisco Tolentino que ao beirar os dez anos de idade cumpria seus deveres a contento na loja de José Bonifácio Caldeira de Andrada, mas como as lides do comércio não lhe despertavam entusiasmo, sempre deixava na gaveta de sua banca de trabalho algumas brochuras, devoradas em seus momentos de folga³⁰.

Ademais, a regularização dos serviços de correios e telégrafos além de agilizar a transmissão de notícias e as comunicações em geral proporcionou uma melhora nos serviços de entregas de assinaturas de jornais e na compra por reembolso postal de publicações dos grandes centros. Era possível efetuar compras de livros através dos catálogos de grandes livrarias como a de Paula Brito, a *Garnier* e a *Laemmert* que periodicamente imprimiam extratos dos catálogos nos jornais locais.

²⁸ *O Santelmo*. 25/07/1860.

²⁹ *O Argos de Santa Catharina*. 08/02/1856.

³⁰ BARBOSA, Renato. *Francisco Tolentino e sua época*. Florianópolis: ALESC, 1984. p. 15.

Toda esta circulação de cultura letrada teve um papel central na transformação das mentalidades, no fluxo de idéias, nos movimentos artísticos, nas linguagens. As obras literárias, livros, jornais, revistas, guias, anuários, todo o tipo de cultura letrada, e a própria leitura em si, tornaram-se fenômenos mais públicos e acessíveis a uma variedade de grupos. A leitura e a escrita, através dos processos de escolarização, articulados às novas linguagens - como o teatro, a fotografia, a propaganda e o cinema - invadem espaços públicos, difundem e “popularizam” a cultura letrada.

No fim de século XIX, a chegada da República e a implantação do novo regime exigiam a ampliação das políticas públicas de ensino com vistas, entre outros interesses, ao aumento do número de eleitores. Como bem destacou Ana Luiza Martins, o saber ler tornou-se emblema distintivo, um atributo significativo para o cidadão da nova ordem política não apenas para sua colocação no mercado de trabalho como, inclusive, para garantir o direito constitucional ao voto, privativo aos homens maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever³¹.

Há de se levar em conta também o fato que, após a Revolução Federalista, as novas composições e as tensões sociais aumentaram e a ordem pública era elevada à condição de “preceito fundamental³²”. Coube assim, também às escolas, o papel de cumprir sua missão civilizadora de levar adiante o sistema social ordenado. Em 1890, Desterro contava com 30.687 habitantes, sendo que, destes, 7.011 sabiam ler. Contudo, o analfabetismo em todo o Estado estava em curva decrescente: em 1872 os iletrados

³¹ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001. p.201.

³² CHEREM, Rosângela. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na Capital de Santa Catarina. Cf. *História de Santa Catarina no século XIX*. Fpolis: Edufsc, 2001. p.331.

constituíam 85,3% da população; em 1890 apareceram diminuídos para 80,4% e em 1900 representavam 74,3% do número total de habitantes, segundo censo oficial³³.

Logo no início do período republicano houve uma tentativa de reorganização do sistema escolar pelo governo Lauro Müller. Segundo Dallabrida, além de propor maior dinamicidade ao ensino primário, a primeira reforma escolar republicana criou a Escola Normal e o Ginásio Catarinense. Na gestão seguinte, pós-Revolução Federalista, o governo de Hercílio Luz instituiu novos regulamentos para estas unidades escolares de ensino secundário, procurando proporcionar estrutura administrativa e pedagógica³⁴.

Especialmente nas décadas de 1910 e 1920, com a criação dos grupos escolares e a reforma da Escola Normal, o sistema escolar público teve um significativo crescimento e o acesso à escola tornou-se uma demanda legítima das classes menos favorecidas e uma necessidade da República em responder à sua imagem de governo de “cidadãos”.

Houve uma série de investimentos políticos com o intuito de criar uma rede de instituições capazes de produzir uma população letrada, disciplinada, saudável e produtiva. O governo catarinense passou a estimular e subvencionar escolas e colégios privados, principalmente de igrejas cristãs³⁵. Ainda segundo Dallabrida, pulularam instituições assistenciais e educativas como asilos, orfanatos, o lazareto, escolas de ensino primário. Nesta conjunção, as igrejas cristãs – católicas, luteranas, presbiterianas – configuraram-se como eficientes associações educativas e escolares³⁶ - e, particularmente nas instituições não-católicas, uma alternativa de ensino laico em justaposição ao tradicionalmente oferecido, com bases na doutrina católica.

³³ FONTES, Henrique. A instrução em Santa Catarina (1916). In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Vol. VII. 3º Trimestre. 1918. Florianópolis: Typ. Da Escola de Aprendizizes Artífices.

³⁴ DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites*. Florianópolis: UDESC: Cidade Futura, 2001. p.40.

³⁵ Idem. p.60.

³⁶ Ibidem. p.62.

1.2. JOÃO TEIXEIRA DA ROSA JÚNIOR, HOMEM DE LETRAS.

Durante grande parte de sua vida, João Teixeira da Rosa Júnior teve uma ativa participação nessas redes assistenciais de cunho religioso, mais especificamente aquelas ligadas à Igreja Presbiteriana de Florianópolis, tendo participado, inclusive, da criação da Associação Evangélica Beneficente de Assistência Social e do Centro Social para Idosos, na capital³⁷. Foi através de sua atuação nas hostes da Igreja Presbiteriana que Teixeira da Rosa foi inserido nas redes de sociabilidades que regiam a vida social da cidade, estreitou laços de amizade com personalidades influentes, escreveu para jornais e ingressou em instituições consagradas pela intelectualidade local, como veremos adiante.

Após sair do balcão da *Au Bon Marche* e da Casa Perrone, João Teixeira da Rosa Júnior abandonou o trabalho no comércio. Formou-se na filial de Florianópolis do Instituto Comercial, em 1926, indo tentar a vida em Porto Alegre onde trabalhou durante três meses na Companhia Souza Cruz de manufatura de tabaco e cigarros. Retornou à Florianópolis para trabalhar como telegrafista na *The Western Telegraph* que desde meados do século XIX interligava a cidade a outros Estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pará³⁸.

Aos vinte e dois anos de idade, durante o período em que trabalhava no cabo submarino, Teixeira da Rosa cursou o 1º ano ginasial no Ginásio José Brasilício, estabelecimento educacional de vida efêmera que visava oferecer ensino secundário laico, em oposição ao católico Ginásio Catarinense dos sacerdotes inacianos. José Brasilício de Sousa (1854-1910) foi um músico, astrônomo e professor que manifestava clara aversão aos jesuítas e aos seus métodos de ensino. Declaradamente ateu, foi demitido do Ginásio Catarinense dos padres católicos. Denominar o ginásio de José Brasilício foi uma forma de

³⁷ Cf. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, Julho de 2005. Ano VIII. Nº 38. p. 08.

³⁸ *Jornal O Conservador*. 22/05/1874.

legitimar um discurso laico e visualizava resistência à confessionalidade do Ginásio Catarinense, instituição de ensino que (re)produziu boa parte da elite catarinense. Fundado em 12 de março de 1928, o estabelecimento educacional funcionou à Rua Conselheiro Maфра durante menos de três anos, fechado por decreto de Francisco Campos em 18 de abril de 1931, como parte das medidas do governo Getúlio Vargas³⁹.

Figura 03 – Certidão de Exame da Admissão, Gymnasio José Brasilício, 1928.



Acervo: Pasta “João Teixeira da Rosa Jr.”, IHGSC.

Diretor e um dos fundadores do Ginásio Brasilício foi o professor Laércio Caldeira de Andrada⁴⁰, ferrenho defensor da laicidade do ensino e descrito pelos seus contemporâneos como um “esteta da inteligência aplicada para o bem”.⁴¹ A figura de Laércio foi de grande influência na formação intelectual de João Teixeira da Rosa Júnior,

³⁹ TAPIA, José Eliachim B. Ginásio José Brasilício. In: *Jornal da Educação*. Maio de 2005. p.08.

⁴⁰ Laércio Caldeira de Andrada (1890-1971). “(...) Bacharel pela Faculdade de Direito de Niterói, foi, também, engenheiro de telégrafos. (...) Em 1919, com o professor José de Senna Pereira, fundou o Curso Prático de Comércio, depois denominado Instituto Comercial de Florianópolis, de que foi Diretor. Foi membro da Academia Catarinense de Letras; membro do IHGSC; membro do Conselho de Educação Religiosa. Secretário Geral do 1º Congresso Brasileiro Contra o Analfabetismo” e, na década de 1930, foi um dos representantes catarinenses na Cruzada Nacional de Educação. Contribuiu ainda na fundação do Ginásio José Brasilício (Florianópolis, 1928), Caixa de Indigentes de Florianópolis (1931), Clube dos Funcionários Públicos Civis de Santa Catarina (1934), Instituto Comercial de Niterói (1938), Ginásio Erasmo Braga (Niterói, 1939), Faculdade de Ciências Econômicas (Niterói, 1942), Sociedade Evangélica de Assistência Social, Casa do Garoto (Niterói, 1949), Movimento de Assistência aos Encarcerados (Niterói, 1955). Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p. 134.

⁴¹ JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. Laércio Caldeira de Andrada. In: *Revista Signo*. Nº 04. Ano IV. 1971. p.123.

assim como para toda uma geração de jovens presbiterianos da cidade. Não raro, tomava-lhe emprestado livros que, sozinho, talvez ainda não tivesse condições de adquirir.

O caminho de suas vidas parece sempre convergir: assim como no Ginásio José Brasilício, Teixeira da Rosa formou-se no Instituto Comercial, fundado e dirigido por Caldeira de Andrada; trabalhou na *The Western Telegraph* onde Laércio fora engenheiro; ambos foram membros de instituições em que Laércio ajudou a fundar como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e o Centro Catharinense de Letras.

Ao que parece, na falta de um meio acadêmico onde pudesse dar vazão aos seus anseios, João Teixeira da Rosa Júnior buscou em seu círculo de amizade aqueles que, assim como ele, se interessavam pelo mundo das letras encontrando na figura do Dr. Laércio Caldeira de Andrada um amigo e “mentor”, sendo possivelmente por ele introduzido em círculos sociais locais como os acima citados⁴².

É provável que estas relações de compadrio tenham começado no interior da Igreja Presbiteriana, presente em Florianópolis desde o século XIX. No início do século XX a Igreja já havia conseguido a adesão de nomes conhecidos na cidade e de famílias tradicionais, como Gervásio Pereira da Luz, João David Telemberg, Adolpho Leon Salles, José de Senna Pereira, Pedro Nolasco, uma parte dos Trompowsky, dos Caldeira de Andrada, entre outros⁴³.

A atuação de João Teixeira da Rosa Júnior começou a destacar-se na Igreja a partir de sua participação em “sociedades de moços”, grupos que reuniam jovens presbiterianos em busca de por em prática os preceitos nos quais acreditavam na forma de

⁴² João Teixeira da Rosa, como redator do jornal O Atalaia, descreve Laércio Caldeira de Andrada como “Professor dedicado e zeloso a quem devo eu, a quem devem todos os atalaia as mais sublimes lições de moral, de civismo e de religião (...)”. Jornal O Atalaia, junho de 1927.

⁴³ HACK, Osvaldo Henrique. *A História da Igreja Presbiteriana em Florianópolis, 1898-1930*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: UFSC, 1979. p. 57-62.

um grupo organizado⁴⁴. Em 14 de julho de 1923, num piquenique realizado na então distante Trindade, um grupo desses jovens presbiterianos tratou da sua organização, denominaram-se “Classe Atalaia” e elegeram a primeira Diretoria, assim constituída: João Teixeira da Rosa Júnior, presidente; Célio Vieira, secretário; e, Abílio Dias, tesoureiro. Organizaram uma Empresa de Publicidade, sendo emitidas trezentas ações de 10\$000, cada, a fim de adquirir uma impressora e demais equipamentos para imprimir o jornal *O Atalaia*, cujo primeiro número foi publicado em março de 1924. Ao todo foram quarenta e cinco edições, entre 1924 e 1927, publicando não somente notícias sobre o trabalho da mocidade, mas, também, de toda a Igreja e comunidade.⁴⁵

Sediados na Rua 28 de Setembro (atual Vidal Ramos), a redação do jornal ficava a cargo de João Teixeira da Rosa Júnior, Adalberto Braglia e João Guedes Jr. No editorial da primeira edição, apresentavam o jornal como um “proclamador vibrante da salvação que há em Christo Jesus, e mais uma voz a erguer-se apontando aos moços o caminho da realização do modo Atalaia: lutar por Christo e pela Pátria”⁴⁶.

Nas páginas do jornal, em julho de 1925 – período em que se comemorava os dois anos de existência da Classe Organizada - João Teixeira da Rosa Júnior fazia um balanço da atuação do Movimento Atalaia sob sua presidência e animação cultural:

(...) Nossos methodos e nossos objectivos são claros: ambiência fundamentalmente christã e formação de caracteres christãos. Pelejamos por Christo e pela Pátria na conquista da Pátria para Christo. No anno passado gizou a classe o plano dos trezentos. Trezentos moços foram

⁴⁴ Segundo José Eliachim Barros Tapia, as “Sociedades de Propaganda”, sejam elas de “moços”, “moças” ou com qualquer outra característica associativa foram, ao lado das Conferências, Polêmicas, Jornais e Escolas importantes formas ou estratégias de inserção e fortalecimento do presbiterianismo em Santa Catarina e nos demais Estados do país. Cf. TAPIA, José E. B. “Estratégias de inserção do presbiterianismo em Santa Catarina, 1889-1930”. In: *Anais do XI Encontro Estadual de História: mídia e cidadania*. Florianópolis: UFSC: UDESC: ANPUH-SC. 2006.

⁴⁵ MENDONÇA, David G. *90 anos de benção: Igreja Presbiteriana de Florianópolis*. Florianópolis: s/n, 1991. p. 14.

⁴⁶ Jornal *O Atalaia*. Nº 01. Março de 1924.

arrolados para constituírem motivo especial de nossas orações e acção social. Foi um trabalho heróico e uma benção dos céos!⁴⁷

Numa cidade como a Florianópolis dos anos 1920, uma organização social com mais de trezentos membros arrolados certamente atingiu uma projeção social que ultrapassava os certames da Igreja Presbiteriana. Nomes como os de Maura de Senna Pereira, Victor Peluso Júnior, dos jornalistas Nicolau Nagib Nahas e Jairo Callado⁴⁸, entre outros, constavam como signatários do jornal e apesar de alguns deles possuírem fortes ligações com a Igreja, suas atuações na esfera cultural de Florianópolis não ficavam reduzidas a tal círculo.

Na mocidade de seus dezoito anos, - antes, portanto, de iniciar sob a tutela de Laércio Caldeira de Andrada o primeiro ano ginásial no Ginásio José Brasilico, em 1928 – Teixeira da Rosa Júnior era descrito por seus confrades numa nota alusiva ao seu aniversário como um “jovem *leader*”, “solícito e conselheiro, grande coração aberto a todas as causas que se movimentam no círculo dos nossos jovens”, e que mantinha com “brilho e desassombro a posição de *leader*, em que todos confiam, prezam, estimam”⁴⁹.

A despeito dos confetes que costuma se receber dos amigos em datas especiais como a do natalício, os encômios feitos a Teixeira da Rosa Júnior parecem demonstrar o nascimento de um homem de letras, um “*gentleman* e prestigioso *leader*”⁵⁰, não apenas por ser autor de artigos estampados no jornal - como a série “O que devemos evitar” em que aconselhava os jovens a se portarem de acordo com os preceitos cristãos – mas, devido ao seu trabalho de animador cultural, tanto dentro da redação do jornal quanto nas ruas, fomentando a organização de encontros, palestras, saraus, piqueniques, da Biblioteca Atalaia.

⁴⁷ Jornal *O Atalaia*. Julho de 1925.

⁴⁸ Jornal *O Atalaia*. Setembro de 1928.

⁴⁹ Jornal *O Atalaia*. Março de 1924.

⁵⁰ Idem.

Figura 04 – João Teixeira da Rosa Jr. Jornal O Atalaia, 1925.



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Neste momento, na imprensa periódica florianopolitana, o ambiente do jornalismo vive um clima de otimismo com a criação de novas revistas como a revista *Oasis* (1918), da revista *Terra*, de Artes e Letras, organizada por Altino Flores e Othon D'Eça (1920); a *Ilustração Catharinense*, de Arquimedes Taborda (1926), além de pequenos periódicos como o *CPC*, órgão mensal dos estudantes do Centro Prático do Comercio (1920); *O Miliciano*, periódico noticioso, recreativo, literário e instrutivo para oficiais e praças (1927); a *Folha Acadêmica*, órgão dos estudantes do Instituto Politécnico de Florianópolis (1924), e outros que, assim como *O Atalaia* davam visibilidade a novos grupos de “jornalistas” e escritores, além das instituições culturais a que estavam filiados.

Sob o lema de “Por Cristo e Pela Pátria”, Teixeira da Rosa e seus confrades d’O Atalaia teciam comentários sobre as atualidades políticas locais e, não raro, estampavam

fotografias de efemérides que manifestavam seu apóio a iniciativa da Classe Organizada Atalaia, como o caso do governador Adolpho Konder e seu secretário do Interior, Cid Campos, que os parabenizavam pela organização da Semana da Mocidade, período em que foram organizadas uma série de palestras orientadas para os jovens da cidade⁵¹, mas abertas ao público em geral.

Figura 05 – Jornal O Atalaia, edição 41 e 42, Julho e Agosto de 1927.



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Sob a presidência de João Teixeira da Rosa Júnior e orientação de Laércio Caldeira de Andrada, a Classe Atalaia passou a gozar de um prestígio que atraía outros nomes da intelectualidade local para participarem dos eventos por eles organizados, mesmo aqueles que não comungavam da mesma religião. Tomemos, por exemplo, os palestrantes da Semana da Mocidade: o Dr. Carlos Corrêa, Diretor da Higiene no Estado, abordando como iniciativas como a Semana da Mocidade contribuíam para o

⁵¹ Jornal *O Atalaia*. Nº 41 e 42. Julho e Agosto de 1927.

estabelecimento de uma Nação plena; o jornalista José Diniz⁵² realizou uma conferência intitulada “elogio ao heroísmo”; Othon D’Eça⁵³, chefe da Polícia do Estado falou sobre “os males do tóxico”; e o “brilhante homem-de-letras” Altino Flores⁵⁴, jornalista, secretário da Academia Catarinense de Letras e professor de francês no Ginásio José Brasilício, realizou conferência dissertando sobre o “Elogio da Leitura”, a lembrar do seu tempo de jovem quando sentia a “formidável e aliciante magia de um livro aberto” e devorava livros da Biblioteca Pública em leituras “absorventes e enervantes” de Julio Verne, Dumas e Victor Hugo⁵⁵.

⁵² José dos Santos de Diniz Martins (1896-1962). Jornalista e membro da Academia Catarinense de Letras desde 1924, quando foi recepcionado por Altino Flores. Foi fundador de duas importantes revistas literárias em Santa Catarina, ‘Oásis’ e ‘Panal’. Cf. PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p. 445-446.

⁵³ Othon da Gama Lobo D’Eça (1892-1965) “Bacharel, professor de direito, escritor e orador. Formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (...) Presidiu durante muitos anos a Academia Catarinense de Letras. Participou do movimento integralista, com Plínio Salgado, Gustavo Barroso e outros, tendo sido Chefe Provincial em Santa Catarina (...)”. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p. 157. Editou três livros em prosa e deixou vasta produção esparsa em jornais

⁵⁴ Altino Corsino da Silva Flores (1892-1984). “Exerceu cargos no magistério e na administração pública, tendo sido Chefe da Casa Civil em quatro Governos. Destacou-se, sobretudo, como jornalista vibrante e combativo, atuando na crítica historiográfica e literária. (...) intelectual ativo e persistente, de alto nível polemizador. Foi fundador e redator de vários jornais, tendo deixado vastíssima produção de artigos, comentários e alguns contos, crônicas e, sobretudo, escritos jornalísticos em geral (...) Editou em opúsculo alguns estudos e ensaios: Pela memória de Renan (1923); O caso Renan e processos Episcopais (1923); No mundo das coisas pequeninas (1924); Goethe: os novos e os velhos (1949; polêmica contra o Grupo Sul); Do sonho à miséria e à morte – Antero dos Reis Dutra (1970) e Sondagens Literárias (1973)”. Cf. JUNKES, Lauro. *A literatura de Santa Catarina – Síntese Informativa*. Florianópolis: Edufsc, 1992. p.26-27.

⁵⁵ Idem.

Figura 06 – Altino Flores, Jornal O Atalaia, 1927.



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

O convite feito pelos Atalaia e aceito por políticos influentes e jornalistas de expressão como José Diniz e, especialmente, Altino Flores, demonstram uma certa abertura das redes de sociabilidades em que João Teixeira da Rosa Júnior estava envolvido. Denota sua penetração na esfera cultural da cidade, domínio de uma intelectualidade alicerçada no seu poder político e econômico, mas, sobretudo, no poder simbólico de homens de letras, detentores da verdadeira instrução, dos verdadeiros princípios da Arte e da Literatura, em detrimento das “minorias intelectuais”, dos “maus livros”, do “bafo pestilencial de certos livros baratos”.⁵⁶

A palestra de Altino Flores na Semana da Mocidade deu-se apenas um ano após o fim do Centro Catharinense de Letras, instituição nascida envolta nas querelas entre os “verdadeiros intelectuais” da Academia Catarinense de Letras e as “minorias intelectuais” do Centro Catharinense de Letras. Os organizadores do evento, Laércio Caldeira de

⁵⁶ FLORES, Altino. “Elogio a leitura”, palestra proferida na Semana da Mocidade e comentada em *Jornal O Atalaia*. Nº 41 e 42. Julho e Agosto de 1927.

Andrada - que pertenceu a ambas instituições -, e João Teixeira da Rosa Jr. - que pertenceu ao Centro Catharinense de Letras -, possuíam um bom relacionamento com Altino e quando se deu o fim do Centro Catharinense de Letras todas as animosidades entre alguns de seus membros já haviam se dissipado ao gosto do vento sul.

Altino e Laércio se conheciam desde os tempos em que eram jovens estudantes do Colégio Catarinense, nos idos de 1906, ao lado de Haroldo Calado, Othon D'Eça, Barreiros Filho, Jocelin Viegas e outros. Ainda jovens, em 1909 fundaram uma agremiação estudantil para considerar e debater assuntos literários, o Centro Catharinense de Estudantes⁵⁷. Em 1916 estiveram juntos na criação de um Centro Cívico-Literário, de curta duração. Desde 1918, ambos faziam parte do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; e, desde 1920, da Academia Catarinense de Letras. Uma das raras vezes em que divergiram, foi no episódio que resultou na criação do Centro Catharinense de Letras.

No período de 1924 e 1925 o governador Hercílio Luz, principal protetor da Academia havia se licenciado do cargo e dentro de poucos meses acabou falecendo. Assumiu o governo o Cel. Antônio Pereira e Oliveira que, embora considerado aliado de Hercílio Luz, não possuía a mesma aceitação pelos membros da Academia. Pereira e Oliveira tratou de organizar seu governo com um grupo mais próximo de seus interesses e começou substituindo José Boiteux, secretário de Justiça e fundador da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, marcando o fim do período hercilista e com ele o apoio a instituições culturais mantidas até então pelos seus aliados, como a própria Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico⁵⁸.

Alguns membros da Academia, descontentes com os rumos que ela tomava sob a tutela de Altino Flores e Othon D'Eça - que pretendiam restringir o seu acesso apenas aos

⁵⁷ ANDRADA, Laércio Caldeira. Os dias passam. In: *Anuário Catarinense para 1956*. Direção de Martinho Callado Jr. (diretor) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano IX, n.9, 1956. p. 96-98.

⁵⁸ CORREA, Carlos Humberto. *História da Cultura Catarinense: o Estado e a Idéias*. Vol. 1. Florianópolis: Edufsc, 1997. p. 159-164.

que julgavam os “maiores” intelectuais, excluindo os ditos “menores” – trataram de organizar uma outra entidade que reunisse os literatos da ilha, o Centro Catharinense de Letras, com total apoio do novo governador. A referência aos considerados “poetas menores” diz respeito a uma longa discussão iniciada em 1920, quando Othon D’Eça escreveu um artigo declarando haver em Santa Catarina apenas oito ou dez legítimos homens de letras, o resto era

uma ciganaria literária de quinta classe, composta por fabricantes de maciças brochuras ou linfáticos folhetos vis, onde os pronomes andam como gatos em saco e os conceitos lembram monólogos idiotas em corredores de manicômios⁵⁹.

Ildefonso Juvenal, prosador e jornalista negro que não recebera convite para ingressar na Sociedade Catarinense de Letras – posteriormente transformada de Academia Catarinense de Letras – rebateu o artigo citando escritores não mencionados por Othon D’Eça e que mereceriam ser incluídos na lista. D’Eça replicou dizendo que se houve esquecimento foi devido aos “fazedores de chatice que entulharam, entupiram sua memória”. Altino Flores saiu em defesa de Othon D’Eça contra Ildefonso Juvenal classificando-o como um “bronco, iletrado, vaidoso, embora se cubra do verniz da modéstia”, que não seguia os “verdadeiros” princípios da literatura e da arte, não podendo “por isso, até hoje, fazer coisa que prestasse... E não o poderá nunca... ⁶⁰”. Para o crítico, um dos culpados seria Cruz e Souza, que, por ser negro e “dar-nos versos admiráveis”, despertou em todos os negros de Santa Catarina “a veleidade de poetas”.

Anfilóquio de Carvalho Gonçalves, um dos membros fundadores da Academia, chamou Othon D’Eça de cafajeste e juntou-se ao Centro Catharinense de Letras. Barreiros Filho, outro membro da Academia que se juntou ao Centro Catharinense, disse que a

⁵⁹ Revista *Terra*. Nº17. 1920.

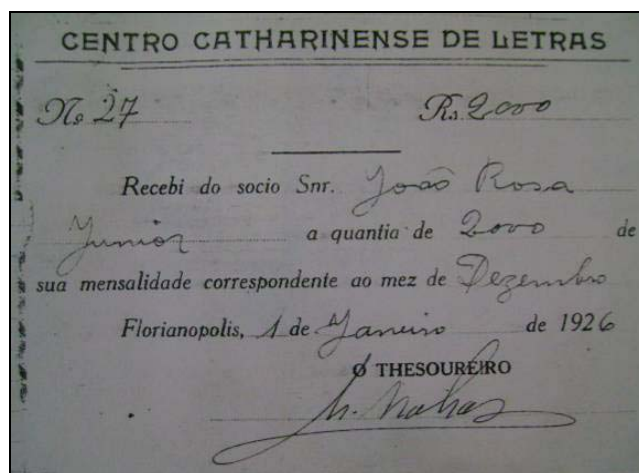
⁶⁰ FLORES, Altino. À sombra de Cruz e Souza. *Revista Terra*, Florianópolis, ano 1, nº 17. 1920. p.7.

Academia era uma “febril colméia de intelectuais”, coxa de nascença que andava “manca, com as mãos no bolso”, referindo-se a um defeito físico de Othon D’Eça⁶¹.

Não havendo melhores condições de convivência entre os homens de letras e as instituições, criou-se em 04 de janeiro de 1925, nas dependências da União Beneficente e Recreativa Operária – UBRO, o Centro Catharinense de Letras, instituição que representou além da ascensão do anti-hercilismo - por estar intimamente identificada com Pereira e Oliveira que custeava sua revista e lhe ofereceu uma sala montada nas dependências da Escola Normal -, a ascensão de intelectuais que não se consideravam “deuses das Letras” e que aceitavam em seus quadros além de nomes já consagrados pela própria Academia como Anfilóquio Gonçalves, Barreiros Filho e Laércio Caldeira de Andrada, nomes como Lupércio Lopes, Nicolau Nagib Nahas, Trajano Margarida, jovens como João Teixeira da Rosa Júnior, negros como Ildefonso Juvenal, mulheres como Maura de Senna Pereira e Antonieta de Barros, além de coligar-se com a Liga do Magistério Catarinense, instituição composta apenas por mulheres.

⁶¹ BARREIROS Fº, apud CORREA, Carlos Humberto. *História da Cultura Catarinense: o Estado e a Idéias*. Vol. 1. Florianópolis: Edufsc, 1997.p. 169-170.

Figura 07 – Recibo de João Teixeira da Rosa Jr., Centro Catharinense de Letras, 1926⁶².



Acervo: Pasta “João Teixeira da Rosa Jr.”, IHGSC.

Na difícil arte de se compreender as lealdades relacionais em meio às querelas intelectuais, contentemo-nos em saber que, aos poucos, as duas instituições foram retomando o diálogo sem agressões. Altino Flores reduziu seus ataques aos membros do Centro, inclusive visitou sua sede, sendo saudado justamente por Ildefonso Juvenal, o mesmo a quem chamara de “bronco, iletrado, vaidoso”.⁶³ Divisões internas começaram a minar a sustentação do Centro, alguns membros voltaram a atuar com maior ênfase na Academia Catarinense, o mecenato do Governador Pereira e Oliveira começou a rarear e aos poucos a instituição sumiu com a mesma rapidez com que havia sido criada.

O episódio ilustra o reconhecimento do “homem de letras” como portador de *status* e distinção. Era necessário ganhar visibilidade, ou como bem percebeu Pedro Bertolino ao comentar a querela que deu início do Centro Catharinense de Letras, foi uma luta por espaço, por demarcação de territórios que promovia agrupamentos intelectuais,

⁶² Apesar do recibo estar em nome de “João Rosa Júnior” refere-se a “João Teixeira da Rosa Júnior”. Não confundir com o poeta negro João Rosa Júnior, contemporâneo de Teixeira da Rosa e igualmente membro do Centro Catharinense de Letras. O recibo em questão foi doado por familiares de Teixeira da Rosa ao IHGSC, como atesta o secretário-geral da instituição, Prof^o Jali Meirinho.

⁶³ CORREA, Carlos Humberto. *História da Cultura Catarinense: o Estado e a Idéias*. Vol. 1. Florianópolis: Edufsc, 1997. p. 174.

transcendendo às instituições⁶⁴. Denota a emergência de novos grupos sociais em espaços anteriormente destinados apenas a uma pequena elite cultural que se fazia valer de suas redes de sociabilidades e amizades relacionais - vivenciada nos clubes, partidos políticos, jornais, na vida social - para ocupar as instâncias de consagração criadas por ela mesma.

Não bastava ser um homem de letras, era preciso parecer e ser reconhecido como tal pelos seus pares. E neste aspecto, João Teixeira da Rosa Júnior a despeito da pouca idade, aparentemente foi bem sucedido. Membro do Centro Catharinense de Letras, tornou-se um jornalista atuante numa época em que o jornalismo, mais do que ser profissão (em que eram poucos os que podiam se dar ao luxo de viver exclusivamente do ofício) era *status* atingido pelos que cultivavam o amor pelas letras. Sob sua liderança a Classe Atalaia ultrapassou os trezentos membros arrolados; o jornal que dirigia obteve sucesso ao dar visibilidade para sua instituição e para seus redatores; os congressos de moços por eles organizados obtiveram audiência e atraíram políticos e a intelectualidade local.

Contudo, a despeito do sucesso da iniciativa, divergências entre o pastor da Igreja Presbiteriana e presbíteros influentes provocaram um cisma na igreja local que pôs por terra sua organização. O epicentro das divergências entre o pastor e os presbíteros era quanto ao método de trabalho deste: o pastor era favorável do culto ao ar livre como meio de conseguir novos adeptos à igreja, os presbíteros não concordavam, fazendo restrições a esse tipo de trabalho⁶⁵.

Tomando conhecimento de tal fato, o Presbitério do Sul mostrou-se favorável ao pastor quanto à pregação ao ar livre, afirmando sua autonomia para tomar decisões. Surgiu assim um grupo dissidente da Igreja a alegar incompatibilidade com o atual pastor. Este grupo dirigiu ofício ao Presbitério Sul em fevereiro de 1929, a solicitar a criação de uma

⁶⁴ BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993. p. 61.

⁶⁵ HACK, Osvaldo Henrique. *A História da Igreja Presbiteriana em Florianópolis, 1898-1930*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: UFSC, 1979. p. 65.

segunda igreja presbiteriana em Florianópolis. Diante da negativa do Presbitério, vinte membros da Igreja apresentaram pedido individual de carta demissionária, entre eles figuras proeminentes como Gervásio Pereira da Luz, Laércio Caldeira de Andrada e João Teixeira da Rosa Júnior.⁶⁶

Em 05 de maio de 1929, o grupo dissidente - que contava um pouco mais de duas dezenas de pessoas - reuniu-se na residência de Gervásio Pereira da Luz onde foi organizada a Congregação Presbiteriana Independente de Florianópolis, que no ano seguinte seria transformada em Igreja Presbiteriana Independente de Florianópolis. Com a Igreja surgia o jornal “A Reforma”, de publicação mensal e tiragem de 500 exemplares, a servir de porta-voz do novo grupo religioso. O jornal foi uma iniciativa conjunta dos jovens encabeçados por João Teixeira da Rosa Júnior e do presbítero Laércio Caldeira de Andrada, que ao lado de Gervásio Pereira da Luz e do Reverendo Sátilas da Amaral Camargo ficaria encarregado da direção dos trabalhos religiosos⁶⁷.

⁶⁶ Idem. p. 67-69.

⁶⁷ Ibidem. p.70.

Figura 08 – Laércio Caldeira de Andrada, jornal A Reforma, 1929.



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Este foi um período de grandes modificações na vida de Teixeira da Rosa Jr. A 21 de Dezembro de 1929 se casava com Olga Luz, tendo por testemunhas Gervásio Pereira da Luz e membros da família Caldeira de Andrada⁶⁸. Fez curso de Guarda-Livros no Instituto Politécnico, sendo em seguida aprovado num concurso público para o Tesouro do Estado. Após o expediente na Receita Estadual, à noite exercia a função de secretário-tesoureiro do Instituto Comercial e ainda retornara ao Ginásio José Brasilício como secretário.

Na Igreja Presbiteriana Independente de Florianópolis, João Teixeira da Rosa Júnior fora eleito presidente de uma nova organização de jovens presbíteros, a Classe Bandeirantes, igualmente sob orientação de Laércio Caldeira de Andrada. Núcleo de moços “revestidos de boa vontade”, os Bandeirantes propunham em sua função social pugnar “pela grandeza do Brasil, por uma mocidade sadia, para uma mocidade melhor”, procurando “estudar e amar o Brasil, a terra e o homem”, promover “bandeiras de

⁶⁸ Certidão de Casamento de João Teixeira da Rosa Jr. e Olga Luz da Rosa. Fls. 59, livro B-13 sob termo nº 84. Cartório Faria, Florianópolis. Acervo Paulo Teixeira da Rosa.

cordialidade, de recreio e de esportes”; e, dirigir “cruzadas de aproveitamento moral e cívico”.⁶⁹

A primeira palestra organizada pela classe foi uma intitulada “Pela grandeza da Pátria”, proferida por Oswaldo Melo⁷⁰, espírita convicto, membro da Academia Catarinense de Letras. Em seguida, palestrou o Dr. Carlos Corrêa, igualmente espírita e membro da Academia Catarinense de Letras, numa conferência subordinada ao título de “Por uma mocidade sadia”. Como Diretor de Higiene do Estado, Carlos Corrêa contribuiu com os bandeirantes em sua intenção de distribuir às professoras prospectos sobre “os maléficos efeitos causados pelo álcool”, a fim de auxiliá-las nas aulas de Higiene⁷¹.

⁶⁹ Jornal *A Reforma*. Fevereiro de 1930.

⁷⁰ Luiz Osvaldo Ferreira de Melo. “Nascido na Desterro a 21 de junho de 1893. Falecido em 1970. (...) Espírita convicto e estudioso, deixou inúmeros trabalhos de pesquisa e doutrina, que publicou em folhetos e em livros. Jornalista e orador, combativo e idealista, participou das lutas políticas, notadamente da Aliança Liberal, movimento percussor da Revolução de 30 (...)”. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.156.

⁷¹ Jornal *A Reforma*. Fevereiro de 1930.

Figura 09 – A Classe organizada Bandeirante, jornal A Reforma, 1931⁷².



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Num período em que integrantes do campo político e econômico da cidade redirecionaram seu capital simbólico – seu “status” – no sentido de interferir ativamente na esfera cultural, João Teixeira da Rosa Júnior aparecia como representante de uma parcela da população que lentamente penetrava nas esferas culturais através de sua constante militância social. Sua atuação na imprensa – que como vimos, apesar de ser um jornal de cunho religioso suas ações extrapolavam os limites da igreja – garantia visibilidade pública e era suporte aglutinador de uma parcela da intelectualidade local.

A agilidade da imprensa, seu caráter mais aberto e democrático, com garantias de uma maior tiragem a baixo custo, fez com que o jornalismo trouxesse uma renovação à cultura letrada, com novos atores e sujeitos a participarem de suas páginas. O espaço da

⁷² De pé, da esquerda para a direita: Alfredo Tromposwsky, David Moura Lima, Jócio Caldeira de Andrada, Eldo Caldeira de Andrada, Jorge Nascimento, Dalmiro Caldeira de Andrada, João Senna, Brígido Machado, João Machado, Antônio Barbosa. Sentados, da esquerda para a direita: Laércio Caldeira de Andrada, Raphael Camacho e João Teixeira da Rosa Júnior. Cf. *Jornal A Reforma*. Abril/Maio de 1931.

imprensa, com a intromissão de grupos sociais anteriormente alheios a seus códigos, fez com que os tradicionais homens de letras da cidade demonstrassem sua capacidade para se institucionalizar procurando tornar-se um poder autônomo dentro das instituições do poder a que pertenceram. Institutos, Academias de Letras, Centros de Letras, centros cívicos-literários, agremiações estudantis e religiosas, classes organizadas buscavam disputar os espaços sociais ao ampliarem seus círculos de difusão através da renovação trazida pela imprensa.

Como diria McLuhan, “a audácia dos tipos criou a audácia da expressão”⁷³. A letra impressa no papel pelo tipo embebido em tinta possibilitou “falar alto e bom som ao próprio mundo”, transmitir mensagens, panegíricos, instruções morais e cívicas, impor opiniões, tecer críticas. O pensamento de McLuhan nos mostra que o nascimento destes homens de letras exprime como a fala e a escrita passaram a se pautar pelo mesmo tom e atitude em relação aos leitores e em relação aos assuntos. Um “equitomo letrado” que capacitou os literatos a se distinguirem na cidade, a manterem um “tom elevado”, civilizado, mesmo em discursos contundentes como os mais raivosos de Altino Flores.

O meio da cultura letrada em que João Teixeira da Rosa Júnior se inseriu aparece como uma alavanca de ascensão social (oriundo de meios modestos, saiu do comércio para se formar em guarda-livros e ocupar cargos públicos por concurso), da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros do poder, mesmo que este poder seja o acúmulo de um capital simbólico. Esta visão idealizada das funções intelectuais ajudou a fixar mitos sociais derivados do uso da letra. O “homem de letras” é aquele que alcança posições mais respeitáveis e admiradas, aquele capaz de se organizar em classes, formar opiniões, assumir qualidades morais, escrever e tornar público.

⁷³ McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 203.

Figura 10 – Livro “Por uma Santa Catarina culta!”, de Laércio C. de Andrada.



Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

No caso de João Teixeira da Rosa Júnior, lutar por “uma Santa Catarina culta” ao lado de Laércio Caldeira de Andrada e de outros confrades presbíteros. O futuro livreiro pertenceu a uma geração de homens de letras que cultivavam o “mais belo sonho da Cultura Literária⁷⁴”, que acreditavam que a “redenção do Brasil” se daria pela “cultura”, faziam uma exortação da educação numa época em que Santa Catarina engatinhava em direção a fundação de centros de estudos de ensino superior, como a Faculdade de Direito (1931).

⁷⁴ FLORES, Altino. Laércio Caldeira de Andrada. In: Revista *Signo*. N° 04. Ano IV. 1971. p.117.

Muitos dos intelectuais desta geração - como Altino Flores e João Teixeira da Rosa Júnior - não possuíam o título de bacharel. De origem modesta, desde muito cedo foram obrigados a proverem seu sustento, não sendo possível demandar a outros centros em busca de formação universitária. O lastro de cultura que conseguiram formar ao longo dos anos era fruto exclusivo dos seus esforços pessoais. O autodidatismo se destaca quando se considera sua cultura humanística e literária, acima das expectativas do horizonte cultural do meio social de origem.

Como homens de letras que se tornaram, assumiram para si a responsabilidade de promover a cultura letrada, fazer circular a cultura impressa, fomentar iniciativas educacionais⁷⁵. Conforme Laércio Caldeira da Andrada, uma geração que se definia como “a geração de maior responsabilidade da nossa história” por viverem numa “época de mais alta fermentação ideológica da vida nacional⁷⁶”, a atravessar, em 1936, o Governo Institucional de Getúlio Vargas (1934-1937) e às portas do golpe de Estado que o manteria no poder até 1945. Período em que ideologias diversas destacavam-se na vida pública do país como o Manifesto à Nação da Ação Integralista Brasileira (AIB), de Plínio Salgado e Miguel Reale – capitaneados em Santa Catarina pela figura exponencial de Othon D’Eça; a expansão da Aliança Nacional Libertadora (ANL) a reunir grupos de variadas tendências como os sociais-democratas, socialistas, anarquistas, comunistas e que, reprimida pelo Governo Vargas, culminaria com a eclosão da Intentona Comunista, em 1935⁷⁷.

⁷⁵ E, no caso de João Teixeira da Rosa Júnior, soma-se ainda as razões religiosas oriundas de sua forte atuação nas hostes da Igreja Presbiteriana.

⁷⁶ ANDRADA, Laércio Caldeira. *Por Santa Catarina culta!* Florianópolis: Centro Acadêmico XI de Fevereiro, 1936. p. 08.

⁷⁷ Qualquer tentativa de “contextualização” do período, ainda que de forma excessivamente breve como neste caso, não poderia deixar de mencionar as transformações ocorridas no chamado “período entre-guerras”, como os acontecimentos da Semana de Arte Moderna de 1922, os investimentos governamentais na educação primária, as mudanças no código eleitoral brasileiro, o desenvolvimento da Universidade de São Paulo (USP), os embates intelectuais de correntes antagônicas como o pensamento de Oliveira Vianna e Alberto Torres e os pontos de vista sociológicos que se imporiam a partir de fins da década de 1930, com o lançamento de obras como as de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e de Caio Prado Júnior, etc. Cf.

Estes escritores fizeram parte de uma geração que, como bem definiu Sevcenko, experimentaram “a vigência e o predomínio de correntes realistas de nítidas intenções sociais⁷⁸”, fizeram de seu exercício intelectual - e religioso, como no caso de Teixeira da Rosa - uma atitude política de atuação no meio em que estavam inseridos. A mesma *Belle Époque* que colocou abaixo os casarios que João Teixeira da Rosa Júnior via de sua janela no bairro da Tronqueira, inspirou as linhagens intelectuais calcadas no utilitarismo, liberalismo, positivismo, no humanitarismo em voga. Neles, assentaram seus conceitos éticos, difundidos com o incremento da imprensa.

Estes homens tinham o que Sevcenko chamou de “impulso de colaborar”, de escrever no palimpsesto da cidade com a tinta de abstratos universais que serviam de referência básica a sua produção artística, como as noções de humanidade, nação, bem, verdade, justiça, solidariedade. João Teixeira da Rosa Júnior não assumiu a “literatura como missão”, pois fora suas colaborações jornalísticas e um livro sobre vendas e consignações, não deixou outra produção escrita⁷⁹. Mas, em comum com os literatos de seu tempo, manteve o anseio de intervir na ordenação de sua comunidade. Por “Cristo e pela Pátria”, e por uma “Santa Catarina culta”, não causa estranhamento a escolha de abrir uma livraria e transformar-se num semeador de livros.

CANDIDO, Antônio. “O significado de Raízes do Brasil”. In: HOLLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. R.J.: José Olympio, 1978.

⁷⁸ SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 31.

⁷⁹ Organizou em parceria com Adolfo Silveira o livro “Vendas e Consignações”, coletânea de leis e regulamentos sobre o Imposto Estadual.

CAPÍTULO 02

LIVRARIA ROSA: REDUTOS LITERÁRIOS E SOCIABILIDADES INTELECTUAIS

Todo o movimento na Terra baseia-se essencialmente em duas invenções do espírito humano: o movimento no espaço pelo descobrimento da roda rolante em torno de seu eixo, e o movimento espiritual pelo descobrimento da escrita.

(Stefan Zweig)¹

Para o escritor Stefan Zweig, o indivíduo anônimo que primeiro curvou a madeira dura para formar a camba ensinou toda a humanidade como vencer a distância entre terras e povos, e "nenhuma terra viveu então sozinha, mas em relação com todo o mundo"². Justamente como a roda, aperfeiçoada em todas as suas formas técnicas, a escrita é apresentada como porta de entrada para o mundo, o veículo que faz transpor a limitação do conhecimento das almas solitárias: "através do livro ninguém está mais murado sozinho dentro de si próprio, mas pode participar parcialmente de todo acontecimento presente e passado, de todo o pensamento e sentimento da humanidade"³.

¹ ZWEIG, Stefan. "O livro como entrada para o Mundo". In: _____. *Encontro com Homens, Livros e Países*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1942. p.283.

² Idem.

³ Ibidem.

Na visão romântica de Stefan Zweig ler é para nós, “filhos e netos do século da escrita” um automatismo, uma função quase corporal, e o livro, porque nos fica na mão desde os tempos da escola é quase uma parte de nós mesmos. Pega-se um livro tão naturalmente como se pega uma pedra ou uma luva. Tudo o que é facilmente alcançável perde muito de si e apenas nos momentos verdadeiramente contemplativos de nossa existência aquilo que era habitual e ordinário transforma-se novamente em admirável.

Grosso modo, o livro é um retângulo cartonado vendível, apreçado, jaz atrás de vitrines, disposto em estantes como uma mercadoria qualquer. Não obstante, ao mesmo tempo em que é um objeto (mercadoria) é também uma abstração, uma “herança cultural”. Nesta medida, para se esboçar uma história da circulação da cultura letrada, da circulação das idéias, torna-se necessário tentar compreender uma ampla gama de atividades humanas envolvidas nos processos de produção, edição e circulação do livro, cujos afazeres nos proporcionam analisar a “base material da comunicação do pensamento”⁴.

Mais especificamente neste trabalho, busca-se visualizar a circulação da cultura impressa na cidade de Florianópolis e o papel de uma casa de livros - a Livraria Rosa - neste circuito. Para tal intento, torna-se imprescindível o estudo do mediador entre o livro e o leitor, o agente possuidor dos canais de comercialização, ou como definiu Zweig, aquele que possuiu e difunde os objetos de leitura, as “portas de entrada para o mundo”: o livreiro.

Após passar os últimos anos da década de 1920 e grande parte da década seguinte com uma constante atuação nos meios de comunicação e na organização das “sociedades de moços” presbiterianos, a partir dos anos 1940 - ao longo dos anos que se seguiram - João Teixeira da Rosa Júnior galgou os degraus da carreira no funcionalismo público. Após ser aprovado, por concurso, como funcionário do Tesouro do Estado, tornou-se representante da instituição junto ao Departamento Estadual de Estatística; foi Coletor

⁴ NASCIMENTO, Maria das Graças apud DELGADO, Maria Cristina. *Cartografia Sentimental de sebos e livros*. BH: Autêntica, 1999. P.28.

Estadual, Inspetor de Coletorias e diretor administrativo do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, a ocupar, no Conselho Deliberativo deste Departamento, o cargo de Secretário. Participou ainda, acionariamente, na firma comercial que representava as indústrias Renner de vestuário e calçados, em Florianópolis⁵.

Figura 11 – João Teixeira da Rosa Júnior, 1939.



Acervo: IHGSC.

A idade, o casamento, o nascimento dos filhos, sua vida de funcionário público deixaram para trás os tempos de jovem atalaia e os jornais presbiterianos aos poucos pararam de circular. Contudo, não deixou de ser um homem de letras pertencente a uma geração fomentada na *belle époque* que, como vimos no capítulo anterior, se via imbuída dos princípios abstratos universais calcados nas noções de humanitarismo, patriotismo, ética e promoção da cultura letrada e de iniciativas educacionais.

⁵ Dados obtidos através de análise do currículo profissional de João Teixeira da Rosa Jr. encontrado no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e escrito por seu filho Hélio Teixeira da Rosa.

Após sua experiência como redator de jornal, João Teixeira da Rosa Júnior integrou a Associação Catarinense de Imprensa, fundada por Altino Flores a 31 de julho de 1932, em Florianópolis. Concomitante a seu emprego público atuou como redator do “Indicador Profissional-Comercial”, espécie de guia contendo os endereços dos empregados públicos de todas as repartições nos municípios do Estado, as firmas dos comerciantes industriais e profissionais, horários dos meios de transporte e outras informações julgadas necessárias⁶.

Em 1938, João Teixeira da Rosa Júnior acabou por abrir uma firma de representação, tipo de empresa comum à época em que os precários meios de transporte e as más condições das estradas aumentavam as distâncias entre as cidades, em especial entre as cidades do interior com a capital do Estado, sede administrativa e burocrática. Impossibilitado de abrir uma firma comercial em seu nome por ser funcionário público, a firma foi registrada em nome de sua esposa, Olga Luz da Rosa, com o nome comercial de “O. L. Rosa”.

Com um capital de giro inicial de cinco contos de réis, a empresa começou a funcionar em dois de janeiro de 1938⁷. Dentre os serviços nas repartições públicas oferecidos pela empresa estava o recebimento de vencimentos, de juros de apólices, aluguéis de casas, registro de firmas, de diplomas, serviços de cartório, extração de certidões, pagamentos de impostos. Intermediava empréstimos para a construção, aquisição e reforma imobiliária em qualquer município do Estado, além do serviço de cobrança de contas em geral, por meios amigáveis ou judiciais. Nos panfletos de publicidade, fazia

⁶ Cf. Certidão de sócio da Associação Catarinense de Imprensa, 06/10/1938, Pasta “João Teixeira da Rosa Jr.”, gaveta “Sócios Falecidos”, acervo do IHGSC.

⁷ Cf. Declaração para Registro de Firma em nome de Olga Luz Rosa, lavrada na Junta Comercial do Estado de Santa Catarina sob o nº 3914, fls. 118 do livro 07, em 12 de março de 1938. Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

parceria com a “Pharmácia e Drogaria da Fé”, de João Di Bernardi, cujas compras por intermédio da O. L. Rosa gozavam de desconto no preço original.

Figura 12- Folheto de publicidade da firma O. L. Rosa, frente.

Deseja Alguma Causa?

Serviços nas Repartições Publicas: - Recebimentos de vencimentos, de juros de apólices, de alugueis de casa. Registro e firmas na Junta Comercial; de diplomas no Instituto de Educação; de farmácias na Diretoria de Higiene; de Estatutos em Cartório; Estrações de certidões de idade, casamento, e outras: Pagamentos de impostos; etc.

Compra de quaisquer produtos: de farmácia, perfumaria, ferragens, lavoura, comércio, e outras; Compra de Figurinos, Romances, Livros didáticos, livros de direito, e outros; confecção de carimbos de borracha;

Assinaturas de Jornais da Capital ou do Interior, ou publicação de anúncios nos mesmos, com direito a valiosos brindes.

Dinheiro, sem Juros quasi, para construção, aquisição e reconstrução de casas na sede de qualquer município do Estado.

Cobrança de Contas em geral, por meios amigáveis ou judiciais.

Informações sobre qualquer assunto, guardando-se o maior sigilo.

Propaganda por meios modernos e eficientes.

etc. etc. etc.

Não fique dependendo da boa vontade de seus amigos que são sempre muito ocupados e, muitas vezes, bastante esquecidos.

Escreva imediatamente dando suas ordens á firma

O. L. ROSA
RUA DEODORO, 33 -- FLORIANOPOLIS

NOTA - A alguns dos serviços apontados fazemos GRATUITAMENTE, bastando enviar o selo para a resposta. Os demais executamos-o mediante pagamento de uma taxa muito reduzida.
Escreva com bastante clareza o seu nome e endereço.

Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

Figura 13 - Folheto de publicidade da firma O. L. Rosa, verso.

Pharmacia e Drogaria da Fé
ESTABELECIDADA EM 1920

Grande e variado sortimento de drogas, productos químicos, especialidades pharmaceuticas, productos officinaes e industriais, sôros, vacinas, productos opotherapicos, perfumarias, artigos dentarios, accessorios e artigos de borracha.

DEPOSITARIO DAS AFAMADAS ESSENCIAS CONCENTRADAS MARCA PARISODOR para preparar em casa extractos e loções.

DISTRIBUIDORA DA PASTA «RIO DE JANEIRO» verdadeiro ereme dentifricio, antiseptico saponaceo e perfumado.

PREÇOS MODICOS
Manipulação rigorosa com drogas puras, das melhores procedencias e de accordo com a Pharmacopéa Brasileira.

MATRIZ:
RUA TRACARD, 6 - PHONE 1041

FILIAES:
PRACA 15 DE NOVOEMBRO, 21 - PHONE 1032
Rua Conselheiro Mafra, 35 - Phone 1538
FLORIANOPOLIS

Proprietario:
João Di Bernardi
(Pharmaceutico e Droguista)

Homeopathia Confiança
O MAIOR FRASCO PELO MENOR PREÇO - 1922
Proibida com Medalha de BRONZA na Exposição Internacional do Centenario de 1922
Medalha de ouro na 1.ª Feira de Productos e Industria de Campinas, 1922
grande medalha de Honra concedida pela Junta Agricola de Villa Rica da cidade de Rio de Janeiro, 1924

As compras a dinheiro, por intermedio de O. L. ROSA, rua Deodoro, 33, gosam do desconto de 2%, segundo os preços marcados.

Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

A empresa intermediava compras em farmácias, perfumarias, lojas de ferragens, lavoura, roupas e no comércio em geral. Logo passou a intermediar também a compra de livros didáticos, livros de direito, romances, assinaturas de jornais da capital e do interior e a publicação de anúncios nos mesmos. A intermediação da compra destes livros, jornais e revistas foi o embrião de um projeto que João Teixeira da Rosa Júnior aos poucos gestava. Passou a adquirir livros usados de amigos, desconhecidos, viúvas e filhos que vinham se desfazer da biblioteca familiar. Os livros ficavam armazenados no sótão da pequena residência na Rua Deodoro, número 33, e ali aguardavam sua hora de vir á luz.

2. 1. RUA DEODORO, 33: A LIVRARIA ROSA E AS LIVRARIAS DA ILHA.

Em 1935, três anos antes da abertura da firma, João Teixeira da Rosa Júnior havia adquirido, por financiamento da Caixa dos Funcionários Públicos, uma residência situada na Rua Deodoro, número 33. A Rua Deodoro está inscrita entre quatro quadras e principia na Rua Conselheiro Mafra e finaliza-se na Rua Presidente Nereu Ramos. Horizontalmente é cortada pelas ruas Conselheiro Mafra, Felipe Schmidt, Tenente Silveira e Vidal Ramos, estabelecendo-se no núcleo central por onde a cidade gravitava, próximo às principais vias comerciais, a poucas quadras dos principais órgãos públicos administrativos, religiosos e a poucos metros do mar e do porto.

Para Hélio Teixeira da Rosa⁸, filho mais velho de João Teixeira da Rosa Júnior, a Rua Deodoro da família Rosa nascia no trapiche da Hoepcke, passava ao lado do primeiro Galpão do Mercado Público e pela Pensão Kowalski. Após o segundo galpão do Mercado Público, passava na esquina pela Casa Veneza, de Manoel Maia, pelos imponentes prédios da firma Hoepcke, pelas firmas de ferragens de Brando & Cia e artefatos de cimento Faraco; prosseguindo pela Igreja São Francisco, pelas casas residenciais, pela venda de secos e molhados, a serraria de lenha em toros e a fábrica do “Café Vesúvio” de Francisco Nappi e terminava ao lado da casa da família Simone, frente aos muros do Grupo Escolar Lauro Müller, nos altos do “Morro do Chico Nappi”.⁹

⁸ Hélio Teixeira da Rosa (1931-2000). Filho de João Teixeira da Rosa Júnior e Olga Luz da Rosa. Bancário, maestro e pesquisador da história musical catarinense. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, instituição responsável pela publicação – póstuma – de seu livro “Dicionário da Música em Santa Catarina”, em 2002.

⁹ ROSA, Hélio Teixeira da. *Rua Deodoro em Florianópolis*, 1999. [Originais de um esboço de livro que viria a ser publicado por Hélio Teixeira da Rosa, interrompido devido ao seu falecimento]. Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

Figura 14 – Rua Deodoro, altos do “Morro do Chico Nappi”, década de 1920.



Acervo do IHGSC.

O escritor Adolfo Boos Júnior¹⁰, sobrinho de Teixeira da Rosa, relembra o tempo de infância quando ia visitar sua tia Olga e via no sótão da casa dos tios um amontoado de livros guardados:

Lembro-me da casa deles, na rua Deodoro, 33 [...] A casa tinha duas janelas e uma porta. Logo depois da porta tinham três degraus e um corredor muito comprido que abria para a sala da frente, sala de visitas, a sala de jantar, havia os quartos que ficavam do outro lado e esse corredor terminava numa cozinha e numa áreazinha que era o quintal deles, que era muito pequeno. Na sala de jantar se subia para o sótão. E lá tinha pilhas e pilhas de livros que o João já estava comprando para abrir o sebo. [...] ¹¹

A livraria de João Teixeira da Rosa Júnior começou a funcionar em 1944. Como inicialmente não dispunha de capital para comprar livros e mantê-los em estoque, a loja começou como um sebo, com a mercadoria - os livros acumulados no sótão - colocada na

¹⁰ Adolfo Boos Júnior. Nascido em Florianópolis em 16 de março de 1931. Escritor e bancário aposentado. Integrou o Grupo Sul. Publicou, entre outras obras: Teodora (1956, Sul, Fpolis); As Famílias (1980, FCC, Fpolis); A companheira noturna (1986, Melhoramentos, São Paulo); Quadrilátero (1986, Melhoramentos, São Paulo); O último e outros dias (1988, Edufsc, Fpolis); Um largo, sete memórias (1997, Edufsc, Fpolis); Presenças de Pedro Cirilo (2001, Letras Contemporâneas, Fpolis) e Burabas (2005, Movimento, Porto Alegre).

¹¹ Entrevista com o escritor Adolfo Boos Júnior, concedida ao autor em sua residência na rua Paschoal Simone, bairro de Coqueiros, Florianópolis (31/07/2007).

sala da frente de sua residência. A estrutura era simples, um balcão e as prateleiras na parede do que fora anteriormente a sala de visitas da sua casa:

Um balcão e umas prateleiras cheíssimas de livros onde o tio João conversava com a gente, dava atenção, falava de autores, etc. [...] Esses livros ele comprava de pessoas que queriam se desfazer de biblioteca... Por exemplo, em toda casa sempre tem um que lê muito. Não é sempre que todos lêem. Então, quando morre, a família se dispersa, tem que deixar a casa e acaba se desfazendo dos livros. Eu me lembro de pilhas e pilhas de livros velhos [...].¹²

Figura 15 – Desenho de Hélio Teixeira da Rosa. Residência da Rua Deodoro, nº33.



Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

Em 1944, ano de início das atividades da Livraria Rosa, havia cinco estabelecimentos em Florianópolis que comercializavam livros: as livrarias Central,

¹² Idem.

Moderna e Progresso, na rua Felipe Schmidt; a Catarinense, na rua Conselheiro Mafra; e, a Casa 43, na rua João Pinto. Entretanto, nenhuma delas dedicava-se exclusivamente ao comércio de livros, algumas possuíam um acervo maior de obras, outras nem tanto, mas todas tinham em comum o fato de serem especialmente grandes papelarias dedicadas, sobretudo, a venda de todo tipo de material concernente à cultura escrita, desde lápis, papel, canetas, tinteiros, carimbos, a jornais, revistas, livros, brinquedos, material escolar e fotográfico.

Como visto no primeiro capítulo, desde o século XIX os livros disputavam espaço nas estantes com outros objetos, além de serem comercializados no interior das próprias casas tipográficas. Nas últimas décadas daquele século, com um incipiente incremento da vida urbana e uma maior especialização das casas comerciais, começaram a surgir – tanto em Florianópolis quanto em outras cidades do país - estabelecimentos que se autodenominavam “livrarias”.

Uma das primeiras que se tem notícia em Florianópolis foi a Casa Firmo, “livraria, papelaria e objetos de escritório” situada na Rua da República (atual Felipe Schmidt), nº05, em 1896. Segundo anúncio publicitário possuía, além de livros,

[...] papéis, músicas, cromos, artigos de escritório e desenho, comédias, dramas, poesias, dicionários, livros colegiais, de direito e religião, romances, cartões de visita e comerciais de diversas cores, máquinas de copiar, Chernoviz, papel de música, fotografias, livros em italiano, quadros para retratos, objetos para presentes, porta fios para embrulho e as magníficas penas Soennecken para todos os feitos de letras. Todos os artigos deste ramo de comércio dos mais modernos e elegantes se encontram nesta casa. Recebe-se encomendas para livros, deixando-se o competente sinal, que não será restituído se não for recebido o livro encomendado.¹³

¹³ *Almanach Catharinense para o anno de 1896* [o volume consultado na BPESC encontra-se sem capa e sem folha de rosto]. P. 166.

Figura 16 – Livraria Casa Firmo, 1896¹⁴.



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

A Casa Firmo funcionava também como agência de assinaturas de jornais como “A Notícia” e “O Paíz”, cujos assinantes para o ano de 1897 poderiam escolher um livro do acervo da livraria como brinde. Entre os livros citados, encontrava-se romances como: *O médico vermelho* e *Os dramas da idéia*, de Ponson do Terrail; *Mysterios de Pariz*, de F. du Noisgobey; *Na senda do crime*, de E. A. Koenig; *O crime*, de Gabriel d’Annunzio; as *Aventuras Prodigiosas de Tartarin de Tarrascon*, de A. Daudet; *O sonho*, de Zola; *Vogando* e *Pedro e João*, de Guy de Maupassant; *Sérgio Panine*, de George Ohnet; romances de autores brasileiros como *A carteira de meu tio*, de Joaquim Manoel de Macedo; *Miragem*, de Anselmo Ribas (Coelho Netto); e *Encarnação*, de José de Alencar¹⁵.

Dentre os outros gêneros ofertados, havia as *Poesias*, de Gonçalves Dias; *Humorismos – Bellas Páginas Alegres*, de J. Guerra (Urbano Duarte); *Canções do Outono*, versos de Lúcio de Mendonça; *Na Europa Latina*, crônicas de Gustavo Penna; *Demônios*, contos de Aluizio Azevedo; *Crônicas e Novelas* de Olavo Bilac; *No paíz dos Yankees*, de

¹⁴ Idem.

¹⁵ Jornal *O Repórter*. 25/01/1897.

Adolpho Caminha; *Alma Primitiva*, contos de Magalhães de Azevedo; e *Mares e Campos*, contos do filho da terra Virgílio Várzea, editado em 1895 pela Garnier.¹⁶

Contemporâneo à Casa Firmo foi o Gabinete Sul-Americano, casa tipográfica situada na Rua Trajano, nº10 e que funcionou até meados da década de 1910 a oferecer:

Completo sortimento de livros de instrução, romances e livros em branco. Grande variedade em cartões de felicitação, cromos e oleografias. Álbuns para retratos, livros de missa, papel a fantasia, dito de seda, dito de cores, etc. Escrivaninhas, tinteiros, lapizeiras, canetas, penas, lápis, copiadores, notas em branco, etc. Loja de papel e objetos de escritórios. Tipografia, Livraria, Pautação e encadernação. A dinheiro.¹⁷

De propriedade de Francisco de Assis Corrêa, foi freqüentada pelas então “almas juvenis” de Altino Flores, Haroldo Calado, Othon D’Eça, Francisco Teotônio Alves, José d’Acampora, Laércio Caldeira de Andrade em busca de livros da “Collecção Econômica”, que anunciava “livros para todos” de autores como Alphonse Daudet, Emile Zola, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Edmond e Jules de Goncourt, Pierre Loti, D’Annunzio, Gorki, Turgueniev e outros, traduzidos em edições portuguesas.¹⁸

Séries de lançamentos como a “Collecção Econômica” - a anunciar “leitura para todos” - garantiam uma ampla distribuição das obras a custo baixo e com uma grande variedade de títulos, a contribuir para popularizar o acesso aos livros. A longa lista de obras e autores traz inúmeros sucessos de venda, romances, livros de crime e mistério cujas narrativas promoviam uma identificação do público leitor com a vida de suas personagens, tributaram na criação de códigos de conduta para a vida real ao disseminar discussões de natureza ética, religiosa, intelectual, moral e estética.

¹⁶ Idem.

¹⁷ *Anuario de Santa Catharina para 1900, com traços biographicos do illustre catharinense Feliciano Nunes Pires, enriquecido com escolhida parte litteraria, anedoctas e muitas materias de utilidade publica, organizado por Firmino Costa - primeiro anno*. Florianópolis: Gabinete Sul-Americano [editor: Francisco d'Assis Costa], [1899];

¹⁸ FLORES, Altino. Laércio Caldeira de Andrade. In: *Revista Signo*. Nº 04. Ano IV. 1971. p.115.

Figura 17 – Anúncio publicitário reproduzindo a fachada do Gabinete Sul-Americano, 1910¹⁹.



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Ao longo das primeiras décadas do século XX o que se registra é o aumento contínuo destes estabelecimentos e a fluência ao negócio da cultura escrita por outros comerciantes. Surgem outros estabelecimentos gráficos como a tipografia Gutenberg, tipografia d'O Dia, tipografia do Povo, a Oficina Gráfica d'A Phenix, a Tipografia Brazil, a tipografia da Escola de Aprendizes Artífices, o Gabinete Tipográfico São José, o Gabinete Tipográfico da Folha Nova; e outras casas comerciais como a Livraria Democrata, na Praça XV de Novembro, e a Livraria Cysne, situada à rua 28 de Setembro, nº08 (atual Vidal Ramos), cuja tipografia foi muito atuante durante a década de 1920,

¹⁹ *Almanach de S. Catharina para o anno de 1910, publicado sob a direcção do Dr. J.Thiago da Fonseca - anno I.* [S.l..p.]: [s.c.p], [1909].

período em que Hercílio Luz era Governador do Estado, passando a editar, inclusive, a Revista Terra, publicação da Academia Catarinense de Letras²⁰.

A julgar pelo número de obras editadas, os anúncios nos jornais e a longa duração de suas atividades, as duas principais livrarias deste início do século XX em Florianópolis foram as livrarias Central e Moderna - ambas em funcionamento à época do início das atividades da Livraria Rosa, mas como veremos adiante, numa conjuntura diferente dos seus tempos áureos.

Tal qual a antiga Livraria Cysne do alemão Mathias Müller von Schönebeck, tanto a Central quanto a Moderna foram livrarias fundadas por imigrantes ou descendentes diretos de imigrantes. A Livraria Central foi fundada em 1910 por Alberto [Albert] Entres e seu irmão Godofredo [Gottfried] Entres, inicialmente como papelaria. Pouco mais tarde tem suas atividades ampliadas com a aquisição de uma tipografia e a agregação dos trabalhos de encadernação, pautaçaõ, fábrica de carimbos de borracha, além da importação de produtos como brinquedos, canetas, tinteiros, clips, utensílios musicais, partituras, máquinas de escrever, cartões-postais; e ao comércio de livros em língua portuguesa (sobretudo livros didáticos) e estrangeira (em especial livros e jornais alemães, mas também em língua inglesa e francesa).²¹

Da tipografia dos irmãos Entres saíram importantes trabalhos da história editorial da ilha, em especial durante as décadas de 1920 e 1930, período do auge das atividades do estabelecimento. De suas oficinas saíram as reimpressões de *Assembléia das Aves*, de Marcelino Antônio Dutra (1921, original de 1847) e da *Memória política sobre a capitania*

²⁰ Numa época em que as publicações, em geral, não andavam independentes dos auspícios oficiais, a Livraria Cysne publicou obras de autores hercilianos e/ou ligados ao Partido Republicano como De Hollanda Cavalcanti, Altino Flores, Laércio Caldeira de Andrada, os irmãos Boiteux, Barreiros Filho e professor Henrique Fontes que, à época, publicou pela tipografia a primeira edição de suas cartilhas escolares da Série Fontes.

²¹ ENTRES, Gottfried. *Der Staat Santa Catarina in Vergangenheit und Gegenwart unter besonderer Berücksichtigung des Deutchtums. Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier Deutscher Einwanderung in Santa Catarina*. Florianópolis: Livraria Central, 1929.

de Santa Catarina, de Paulo Jozé Miguel de Brito (1932, original de 1829). Publicou de autores populares como Trajano Margarida (*A fome e a sede no Ceará*, de 1919) a membros da elite cultural e política da cidade como os irmãos Henrique Boiteux (a monografia *Os municípios de Tijucas Grande e Porto Belo*, em 1928) e José Boiteux (*Oeste Catharinense*, 1931 e *Águas Passadas*, 1932).

Figura 18 – Anúncio publicitário da Livraria Central, 1929²².



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

A Livraria Central começou a perder espaço no comércio local justamente no período em que a Livraria Rosa havia sido fundada, ou seja, durante a década de 1940. Os motivos que levaram a este declínio de suas atividades estão relacionados à conjuntura política pela qual o Estado de Santa Catarina atravessou naquela década, envolto nas tensões entre brasileiros e alemães durante a Segunda Guerra Mundial e a força da campanha de Nacionalização.

Sob o comando de Nereu Ramos, houve em todo o território estadual a “suspeição/demonização” dos alemães pela imprensa de forma explícita, veiculando artigos a apresentar os estrangeiros e descendentes como inimigos do país e prováveis

²² Cf. Idem. P.304. “Livros e jornais alemães. A Livraria Central facilita em favoráveis condições”.

colaboradores do Eixo, a deflagrar um clima de violência em cidades como Blumenau, Joinville, Florianópolis e outras.

Estabelecimentos comerciais de alemães e descendentes começaram a sofrer boicotes silenciosos com o súbito desaparecimento de fregueses habituais, temerosos de serem associados aos alemães²³. Tendo sua livraria sido alvo, por duas vezes, de apedrejamentos durante manifestações populares extremadas²⁴, Alberto Entres alterou – não se sabe se de forma espontânea ou forçado pela pressão popular –, momentaneamente o nome de sua *Livraria Central* para *Livraria Baependi*²⁵, em homenagem ao navio brasileiro afundado por submarinos alemães na costa do nordeste. Assim como a livraria, outros estabelecimentos comerciais de alemães e italianos tiveram seus nomes alterados.

Segundo Marlene de Fáveri, quando estourou a guerra alguns alemães e italianos, apesar de não serem presos, eram afastados da cidade. Entre eles, Alberto Entres, enviado a cidade de Bom Retiro no interior do Estado, onde permaneceu por um ano e meio junto com mais seis alemães acomodados no Hotel Probst²⁶. Um baque ainda maior no funcionamento da Livraria Central ocorreu com a prisão de Alberto Entres em Bom Retiro, acusado de desrespeitar as leis de nacionalização – que proibia aos alemães qualquer tipo de manifestação cultural, inclusive a utilização de sua língua – ao cantar na noite de Natal a canção “Noite Feliz” em alemão.

²³ FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Univali; Florianópolis: Edufsc, 2004. p.390.

²⁴ MATOS, Felipe. Conflitos interétnicos, patriotismo quebra-vidraças e a Livraria Central de Alberto Entres. In: *Blumenau em Cadernos*. Tomo XLVII, Janeiro/Fevereiro de 2006, nº1/2. P.50-70. Conflitos interétnicos também ocorreram durante a Primeira Guerra Mundial em todo o Estado, inclusive a Livraria Central foi alvo dos protestos por parte da população que apedrejou suas vidraças e tentou, sem sucesso, invadir o seu interior. Um outro incidente envolveu a Livraria Cysne do alemão Mathias Müller von Schönebeck que teve sua tipografia parcialmente destruída após recusar-se a imprimir artigo contrário ao kaiser (República, 23/095/1919).

²⁵ Jornal *O Estado*. 20/08/1942.

²⁶ FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Univali; Florianópolis: Edufsc, 2004. p.243.

Em 21 de junho de 1943, quase seis meses após o ocorrido, todos os alemães foram absolvidos da acusação, inclusive Alberto Entres²⁷. Como era de se esperar, a livraria Entres enfrentou dificuldades para manter-se neste período. Poucos anos depois do fim da Segunda Guerra morria Alberto Entres, e com ele, sua Livraria Central, transformada em Livraria e Papelaria Record, no início da década de 1950. Seu irmão, Godofredo Entres, tentou manter-se no ramo, instalando, em 1948, no Estreito, a Livraria Internacional “A Ponte”, distribuidora e editora de publicações nacionais e estrangeiras, mas não chegou a obter o mesmo sucesso dos tempos de Livraria Central.

Figura 19 – Anúncio da Livraria Internacional “A Ponte”, 1948.²⁸



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Já a Livraria Moderna, à época da fundação da Livraria Rosa enfrentava um período de transição de proprietários e reconfiguração de suas atividades. A livraria foi fundada em 1896 pelo italiano Paschoal Simone²⁹ que se estabeleceu em Florianópolis

²⁷ Idem. p.245-246.

²⁸ *Anuário Catarinense para 1948*. Direção de Martinho Callado Jr. (diretor de redação) e João da Mata Bouson (diretor-gerente). [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.

²⁹ Paschoal Simone. Natural da Itália veio como imigrante para o sul do Estado. Casou com Eugenia Gallois, francesa, irmã do engenheiro E. Gallois. Teve descendência. Cf. BOITEUX, Lucas A. *Prosápia Florianopolitana*. Vol. III. Florianópolis: IHGSC, 1999. p.71.

como um próspero comerciante, foi proprietário - além de livraria e tipografia - do Cinema Casino³⁰, um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF)³¹ e durante anos atuou junto ao consulado italiano no Estado.

Figura 20 – Anúncio da Livraria Moderna, de Paschoal Simone. ³²



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

No mercado editorial da cidade começou a atuar ainda no final da década de 1890 com a publicação de Mensagens, Relatórios, coleções de leis e decretos e diversos documentos governamentais. Publicou por sua tipografia a vapor o primeiro número da *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* (1902), o *Mappa Geral de Exportação do Estado de Santa Catharina de 1892 a 1901*, organizado por Francisco Campos da Fonseca Lobo (1902); o *Anuário Catharinense para 1904*, organizado por José Boiteux; a *Chorographia de Santa Catharina*, de José Vieira da Rosa (1905); a monografia de Pedro Trampowsky Taulois sobre o município de *Palmas (Santa Catharina)* em 1907; entre outros.

³⁰ Cinema Casino, empresa de Paschoal Simone & Filhos. Praça XV de Novembro, nº 25. Cf. Jornal *O Aliado*, 20/01/1914, p. 4.

³¹ REIS, Sara Regina P. dos. (org.). *Carl Hoepcke, a marca de um pioneiro*. Florianópolis: Insular, 1999. p.169.

³² Jornal *La Tribuna*, 01/02/1932.

A partir de 1914 a Livraria Moderna reformou suas instalações trocando a tipografia a vapor por uma tipografia elétrica. Tornou-se a única representante para o Estado de Santa Catarina da Sociedade Augusta de máquinas gráficas, tipos e todo material tipográfico e litográfico, tradicional sociedade tipográfica italiana estabelecida em centros como Turim, Milão, Roma, Gênova e Florença³³.

Grande parte das publicações da Livraria Moderna – embora não exclusivamente – também foram de autores atrelados ao Partido Republicano Catarinense e/ou a instituições subsidiadas pelo mesmo, como o Instituto Histórico e Geográfico e Academia Catarinense de Letras. Foi o caso de Altino Flores (*Pela memória de Renan*, 1923); Francisco Barreiros Filho (*Discurso in recepção do acadêmico Tito Carvalho*, 1924); Tito Carvalho (*Discurso de posse na Academia Catarinense de Letras*, 1924); Othon D'Eça (*Aos hespanhóis confinantes*, 1929); José Boiteux (*Arcaz de um barriga-verde*, em 1930); Henrique Fontes (*Quarto livro de leitura. Adotado nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina*, em 1930, e *A Nova Ortografia*, em 1931); Maura de Senna Pereira (*Cântaro de Ternura*, 1931); etc.³⁴

O ano de 1936 - com a publicação de uma dissertação de Armando Simone Pereira³⁵ - marca o fim da Livraria Moderna tendo a família Simone à frente dos negócios. A partir de 1937 assume o comando da livraria Pedro Xavier que não mais emprega sua tipografia para a publicação de livros, a valer-se dela apenas para pequenos serviços gráficos, mantendo as oficinas de encadernação e pautaço. Nesta reestruturação, o maior

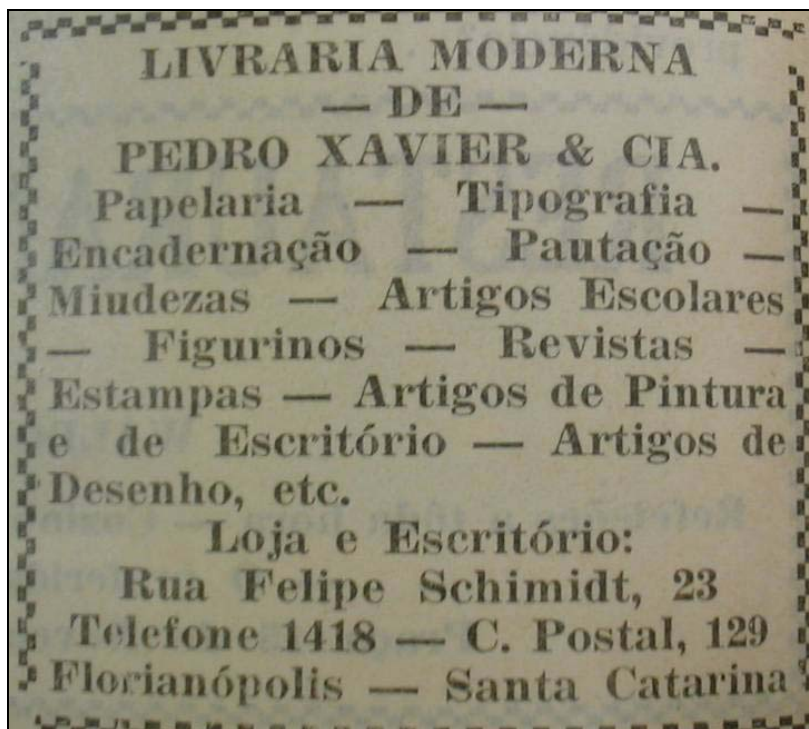
³³ *Annuario do Estado de Santa Catharina para 1917 - 1º. anno; director: Edmundo Silveira*. Florianópolis: Officinas Graphicas d' A Phenix, [1916]. 188p.

³⁴ Os livros aqui citados foram encontrados nos arquivos pesquisados durante a realização deste trabalho. Não pretende ser um levantamento exaustivo e completo sobre as publicações das livrarias do período.

³⁵ *Moeda, papel-moeda e estabilização (Dissertação de Concurso)*. Armando Simone Pereira era neto de Paschoal Simone, filho de Sarah Simone com Raul Pereira. Formou-se em direito em 1932. In: BOITEUX, Lucas A. *Prosápia Florianopolitana*. Vol. III. Florianópolis: IHGSC, 1999. p.71-72.

investimento foi no estoque de papelaria: “miudezas, artigos escolares, figurinos, revistas, estampas, artigos de pintura e escritório, artigos de desenho, etc”.³⁶

Figura 21 – Anúncio da Livraria Moderna, de Pedro Xavier.³⁷



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Das demais livrarias em funcionamento à época da fundação da Livraria Rosa, restam as livrarias Progresso, Catarinense e Casa 43, todas de menor porte se comparadas com a Central e Moderna. João Ricardo Schuldt, de ascendência alemã, mudou o nome de sua pequena Livraria Schuldt para Livraria Progresso em 1942³⁸ em meio as tensões da Segunda Guerra Mundial, vistas anteriormente. Dias depois da mudança de nome, Schuldt aparentemente desiste do ramo, pois a Livraria Progresso aparece em diversos anúncios como sendo propriedade de H. O. Ligocki³⁹. A despeito de intitular-se livraria, a principal

³⁶ *Anuário Catarinense para 1949*. Direção de Altino Flores, Martinho Callado Jr. (diretores) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano II, nº2, janeiro de 1949.

³⁷ *Anuário Catarinense para 1950*. Direção de Altino Flores, Martinho Callado Jr. (diretores) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano III, n.3, 1950.

³⁸ *A Gazeta*. 25/08/1942.

³⁹ Por exemplo, em *O Estado*, 31/12/1942.

atividade da Progresso era o serviço de papelaria, pequenos serviços gráficos, fábrica de carimbos de borracha e artigos escolares, etc.

Figura 22 – Anúncio da Livraria Progresso, de H. O. Ligoeki. ⁴⁰



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Com relação à Livraria Catarinense, inicialmente pertenceu a Carlos Leyendecker e situava-se à rua Conselheiro Mafra, nº 06. Com tipografia própria, aceitava “qualquer serviço da Arte Tipográfica”⁴¹. Já em 1949 surge localizada na Praça XV de Novembro, nº07, e como propriedade de Carlos [Karl] Alperstedt, um dos alemães que, no Natal de 1942, foi detido em Bom Retiro junto a Alberto Entres por cantarolar Noite Feliz em idioma germânico. Além dos serviços anteriormente citados, a livraria passou a oferecer também “pautação, linotipia, encadernação, douração de letreiros a fogo e estampas em cores”⁴².

⁴⁰ *Boletim Commercial*, Setembro de 1942.

⁴¹ *Anuario Catharinense para 1933, dedicado à maior vulgarisação das cousas catharinenses, organizado por barão Fernando von Dreifus, Joinville*. São Francisco do Sul: Typ. Paulo Krelle, [1933].

⁴² *Revista Santa Catarina Filatélica*. Nº01. 1949.

Figura 23 – Anúncio da Livraria Catarinense, de Carlos Alperstedt.⁴³



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Por fim, a Casa 43 inaugurou-se em 03 de dezembro de 1942, à rua João Pinto, nº9. Estabelecimento filial da Casa 43 de Blumenau foi dirigida por Eduardo Silveira Jr. e, segundo anúncio publicitário, o estabelecimento explorava:

(...) como o faz sua matriz em Blumenau, o ramo da papelaria, livraria e artigos para escritório, tendo também uma grande variedade de stock de artigos escolares a preços capazes de concorrer com qualquer estabelecimento do gênero. Dentro de poucos dias iniciará a venda de revistas, jornais, mirins e figurinos. Dado o conceito em que é tida a sua matriz em todo o estado e a atividade de seu gerente, a filial da Casa 43 está fadada à um desenvolvimento capaz de atender o progresso de Florianópolis. Prosperidade é o que desejamos à nova *papelaria* [grifo meu]⁴⁴.

Apesar de anunciar-se também como livraria, a nota de inauguração da empresa é sintomática ao augurar prosperidade “à nova papelaria”. Percebe-se pela análise dos anúncios publicitários aqui demonstrados que estes são evidências de que apesar de possuírem livros em suas estantes, tais livrarias não categorizavam os livros como o principal objeto a ser comercializado e tampouco destinavam a eles o espaço de maior destaque em seus estoques.

Não é o caso de caracterizar Florianópolis como uma ilha inóspita de livros até o surgimento da Livraria Rosa. O que se demonstra é a inexistência de estabelecimentos

⁴³ Idem.

⁴⁴ *A Gazeta*, 06/09/1942.

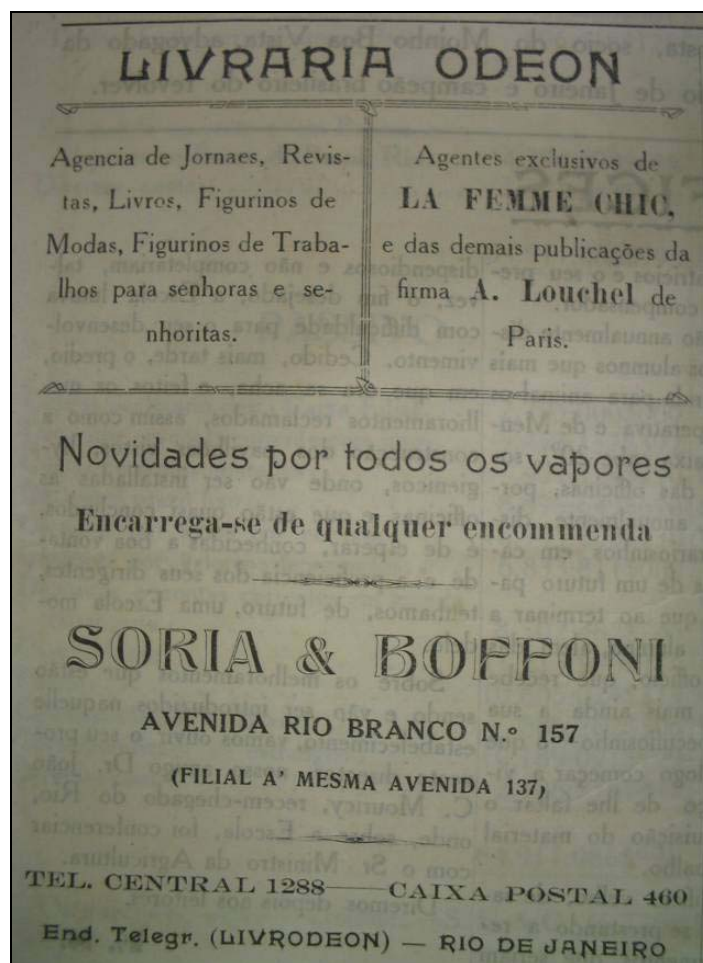
destinados essencialmente ao comércio de livros. Estes certamente circulavam pela cidade, mas por outros meios como os acervos da biblioteca pública, das bibliotecas particulares, dos clubes literários e no interior das tipografias e papelarias. Muitos leitores, a fim de atualizar-se com os lançamentos editoriais do país, fizeram uso dos catálogos de livros cujos excertos eram regularmente publicados nos jornais e revistas da cidade desde a segunda metade dos séculos XIX e que poderiam ser solicitados pelos próprios leitores às editoras, sem o intermédio da figura do livreiro.

Muitas foram as livrarias de outros centros que buscaram o público-consumidor catarinense, com a diferença de que estas, além de livrarias, eram também grandes editoras capazes de fazer circular tanto a sua produção quanto os demais livros de seu catálogo por grande parte do território nacional. Como vimos no capítulo anterior, no século XIX sobressaíram as livrarias de Paula Brito, *Laemmert* e *Garnier*. Nesta primeira metade do século XX, uma consulta aos jornais e revistas em circulação em Florianópolis revela as ofertas de estabelecimentos como a Livraria Odeon, agência de jornais, revistas e livros do Rio de Janeiro⁴⁵; a Livraria Teixeira, sediada na rua Líbero Badaró, em São Paulo⁴⁶; a Casa Garraux, de São Paulo, livraria, papelaria e tipografia à época administrada por Hildebrand & Bressane; entre outras livrarias/editoras que buscavam expandir seu negócio a uma clientela mais ampla.

⁴⁵ *Commercio e Industrial*. 28/10/1921. Livraria especializada em livros didáticos, jurídicos e obras populares. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2005. P.331.

⁴⁶ *República*. 12/01/1937.

Figura 24 – Anúncio da Livraria Odeon, de Soria & Boffoni.⁴⁷



Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

A partir da década de 1930, mas especialmente na década de 1940 pululam anúncios publicitários da Livraria do Globo, de Porto Alegre, a oferecer livros pelo reembolso postal. Durante os anos da Segunda Guerra, aproveitando-se do interesse despertado pelo conflito, livros como *A 5ª Coluna no Brasil*, do tenente Aurélio da Silva Py⁴⁸; *Nossa Democracia em Ação*, de Franklin Delano Roosevelt⁴⁹; e, *Eu financiei Hitler*, de Fritz Thyssen⁵⁰, ganham destacado espaço publicitário. A popular Revista do Globo, além de trazer em suas páginas contos, crônicas, poesias, cinema e fotografias, anunciava

⁴⁷ *Commercio e Industrial*. 28/10/1921.

⁴⁸ *A Gazeta*. 28/06/1942.

⁴⁹ *A Gazeta*. 02/07/1942.

⁵⁰ *A Gazeta*. 16/07/1942.

em matérias de capa artigos sobre a situação no continente europeu e a atuação das tropas⁵¹.

No entanto, o processo de venda de títulos por catálogos constituía-se num processo um tanto quanto dispendioso. Além de não possuírem o contato físico com o objeto desejado, os interessados precisavam escrever às editoras remetendo o dinheiro antecipadamente. Há o desgaste de obter o endereço, assim como o valor atualizado dos livros. Ademais, havia os gastos de porte e o tempo perdido junto aos guichês do Correio ou Banco⁵².

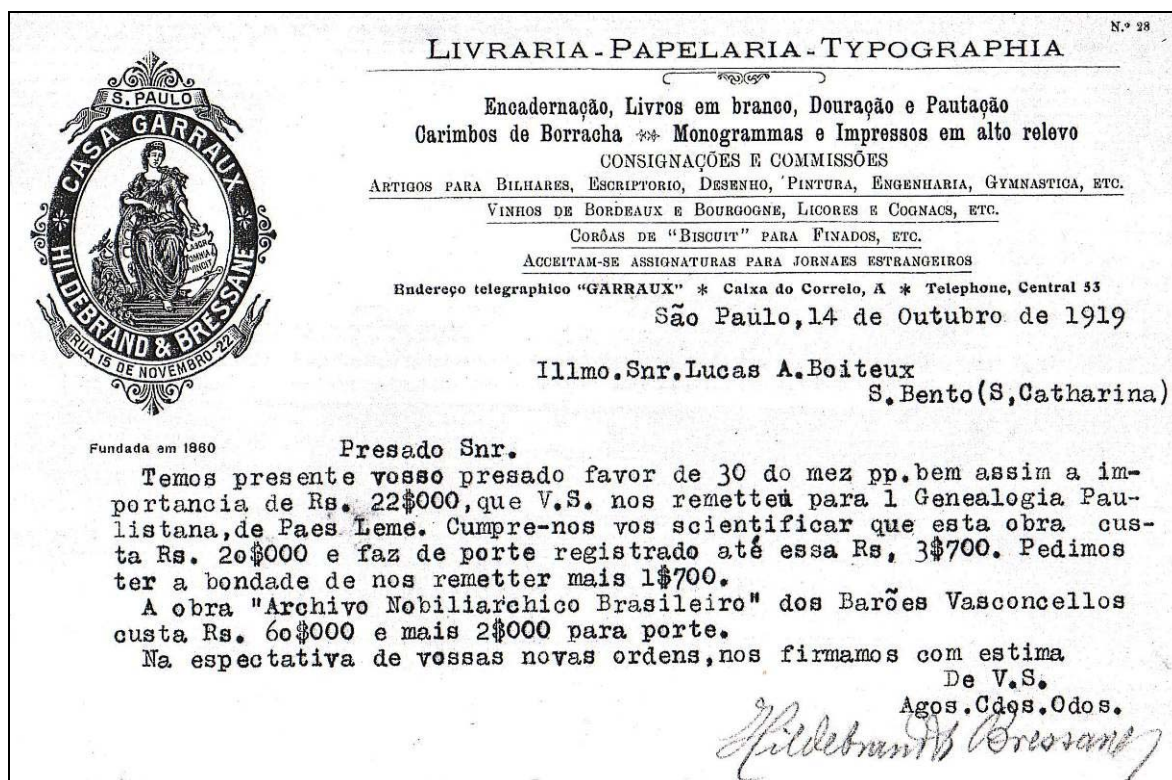
No acervo de Lucas Boiteux⁵³ - nas gavetas de aço dos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - há um claro exemplo dos problemas com que os leitores dispostos a comprar livros por correspondência se deparavam (ver Figura 30), como os problemas para o cálculo do valor da obra mais os gastos de porte e a demora em concretizar a compra, como demonstra missiva trocada entre o almirante e a Casa Garraux na ocasião da compra do livro “Genealogia Paulista”: quinze dias após o primeiro contato feito por Boiteux há a resposta da livraria informando que o custo do livro acrescido do valor do porte registrado era superior ao dinheiro anteriormente remetido, pedindo a bondade de completar o valor da remessa. A correspondência ainda informa, certamente a pedido de Boiteux, o valor da obra “Archivo Nobiliarchico Brasileiro” para uma possível negociação e se encerra “na expectativa de vossas novas ordens”, a prolongar a efetivação da compra até uma nova troca de correspondência.

⁵¹ *A Gazeta*. 14/08/1942.

⁵² Não deixa de ser interessante pensarmos o atual mercado de livros e as vendas pela *internet* que novamente retiram os livros do alcance de nossas mãos para transformá-los numa mercadoria virtual, com imagens e sinopses bem elaboradas, o pagamento efetuado antecipadamente com as comodidades do cartão de crédito e das transferências bancárias automáticas, o gasto com frete e o tempo de espera da chegada da mercadoria.

⁵³ Lucas Alexandre Boiteux. Almirante. Nascido em Nova Trento, em 1880. Exerceu vários cargos e comissões na Marinha Brasileira. Publicou estudos sobre Geografia e História relacionados com a Marinha de Guerra e ao seu estado natal. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Presidente de Honra do Primeiro Congresso de História Catarinense, em 1948. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1966. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p. 138.

Figura 25 – Correspondência entre Lucas Boiteux e a Casa Garraux, 1919.



Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Novidade no comércio livreiro local, aos poucos a Livraria Rosa aumentava sua participação no mercado de livros ao tornar-se uma opção aos olhos de uma clientela carente pelo contato físico com os livros e atraída pelo seu acervo crescente. A livraria passou a estabelecer contato com grandes editoras e além de livros usados passou a vender livros novos, inclusive importados. Já em 1946 a parede que separava a sala de visitas transformada em livraria de outra sala no interior da casa foi derrubada para ampliar o espaço dos livros.

Em 1948, um ano antes de uma grande reforma na casa que ampliaria ainda mais o espaço da livraria, o Anuário Catarinense, dirigido por Martinho Callado Jr. e João Mata Bouson, saudava a consolidação das atividades da livraria, a importância da variedade de seu acervo de livros e a inovação que representava no mercado local:

Não há muitos anos, ainda, aqui em Florianópolis, era tarefa difícil encontrar-se um livro bom, à venda. Estes eram editados sim, mas ficavam

lá fora. (...) Isso acontecia pelo fato de nenhuma Livraria daqui, da Capital, preocupar-se com a divulgação do livro. Tinham todas, sim, como ainda o mantém, pequenas secções de livros; o forte do comércio, porém era papelaria e serviços tipográficos. Felizmente, hoje, pode-se registrar, com alegria, que já existe uma casa especializada na divulgação do livro, seja romance, didático, técnico, em português ou outro idioma. Referimo-nos à Livraria Rosa, a rua Deodoro 33, que acabamos de visitar e da qual trouxemos a boa impressão aqui registrada, para estímulo ao seu dirigente.⁵⁴

O comentário, possivelmente do diretor de redação do Anuário, Martinho Callado Jr. foi intitulado de “Livros... Livros...”, com referência aos versos de Castro Alves: “Oh! Bendito o que semeia livros, livros a mão cheia”. A escolha pela epígrafe de Castro Alves para ilustrar uma livraria Rosa que semeia livros parece aludir a uma casa em que estes saltavam aos olhos, eram palpáveis, sensíveis aos sentidos do leitor, distintos da idéia abstrata de se adquirir uma obra inicialmente intangível por reembolso postal ou se visitar uma pequena seção de livros em meio a brinquedos, artigos escolares, papéis e canetas.

Sob o signo da mudança, a passagem das papelarias-livrarias para uma livraria especializada em livros pode ser tomada como evidência do amadurecimento das articulações entre vida urbana e cultura letrada, da difusão da cultura impressa na ilha e da aproximação da comunidade de leitores com os livros. Esta passagem parece acompanhar as transformações ocorridas na Florianópolis do pós-guerra, período de renovação técnica do espaço urbano e de novas experiências sociais e culturais, do chamado “período modernista” catarinense emerso pela transformação da paisagem urbana, das novas linguagens audiovisuais, do rádio, da moda, do cinema, da publicidade, da maior difusão do mundo das imagens, das inovações tecnológicas, dos eletrodomésticos, dos automóveis.

Com o crescimento populacional e um maior desenvolvimento da vida urbana, houve uma ampliação da comunidade de leitores que permitiu a existência de uma casa especializada na difusão dos livros. Na década anterior à fundação da livraria, o Estado de

⁵⁴ *Anuário Catarinense para 1948*. Direção de Martinho Callado Jr. (diretor de redação) e João da Mata Bouson (diretor-gerente). [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.

Santa Catarina era o que menos analfabetos tinha proporcionalmente ao seu número de habitantes, atingindo 26,72% da população, segundo dados oficiais.⁵⁵

A despeito dos problemas de se trabalhar com dados estatísticos – especialmente dados estatísticos oficiais, nos quais, às vezes, há uma enorme distância entre ser alfabetizado e saber ler/escrever efetivamente – os números demonstram que as sucessivas reformas educacionais visando a implantação de novos métodos e sistemas de ensino, apesar passarem longe da solução dos problemas educacionais conseguiram diminuir, ainda que de forma incipiente, o déficit da alfabetização. Dados estatísticos registrados por Antônio Candido referentes a década de 1940 registram que os Estados que apresentavam os mais altos índices de alfabetização no país eram Santa Catarina e São Paulo, respectivamente⁵⁶.

Com relação às reformas educacionais, refiro-me particularmente as reformas do ensino público em Santa Catarina nos governos republicanos, como as ocorridas no governo Vidal Ramos (1910-1914) capitaneadas pelo Profº Orestes Guimarães que, segundo Neide Almeida Fiori, tiveram marcante influência nas diretrizes da política nacionalizadora do ensino público durante as décadas seguintes. Para a autora, a expansão do ensino público estadual ao longo de toda a primeira metade do século XX pôde dar maiores possibilidades de instrução às classes sociais menos favorecidas alterando a estrutura social do Estado, uma vez que a educação facilita a mobilidade social e leva a uma reformulação de hábitos e papéis sociais⁵⁷.

No Brasil, a partir da década de 1930 o panorama educacional foi tocado pelo Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Endossado por importantes educadores, o

⁵⁵ “Quanto analfabetos há no Brasil: Santa Catharina e sua posição”, in: *Jornal Progresso*, nº42, 1937.

⁵⁶ CANDIDO, A. A Revolução de 1930 e a cultura, apud TORNQUIST, Helena. Realismo e memória na crônica de Tito Carvalho. In: CARVALHO, Tito. *Gente do meu caminho*. Florianópolis: FCC: EdUfsc, 1997. p. 176.

⁵⁷ FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público*. Florianópolis: EDUFSC, 1991. p. 77-119

documento constituía-se em pronunciamento dos adeptos da educação renovada no Brasil – escola nova – cujos ideais básicos eram o ensino ativo, co-educação, escola leiga, obrigatória e gratuita. Após a “Revolução de 1930”, a Constituição de 1934 instituiu medidas de ordem educacional, estabelecendo que caberia ao Governo Federal traçar as diretrizes da educação e, aos Estados, foi atribuída a responsabilidade de organizar e manter seus sistemas educacionais em harmonia com as diretrizes gerais estabelecidas pelas União⁵⁸.

Em Santa Catarina, em 1935 foi efetuada uma nova reorganização do ensino sob a égide do professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade. A chamada “Reforma Trindade” fez desaparecer a tradicional Diretoria da Instrução Pública para a criação do Departamento de Educação, constituído por Institutos e subdiretorias subordinados à Secretaria de Estado do Interior e Justiça. Em consequência da reforma federal do ensino foram criados Ginásios, públicos e privados, por todo o Estado; e ocorreu o aumento do número de Escolas Normais. Em 1932, o Estado possuía 1.501 escolas primárias de ensino primário fundamental comum, com 77.242 alunos inscritos. Em 1941, o número se elevava a 2.363 e o de alunos 137.203. Já em 1937 Santa Catarina apresentava a menor taxa do país de crianças de sete a onze anos sem frequência a estabelecimentos de ensino e pelo recenseamento de 1940, sob a população total de 1.184.838 habitantes, o percentual de matrículas escolares era a de 11,6%, a maior taxa de matrículas por habitantes entre todas as demais unidades da federação⁵⁹.

Durante a década de 1940, outra importante reestruturação do ensino no Estado ocorreu sob a liderança de Elpídio Barbosa⁶⁰. Apesar da redemocratização do país no ano

⁵⁸ Idem. p. 120-121.

⁵⁹ Ibidem. p.143-144.

⁶⁰ Amigo de João Teixeira da Rosa Júnior, freqüentador de sua livraria e parceiro de conversas no Café Rio Branco, o professor Elpídio Barbosa (1909-1966) era natural de Florianópolis. Iniciou sua carreira no magistério como professor de escola primária. Posteriormente, foi diretor de Grupos Escolares, Inspetor

de 1945, as diretrizes do ensino estadual continuaram subjugadas às diretrizes traçadas pela União. Em 1946 foram decretados dispositivos legais de ordem federal objetivando tornar-se uma lei orgânica do ensino primário e ensino normal, em âmbito nacional. Contudo, um dos poucos Estados que buscou dar atendimento às referidas determinações federais foi Santa Catarina.

Com a Lei Orgânica Estadual do Ensino Normal do ano de 1946 a formação pedagógica catarinense passou a ser ministrada por diferentes estabelecimentos de ensino normal: Instituto de Educação, Escola Normal e Curso Normal Regional. Florianópolis, capital do Estado, foi privilegiada por possuir Escolas Normais públicas e particulares – que davam às normalistas concluintes o direito de exercer o magistério -, além de ter sido sede do Instituto Estadual de Educação. Além de ministrar cursos de Especialização para professores Primários e de Habilitação para Administradores Escolares do Grau Primário, tanto o Instituto quanto as Escolas Normais passaram a manter um Curso Secundário Ginásial “avidamente procurados pela população no seu grande desejo de mobilidade social ascendente” a ocasionar “o fenômeno da super-matrícula (...) que afetou marcadamente a qualidade do ensino ministrado”⁶¹.

Cabe ainda ressaltar as iniciativas para a implantação do ensino superior no Estado. A primeira tentativa ocorreu em 1917 com a instalação do Instituto Polytechnico. Na década de 1930 houve a criação da Faculdade de Direito (1932), organizada inicialmente como instituto livre e oficializada em 1935 por Decreto Estadual, com forte atuação de intelectuais locais como José Boiteux, Laércio Caldeira da Andrade e Henrique Fontes. Nos anos seguintes houve uma maior institucionalização da área cultural do

escolar, Sub-diretor técnico do Departamento de Educação, Superintendente Geral do Ensino e Diretor do Departamento de Educação entre 1940 a 1950. Em 1946 liderou a reestruturação do ensino que ficou conhecida como “Reforma Elpídio Barbosa”. Cf. Idem. p. 145.

⁶¹ Idem. p. 148.

Estado: após a realização do I Congresso de História Catarinense, em 1948⁶², foi criada a Comissão Catarinense de Folclore e, posteriormente, a Faculdade de Filosofia e o Departamento de Cultura, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura⁶³. Nas décadas seguintes surgiram outras faculdades que viriam a dar origem a Universidade Federal de Santa Catarina em 1960, como as de Odontologia e Farmácia, de Ciências Econômicas, de Medicina e de Serviço Social.⁶⁴

Reitera-se assim a estreita ligação entre o desenvolvimento urbano de Florianópolis durante a primeira metade do século XX com a ampliação da população alfabetizada e o conseqüente aumento do consumo e circulação dos variados suportes da leitura. A fundação da Livraria Rosa pode ser lida como uma evidência desta série de amplificações: da cidade, da vida urbana, da circulação da cultura impressa, do universo de leitores, do consumo da leitura, do acesso aos jornais, revistas e livros, nacionais e importados, novos e usados, das estantes das livrarias.

2.2. ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES: O CAFÉ RIO BRANCO E A REVISTA ATUALIDADES.

Para divulgar sua casa comercial, João Teixeira da Rosa Júnior utilizava, além dos tradicionais anúncios em jornais, uma estratégia peculiar: lia os livros e comentava-os com o intuito de despertar o interesse das pessoas que iam, então, comprá-los. Um de seus

⁶² Realizado entre 05 e 12 de outubro de 1948 pelo IHGSC, sob a presidência de Henrique Fontes. Houve a apresentação de 85 trabalhos, subdivididos em 10 seções. João Teixeira da Rosa Júnior participou apresentando a comunicação “Apontamentos para a História do Evangelismo em Santa Catarina” (em 12 de outubro de 1965 João Teixeira da Rosa Júnior foi empossado membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina após a Diretoria do Instituto decidir empossar todos aqueles que apresentaram trabalhos no referido Congresso). O evento teve abrangência nacional e internacional, recebendo, entre outros, acadêmicos portugueses e da Universidade de São Paulo (USP). Cf. PIAZZA, Walter. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico, 1896-1996*. Florianópolis: UDESC/IHGSC, 1996.

⁶³ A Comissão Catarinense de Folclore foi criada em 7/10/1948. A Faculdade Catarinense de Filosofia foi criada em 1950 e começou a funcionar em 1955. A Diretoria de Cultura foi criada em 1956. Cf. ADAMS, Betina. *Preservação Urbana: gestão e resgate de uma história*. Florianópolis: Edufsc, 2002. p. 151-152.

⁶⁴ PIAZZA, Walter. “As novas necessidades culturais”. In: _____. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Edufsc: Lunardelli, 1983. p. 653.

locais preferidos para essas conversas literárias era o Café Rio Branco, onde encontrava antigos e novos colegas, nomes em ascensão e figuras consagradas na intelectualidade local como Henrique Fontes, Oswaldo Cabral, Mâncio Costa e Elpídio Barbosa, todos seus fregueses⁶⁵.

Embora muitas conversas sobre livros tenham se dado no interior da livraria, ela não se configurou como um ponto de encontro ou um centro cultural para saraus e debates. Isto viria a acontecer alguns anos mais tarde, em outras livrarias da cidade, como a Livraria Anita Garibaldi de Salim Miguel e Armando Carreirão. O próprio Salim Miguel⁶⁶ foi um freqüentador assíduo da Livraria Rosa e comenta:

Cheguei a Florianópolis em 1943 e conheci a Livraria Rosa pouco depois. O proprietário, João Teixeira da Rosa, não só se interessava por livros, mas atendia bem os clientes. Embora ele gostasse de conversar sobre livros, não tinha essa preocupação de ser um ponto de encontro ou um centro cultural, isso foi acontecer mais tarde em outras livrarias. (...) Além de me dar descontos, em determinados casos, quando eu ficava cozinhando o livro e não tinha dinheiro para pagar o dono dizia para eu levar e pagar quando pudesse, pois ele via minha paixão pela literatura. Comprei coisas interessantes da literatura brasileira e de autores franceses. A livraria prestou um serviço importante para a aproximação da comunidade florianopolitana com os livros.⁶⁷

Informalmente, sempre havia no interior da livraria um grupo de freqüentadores a aproveitar o horário do almoço ou a saída do trabalho para dar uma esticada e averiguar os livros que partiram e chegaram, namorar alguma edição de interesse ou simplesmente bater papo. Como relembra Salim:

(...) às vezes as pessoas se encontravam na Livraria Rosa e ficavam procurando um livro e batendo papo, cada um dizia assim “olha eu hoje li

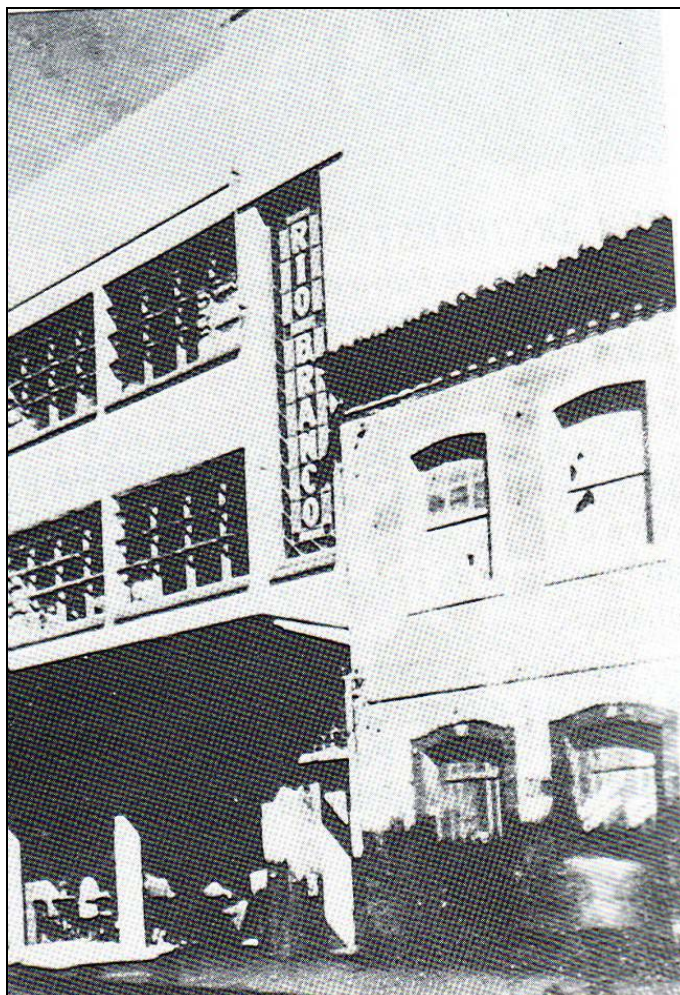
⁶⁵ *Diário Catarinense*. 05/06/2003.

⁶⁶ Salim Miguel. Nascido no Líbano, em 1924, se criou no interior de Santa Catarina passando grande parte da sua infância e adolescência no município de Biguaçu. Em 1943 a família vai morar em Florianópolis onde, com outros jovens escritores funda o movimento cultural que ficou conhecido como Grupo Sul (1947/1958). É escritor, jornalista e roteirista de cinema. Foi fundador da Revista Sul e editor da Ficção. Dirigiu a editora da UFSC e a Fundação Franklin Cascaes. Como jornalista e crítico de literatura colaborou nas revistas “Manchete” e “Fatos & Fotos” e no “Jornal do Brasil”. É autor de mais de duas dezenas de livros publicados, entre contos, romances, crônicas e depoimentos. Cf. MIGUEL, Salim. *As confissões Prematuras*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998. (orelha).

⁶⁷ Transcrição de depoimento retirado da reportagem de Fábio Bianchini sobre a Livraria Rosa publicada pelo jornal *Diário Catarinense* em 05/06/2003.

este, acho que deverias ler este, tu me indicaste aquele livro e era uma merda!”, mas não era nada formal. Um dia poderia ter dez pessoas, outro dia poderia ter duas, uma única ou não ter ninguém. Em geral ela fechava às seis horas, aí a pessoa chegava um pouco antes e ele [João Teixeira da Rosa Júnior] ficava até um pouco mais tarde. E ele era uma pessoa muito acessível, muito sensível e muito interessado⁶⁸.

Figura 26 – O Café Rio Branco, Rua Felipe Schmidt.



Fonte: Ruas de Florianópolis – Resenha Histórica.

Se tais encontros eram fortuitos e informais, as verdadeiras rodas de bate-papo aconteciam no interior dos cafés, em especial do Café Rio Branco. Salim Miguel chegou a presenciar o hábito de Teixeira da Rosa de divulgar as novidades literárias no interior do Café:

Umas duas ou três vezes ele chegou na nossa roda e disse: recebi um livro de fulano de tal, assim, assim, assim... Aí a gente dizia para ele: seu Rosa,

⁶⁸ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

aqui para nós não precisa, sabes que mais hoje ou amanhã nós vamos passar na livraria para ver esse livro. Procura uma outra mesa para ver se convence ir lá ver e se interessar pelos livros (risos). Não era só o desejo de fazer uma caixa com a venda, mas também de divulgar os livros porque ele era uma pessoa dada aos livros. Não sei se lia muito ou se lia pouco, mas que lia, lia. E pelo menos informação ele tinha. Nunca perguntei para ele – e foi uma falha não perguntar – se ele assinava o Jornal do Brasil, ou o Estadão, ou o Correio da Manhã, ou o Correio do Povo, que tinham paginas inteiras com informações sobre os lançamentos, críticas, rodapés de críticas e tinham resenhas. (...) Eu tenho impressão que ele devia assinar um ou dois desses jornais, porque as novidades a gente sempre encontrava lá na livraria dele⁶⁹.

No interior do Café Rio Branco o grupo dos jovens intelectuais modernistas que integrariam o chamado Grupo Sul se misturava às elites políticas e culturais de Florianópolis. Espaço de convívio de figuras díspares, o café funcionava como uma microssociedade, espaço para as relações de sociabilidades, centro de circulação de idéias, de preocupações sociais, culturais, artísticas e políticas de uma época⁷⁰, ou como bem definiu Humberto de Campos, o café era “uma espécie de Escola Normal onde o indivíduo se prepara corpo a corpo para a vida”.⁷¹

Em Florianópolis, os principais redutos dos cafés gravitavam em torno da Praça XV e ruas próximas. Nos fins do século XIX, de frente a onde hoje se encontra o monumento ao Coronel Fernando Machado ficavam o Café Commercial e o Café Natal, pontos de reunião dos comerciantes e políticos locais. Em 1946, quase de frente à catedral metropolitana, foi instalado inicialmente o Café Gato Preto, de propriedade de Theodoro Constantopoulus. Na esquina da Praça XV com a Felipe Schmidt ficava o Café Popular, de Estanislau Ligocki, posteriormente Café Nacional de Nicolau Boabaid, freqüentado por Nereu Ramos e outros políticos da época⁷².

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ LEROY, Gerald. “La mondanité littéraire à la Belle Époque”. In: *Cahier l’Institut d’Histoire du Temps Présent*, Paris: IHTP/CNRS, n°20, 1992. p. 85-100.

⁷¹ CAMPOS, H. de. A glorificação do Café. In: *Últimas Crônicas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1941. p.178.

⁷² SILVA, Adolfo Nicolich da. *Ruas de Florianópolis – Resenha Histórica*. Florianópolis: FFC, 1999. p.28-34.

De propriedade de Euclides Pereira, mais conhecido como Quidoca, o Café Rio Branco era, assim como outros cafés da cidade, grosso modo um espaço político e não artístico. O Café foi inicialmente identificado por seus freqüentadores udenistas, mas democraticamente reunia simpatizantes de ambos os lados. O Café Rio Branco era o salão onde todos se encontravam, como relembra Salim Miguel: “Era um café onde a gente sentava, tomava um cafezinho e ficava batendo um papo duas, três horas e ninguém vinha te dizer ‘toma outro cafezinho’, ‘levanta!’, e quem ficava sentado ficava batendo papo, horas ali”.⁷³

Espaço privilegiado das relações sociais, cujo convívio permearia as trajetórias pessoais e profissionais dos freqüentadores, o Café Rio Branco se ofertava como um local onde uma parte da intelectualidade da cidade conseguia exercer sua criatividade, dando vazão às sensibilidades artísticas e políticas sacrificadas no horário de trabalho. O bar tornou-se um dos pontos de encontro da “Geração de 45”, dos “modernistas” da ilha que costumavam se reunir em suas mesas de tampo amarelo, a variar suas presenças conforme os afazeres e as disponibilidades de cada um. Walmor Cardoso da Silva⁷⁴ relembra que a reunião dos “arte-moderna” habitualmente era mais longa no fim da tarde, quando sentavam para discutir os próximos números da revista Sul, comentar as correspondências recebidas, as leituras que faziam, as descobertas literárias feitas muitas vezes no interior da Livraria Rosa. E beber, obviamente.

Para os boêmios da “arte-moderna” a hora de lazer, longe do trabalho no comércio e nas repartições, significava liberdade, a possibilidade em almejar vôos mais altos para além dos balcões, sublimar o sentido das coisas através de suas atuações na literatura, nos

⁷³ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

⁷⁴ SILVA, Walmor Cardoso. Éramos ‘os arte-moderna’. In: CARDOZO, Flávio J. (org.). *Salim na claridade*. Florianópolis: FCC, 2001. P.19-20. Walmor Cardoso Silva. Nascido em Florianópolis, 1925. Bacharel em Direito e Licenciado em Filosofia. Ingressou no Grupo Sul em 1948, onde foi ator, secretário da revista Sul e poeta.

jornais, revistas, teatro, artes plásticas, cinema, a reforçar a idéia da arte como princípio diretor da vida. O desejo de mudança, de auto-afirmação e construção de si dos “novos” do Grupo Sul chocou-se com a resistência dos “velhos” e a querela entre os dois grupos foi objeto de análise de inúmeros estudos historiográficos e literários, muitos deles a legitimar o “auto-retrato mítico” dos modernistas sem grandes questionamentos.

No momento, interessa apenas perceber como o Café Rio Branco foi freqüentado tanto pela geração dos modernistas quanto pela geração anterior⁷⁵ e destacar o livre trânsito de João Teixeira da Rosa Júnior nestes dois grupos atuantes nas lides culturais de Florianópolis no fim da década de 1940. Faz-se aqui uma leitura, inspirada em Bourdieu, do espaço do Café como campo de concorrência de capital simbólico e social⁷⁶. Numa sociedade calcada na tradição e nas relações pessoais, o Café Rio Branco se apresenta como palco para as relações de amizades e confradio, um campo dinâmico para a efetivação de contratos sociais no qual a democracia das mesas suporta, inclusive, grupos antagônicos. Foi nas rodas de Café que Salim Miguel e integrantes do Grupo Sul receberam o convite de Henrique Fontes para participar de um número especial da Revista *Atualidades* (edição Nº10, outubro de 1948)⁷⁷.

Tal qual as conversas nas mesas do Café, a Revista *Atualidades* foi uma importante estrutura de sociabilidade utilizada por João Teixeira da Rosa Júnior para divulgar sua livraria, não apenas através dos tradicionais anúncios publicitários, mas como colaborador em suas páginas, ao assinar uma coluna intitulada “Notícias Bibliográficas sob os auspícios da Livraria Rosa”. Nesta coluna, Teixeira da Rosa anunciava os principais lançamentos do mercado editorial do país e que estavam disponíveis à venda em sua livraria. Como o

⁷⁵ Compreende-se aqui o conceito de “geração” como o utilizado por Mônica Pimenta Velloso, que define o termo não o restringindo a uma “comunidade de idade”, mas, sobretudo, ao sentimento de união em relação a determinadas idéias por parte de um grupo. Cf. VELLOSO, Mônica. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996. P. 39.

⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da arte*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996. P. 283.

⁷⁷ MIGUEL, Salim. *Gente da Terra*. Florianópolis: Lunardelli, 2004. p.23.

próprio nome explicita, a coluna abordava os novos lançamentos, notas de falecimentos de escritores, alguma correspondência trocada com os leitores, impressões de leituras, notícias de futuras edições, comentários sobre autores e obras enfim, uma miscelânea de informações sobre o mundo do livro e da leitura mantida por João Teixeira da Rosa Júnior na revista entre os anos de 1946 a 1949, período no qual a Livraria Rosa consolidou-se como a principal casa livreira da cidade.

A Revista Atualidades descrevia-se como uma revista literária e noticiosa de propriedade do casal João⁷⁸ e Elvira Ida Kuehne, cuja redação e oficina funcionava na residência do casal à avenida Mauro Ramos, nº301. Seu primeiro número começou a circular em 24 de dezembro de 1945 a um preço de Cr\$1,00. A revista circulou sob a direção dos Kuehne até 1949 quando seus direitos de propriedade foram transferidos à Editorial Uruguai Ltda. dirigida pelo jornalista José Cordeiro⁷⁹, habitual colaborador da revista, e pelo Deputado Ribas Ramos.

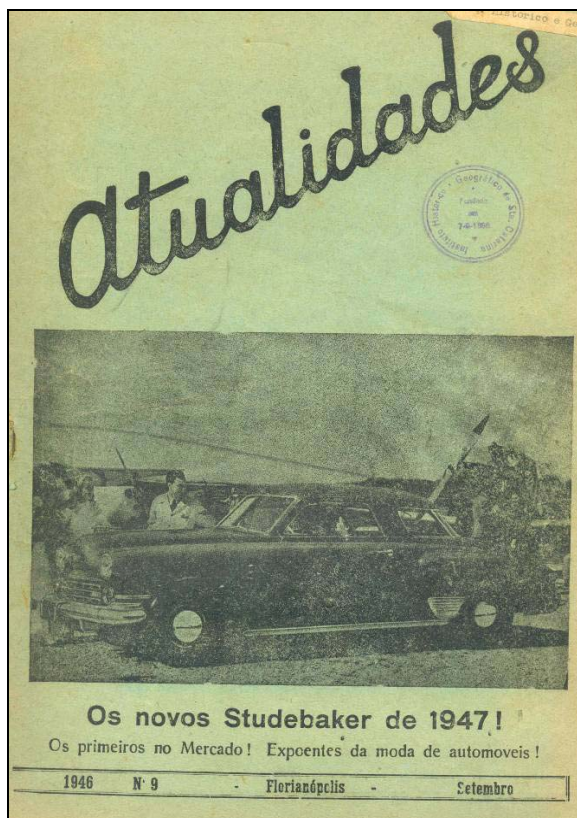
Para garantir o sucesso econômico do impresso, ao longo dos anos a revista optou por seguir a lógica dos antigos almanaques, mas com uma roupagem gráfica atualizada aos novos tempos, no formato magazine e amplamente ilustrada. Houve uma miscigenação literária e ideológica da revista que apresentavam estranhas parcerias como publicar num

⁷⁸ João Kuehne. Nascido em Joinville em 1913, onde fundou o jornal Folha Nova, publicado em alemão e português. Em 1934 foi nomeado comissário de polícia, passando a chefiar o Serviço de Ordem Pública da DOPS, em Florianópolis, quando, com Antônio de Lara Ribas, organizou o livro “Punhal Nazista no Coração do Brasil”, assinando os capítulos “Colonização Alemã no Brasil” e “O integralismo Nazi-fascista em Santa Catarina”. Faleceu em Florianópolis, em 1950. Cf. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, Outubro de 2007, Ano X, nº11.

⁷⁹ José Borges Cordeiro da Silva. Nascido no Rio de Janeiro, em 1897. Foi Oficial da Marinha Mercante, geógrafo e jornalista. Veio para Santa Catarina em 1926 onde se radicou e constituiu família. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e do Centro Catarinense de Letras. Foi colaborador de inúmeras revistas catarinenses além da Revista da Semana, Fon-fon e Careta do Rio de Janeiro. Publicou cinco livros em Florianópolis, deixando mais seis obras inéditas. Cf. *Revista Atualidades*. Nº 10. Outubro de 1948.

mesmo número perfis de udenistas ao lado das equivalentes efemérides do PSD; ou contos de Salim Miguel e Altino Flores à distância de apenas algumas folhas⁸⁰.

Figura 27 – Revista Atualidades, nº09, 1946.



Acervo: IHGSC.

O próprio título da revista – Atualidades - seguia a lógica das revistas ilustradas - ou de variedades - de se apresentar com uma linguagem acessível, uma diagramação a reservar amplo espaço para imagens e um conteúdo diversificado que incluía acontecimentos sociais, crônicas, poesias, contos, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana das principais cidades do Estado, colunas de humor e charadas, conselhos de moda, anúncios de lançamentos automobilísticos, regras de etiqueta e civilidade feminina, perfis de efemérides e muita publicidade política acerca das principais obras em curso, na capital e no interior do Estado.

⁸⁰ Revista Atualidades. Nº 10. Outubro de 1948.

O cardápio de opções da revista deveria ser o mais amplo possível, a fim de agradar o maior número de leitores. Embora o público consumidor de cultura letrada estivesse em ascensão, o mercado para uma revista que pretendia circular nas principais cidades do Estado ainda não era desenvolvido o bastante para suportar magazines orientados para públicos restritos e muito específicos. A estratégia para garantir o sucesso do negócio dependia de se conseguir alargar ao máximo os possíveis interessados em ler a revista, daí a rubrica ampla que, sob o epíteto de “atualidades”, permitia incluir em suas páginas de tudo um pouco.

Mesmo o quadro de colaboradores era amplo e variável, embora mais circunscrito a uma geração anterior à “geração modernista”. Aliás, referia-me, inclusive, a muitos destes jornalistas e escritores que estamparam as páginas da Revista Atualidades quando chamo a atenção para o esvanecimento de seus nomes do quadro sinóptico da história cultural do Estado a favor do discurso que criou as “ilhas culturais” que opunha o “modernismo” do Grupo Sul ao dito “anacronismo” da Geração da Academia, responsável por mergulhar tudo o que residia entre eles num vão de sombras.

Ao se consultar uma breve listagem dos colaboradores mais atuantes da Revista Atualidades percebe-se a grande variedade de participantes esporádicos e a permanência de alguns colaboradores mais assíduos, dentre eles o nome de João Teixeira da Rosa Júnior que entre 1946 e 1949 publicou sua coluna “Notícias Bibliográficas” ao longo de 13 edições (ver Quadro I).

Quadro I – Principais colaboradores da Revista Atualidades (1945-1949).⁸¹

Nome	Nº de Colaborações	Anos
Francisco S. Schaden	14	1946/1947/1948/1949
João Teixeira da Rosa	13	1946/1947/1948/1949
Agenor Nunes Pires	11	1945/1946/1947
J. Alcântara Santos	7	1945/1946/1947
Zedar Perfeito da Silva	6	1946
Adão Miranda	6	1946/1947
José Cordeiro	5	1946/1947
Ildefonso Juvenal	5	1945/1947/1948
Mimoso Ruiz	4	1947
Egon Schaden	4	1947/1948
Saul Ulisséa	3	1947
Osmar Silva	3	1946/1947
Henrique Fontes	3	1947
Denise Vedrune	3	1946/1947
Aníbal Nunes Pires	3	1946/1947
Ademar A. Madeira	3	1946/1947
Walter F. Piazza	2	1949
Ruth Rovere	2	1945/1946
Othon D'Eça	2	1946
Oswaldo Melo Filho	2	1947
Nereu Corrêa	2	1946/1947
José Pires Zytkeuiz	2	1947
J. Alcântara Machado	2	1946/1947
Evaldo Pauli	2	1946
Miguel S. Cavalcanti	2	1946/1947
Doralécio Soares	2	1946
Clélia Lopes de Mendonça	2	1947
Alcides Abreu	2	1947

A revista apresenta-se como o que Jacqueline Pluet-Despatin intitulou de “tecido humano de múltiplas tipologias”.⁸² A necessidade de estabelecer diálogos efetivos entre público e autores numa revista de “atualidades” aponta para a já citada pequena segmentação do mercado, mas corrobora com a composição de redes que conferem estrutura ao campo intelectual da cidade, a permitir a reflexão a respeito de sua formação e

⁸¹ Este breve levantamento foi elaborado a partir de consulta aos exemplares da revista depositadas no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Não se trata de um levantamento exaustivo e definitivo, pois o referido acervo não está completo com todos os exemplares da revista lançados no período em questão. No entanto, creio que cumpre o seu propósito de se traçar uma cartografia inicial dos principais colaboradores. É importante registrar também que este quadro não leva em conta grande parte do material publicado na revista cujos autores não assinaram seus textos ou o fizeram sob pseudônimos não identificados ao longo da pesquisa. Os exemplares consultados estão listados ao final do trabalho (Ver Fontes).

⁸² PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l'histoire des intellectuels: les revues. In: *Cahier l'Institut d'Histoire du Temp Présent*, Paris: IHTP/CNRS, n°20, 1992. p. 125-136.

dinâmica. A revista - como obra de construção coletiva que é - evidencia a textura deste tecido humano, as relações de amizades formadas nas ruas, nas escolas, nas chefias de gabinetes políticos, nas academias, nos cafés, nas livrarias.

Publicações como a revista “Atualidades”, que podem ser acompanhadas da locução adjetiva “de variedades”, ampliam – ainda que por motivos comerciais estratégicos - os círculos de difusão da cultura letrada e contribuem para a democratização do acesso à cultura impressa e de sua circulação. Obviamente que seria necessário um estudo mais aprofundado sobre a Revista Atualidades que levasse em consideração a “história dos, nos e por meio dos periódicos”, como defende Tânia Regina de Luca, com a preocupação de localizar a publicação na história da imprensa local, atentar para as características de ordem material da revista como periodicidade, impressão, papel, tiragem, assenhorear-se da organização interna dos conteúdos, do material iconográfico presente, atentar para suas opções estéticas, caracterizar o grupo responsável pela publicação assim como identificar as fontes de receita, a publicidade, os colaboradores e o público receptor⁸³.

Contudo, esta não é a intenção deste trabalho. Por ora, o que se procura é contextualizar a revista e, principalmente, a atuação de João Teixeira da Rosa Júnior em redutos literários e espaços de sociabilidades de Florianópolis, espaços estes que, cada um a sua maneira, evidenciam as transformações da vida urbana na capital, da difusão de hábitos, valores, demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas circulantes.

Com o crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e do público consumidor, a ebulição da vida mundana incorporou os hábitos de consumo da leitura. Um espaço destinado exclusivamente a compra e venda de livros, um café que reúne jovens boêmios e antigos homens de letras para bate-papos informais acerca da leitura [e] do mundo, periódicos que redundaram em espaços de

⁸³ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

consagração e expressão dos literatos são todos indicativos de uma cultura letrada que ganha a cidade.

CAPÍTULO 03

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS: SOB OS AUSPÍCIOS DA LIVRARIA ROSA.

Para onde foram os livros usados, os que tinham na capa esse visgo publicitário, as brochuras encardidas, as encadernações de pobre, os folhetos, as revistas do tempo de Rodrigo Alves? Tudo isso também é gente, na cidade das letras, e, como gente, ninho de surpresas [...].

(Carlos Drummond de Andrade)¹

A vida no interior de uma livraria pode ser menos romântica do que a imagem de um paraíso de livros rodeados por leitores a folhear, sem cessar, páginas de fólhos encadernados em couro. Pretensos entendidos em qualquer assunto possivelmente são mais numerosos do que os amantes da literatura, bem como estudantes em busca de pechinchas ou clientes desorientados em busca de um presente ao marido, ao sobrinho, à namorada. Ao lembrar o tempo em que trabalhou numa pequena livraria, George Orwell escreveu sobre os pedidos mais freqüentes dos tipos inoportunos que se encontra em qualquer lugar, mas que, segundo ele, no interior de uma livraria encontravam oportunidades ideais para suas inconveniências, como, por exemplo:

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Sebo. In: *O poder ultra-jovem e mais 79 textos em prosa e verso*, apud BRAGANÇA, Aníbal. Ler, escrever e contar. ler-e-escrever.blogspot.com. Acessado em 04/09/2007.

[...] a estimada senhora que ‘quer um livro para um inválido’ (uma procura bastante freqüente) e a outra estimada senhora que leu um livro muito bom em 1897 e gostaria de saber se poderíamos localizar um exemplar para ela. Infelizmente não se lembra do título nem do nome do autor, ou de que o livro tratava, mas se lembra de que a capa era vermelha. Afora essas, existem dois tipos de praga notórios pelos quais todo sebo é perseguido. Um é o indivíduo decadente que cheira a farelo de pão amanhecido e que aparece todos os dias, de quando em quando várias vezes por dia, tentando vender livros sem valor. O outro é o que pede quantidades enormes de livros pelos quais não tem a menor intenção de pagar.²

Para Orwell, numa grande cidade como a sua Londres há sempre uma porção de loucos não exatamente interditáveis soltos nas ruas e que tendem a se dirigir para um dos poucos lugares nos quais podem se demorar por bastante tempo sem gastar um tostão: as livrarias. Irritava-o saber que de todos os objetos inventados pelo homem o livro era o que mais depreendia pó e que o topo de um livro é o lugar em que todas as moscas-varejeiras preferem morrer.

Contudo, a despeito do chiste, Orwell reconhecia que adorava livros, vê-los, tocá-los, cheirá-los para discernir o cheiro de livro novo do aroma doce do papel em deterioração de um livro velho. Amava-os tanto que confessa ter desistido do ramo dos livros para não perder o seu encanto³. Afinal, uma estante de livros pode esconder mais do que uma irritante quantidade de pó ou moscas-varejeiras. Elas podem ocultar uma cidade – cidade das letras na qual o livro é gente, como disse Drummond.

Livros numa estante inquirem quais caminhos percorreram até chegarem ali e quais ainda percorreriam nas mãos de um novo leitor. Questionam o significado de suas marcas de uso, das frases sublinhadas, da cicatriz no dorso, das evidências da passagem de leitores que deixaram rastros de suas práticas de leitura, atos triviais que ocorrem nas aulas, nos pontos de ônibus, no banco da praça, no interior dos banheiros, em cima das camas.

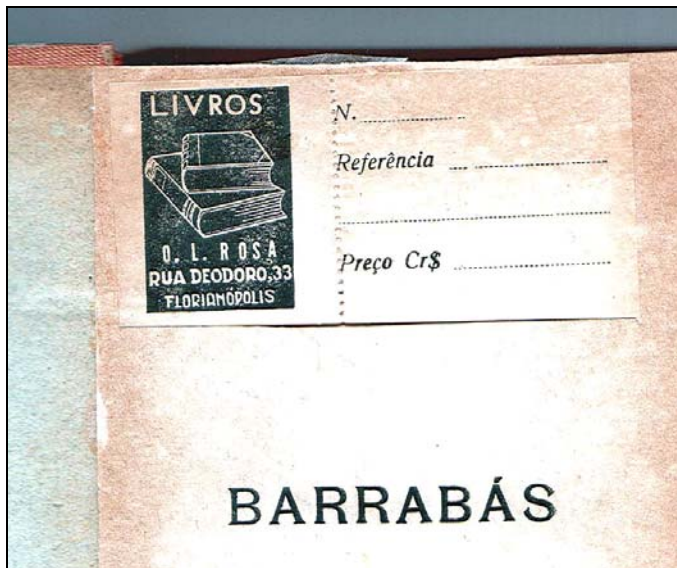
² ORWELL, George. Memórias de livraria. In: _____. *Dentro da baleia e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. P. 32-33.

³ Idem. P. 37-38.

Pierre Bourdieu enfatizou a necessidade de uma história dos objetos ordinários – no sentido de estarem na ordem do dia, banais em seu uso cotidiano - que, de tão corriqueiros, não mais despertam nossa atenção. O sociólogo francês argumenta a favor de uma história movida pelo interesse da compreensão de objetos culturais em sua historicidade, já que cada um desses objetos conserva em si construções sociais motivadas por uma determinada história no espaço e no tempo.⁴

Em sua aparente banalidade, os livros apresentam-se como suportes de uma historicidade despertada pelos sentidos e pelas pistas encontradas em suas páginas que remontam sua trajetória. Por exemplo, para um bibliófilo, um selo de livraria encontrado dentro de um livro pode associá-lo de forma inextricável a dimensões da circulação do impresso e de seu uso (ver Figura 28).

Figura 28 – Selo da Livraria Rosa no exemplar de “Barrabás”, R.J.: Garnier, s/d.



Acervo do autor.

Revela ainda esquemas de organização administrativa da livraria como casa comercial (o número do exemplar, sua referência de localização no acervo, o preço para informação do cliente e posterior conferência na contabilidade da firma), expõe as falhas

⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989. P.37.

que esse sistema pode apresentar (todos os campos a serem preenchidos estão em branco), demonstra que a livraria em questão não trabalhava apenas com um acervo de livros novos, mas também possuía uma seção de sebos (o selo foi colado num livro da editora Garnier confeccionado antes da fundação da própria livraria em questão), nos permite discorrer sobre a imagem símbolo impressa no selo da Livraria Rosa, livros robustos, grossos, de uma encadernação encorpada, livros aparentemente pesados que suportam o peso do saber que, acredita-se, são portadores.

Como vimos no capítulo anterior, após sua inauguração, em 1944, a Livraria Rosa consolidou-se no mercado de Florianópolis como uma das principais vias existentes de circulação de livros. Alguns dos motivos pelos quais se deu esta consolidação já foram igualmente citados ao mapearmos, ainda que de forma breve, os principais estabelecimentos a comercializar livros à época (a troca de dono e reestruturação da Livraria Moderna, o “exílio” e prisão do alemão Alberto Entres durante a Segunda Guerra Mundial, as casas de menor porte que eram, sobretudo, papelarias, como a Progresso, Catarinense e Casa 43...). A Livraria Rosa passou a ser vista como a principal livraria da cidade, ou ao menos é o que assegura um de seus antigos freqüentadores, o escritor Salim Miguel:

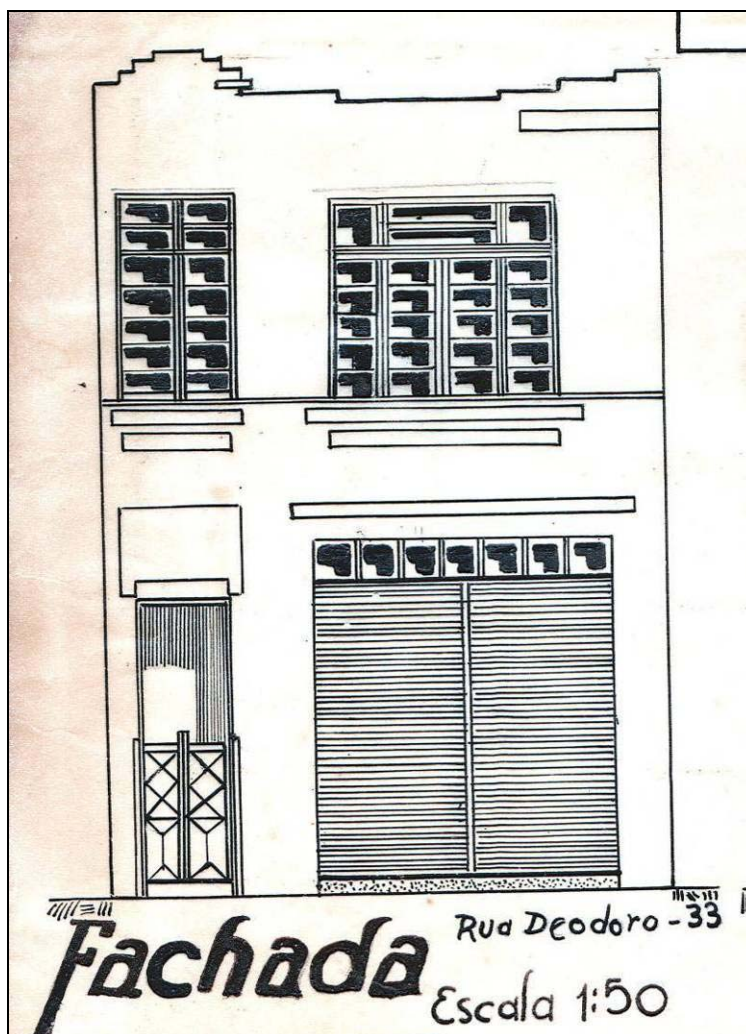
A Livraria Moderna andou publicando uns livros, inclusive dois do Othon Gama D'Eça, mas nessa época já estava mais ou menos parada. A livraria mais importante era a Livraria Rosa, que recebia os lançamentos das principais editoras brasileiras⁵.

Do pequeno corredor entulhado de livros usados a livraria cresceu até sofrer a primeira reforma passando a ocupar toda a sala da frente da residência de João Teixeira da Rosa Júnior. No ano seguinte, em 1949, ganhou uma nova reforma que alterou toda a estrutura tanto da residência quanto da livraria, dando um ar mais profissional ao

⁵ MIGUEL, Salim & MALHEIROS, Eglê. *Memória de Editor*. Florianópolis: IOESC: Escritório do Livro, 2002. p.20.

estabelecimento (ver Figura 29), ou ao menos, uma estrutura planejada para suportar a livraria, diferente da sala improvisada de então.

Figura 29 – Nova fachada da Livraria Rosa, 1949⁶.



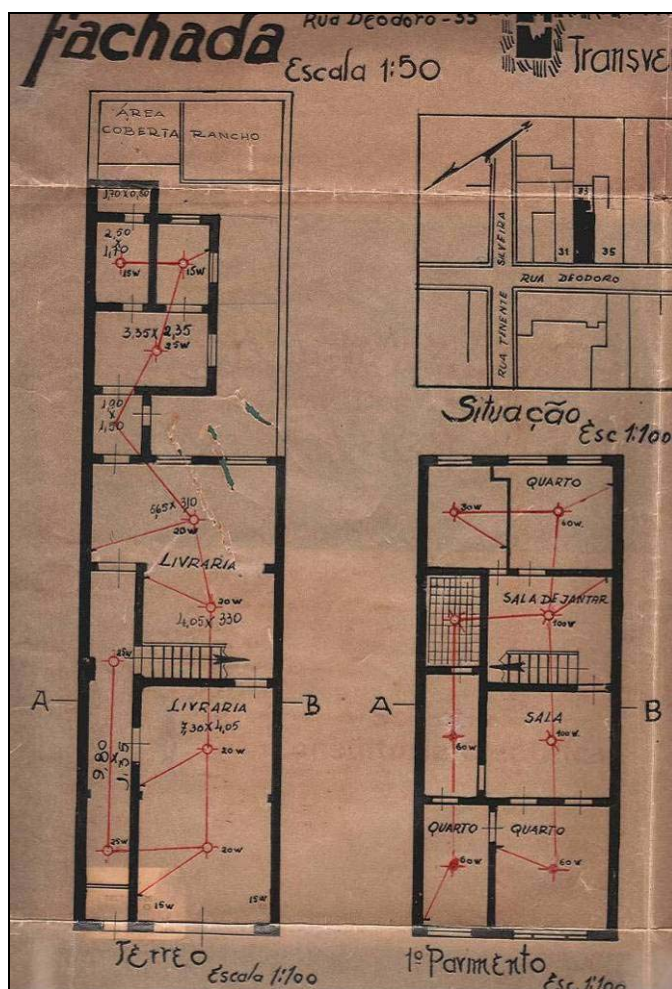
Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

O antigo casario colonial (visto na Figura 15) foi transformado num prédio de dois pavimentos, construído de alvenaria e coberto com telhas tipo “francês”. A fachada era de platibanda com duas portas no pavimento térreo e duas janelas no pavimento superior. O pavimento superior do prédio era destinado a residência e o inferior ao comércio, dividido

⁶ Projeto intitulado “Planta de um prédio construído a Rua Deodoro, nº33, para o Sr. João Teixeira da Rosa Júnior pelo engenheiro Castulio do Amaral”. Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

em oito compartimentos destinados a livraria, corredor, instalações sanitárias e depósito⁷ (Figura 30).

Figura 30 – Planta do prédio da Livraria Rosa, 1949⁸.



Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

Pelo amplo espaço destinado a livraria – todo o andar térreo, em comparação a pequena sala de estar de outrora - programado na planta da obra desde a origem da reforma é possível imaginar um aumento significativo da quantidade de livros circulantes tanto nas estantes quanto em estoque, além da utilização do espaço físico da loja para uma maior diversificação dos produtos vendidos no interior do estabelecimento. Em anúncio do

⁷ Parecer N°406 do engenheiro avaliador responsável pela reforma no prédio da Rua Deodoro, nº33. 10/04/1949.

⁸ Projeto intitulado “Planta de um prédio construído a Rua Deodoro, nº33, para o Sr. João Teixeira da Rosa Júnior pelo engenheiro Castulio do Amaral”. Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

Anuário Catarinense de 1950 (Figura 31) é possível verificar uma novidade nos anúncios publicitários encontrados ao longo desta pesquisa, a menção a outros artigos à venda em seu interior que não seja material de leitura, no caso “artigos de escritório”, “Materiais escolares” e bandeiras.

Figura 31 – Anúncio publicitário da Livraria Rosa, 1950⁹.



Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

⁹ *Anuário Catarinense para 1950*. Direção de Altino Flores, Martinho Callado Jr. (diretores) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano III, n.3, 1950. p. 02

De todo o material levantado ao longo desta pesquisa, este foi o único anúncio publicitário que mencionou os livros ao lado de artigos de papelaria, o que parece evidenciar que com a reforma e a ampliação do espaço físico da livraria, outros produtos foram agregados ao seu estoque e passaram a ser ofertados, sem perder de vista a opção pelo amplo acervo de livros, sempre o principal objeto comercializado em seu interior.

Se “o melhor livro para um livreiro é o que vende bem¹⁰”, seria possível saber quais livros ocuparam as estantes da Livraria Rosa no seu período de funcionamento (1944-1951), ou, ao menos, elaborar uma cartografia dos principais livros, autores e editores circulantes na Florianópolis de então? De que forma elaborar esta cartografia inicial de livros se não há notícia da existência de uma documentação administrativa da livraria, como um controle de venda e aquisição de livros do seu acervo?

3.1. “LIVROS, LIVROS A MÃO CHEIA”: UMA CARTOGRAFIA.

A alternativa encontrada foi esquadrihar o que o livreiro selecionava do seu acervo e tornava público através de sua coluna na Revista Atualidades, as “Notícias Bibliográficas, sob os auspícios da Livraria Rosa”. Como visto no capítulo anterior, a coluna publicava uma seleção feita por João Teixeira da Rosa Júnior dos principais – ou do que ele julgava serem os principais – lançamentos editoriais da época e que se encontravam a venda em sua livraria, além de notícias diversas sobre editoras, escritores, o circuito do livro no Brasil, em Santa Catarina e no exterior, alguma correspondência com leitores da coluna e a transcrição de pequenas sinopses de livros ou impressões da crítica especializada encontradas nas orelhas dos livros ou em suas contracapas.

¹⁰ Edouard Rouveyre (1849-1930), bibliófilo e livreiro-editor. ROUVEYRE, Edouard. *Dos Livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p.31.

Figura 32 – A coluna “Notícias Bibliográficas”¹¹.



Acervo do IHGSC.

É preciso deixar claro que dos sete anos de funcionamento da livraria, apenas o período de 1946 a 1948 foi possível ser levantado, exatamente o período da publicação da coluna “Notícias Bibliográficas” pela Revista Atualidades. E mesmo este levantamento resulta-se incompleto, pois foi elaborado através de consulta aos exemplares da revista depositadas no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Apesar de cumprir o seu propósito de se traçar uma cartografia inicial – ainda que imprecisa – dos livros circulantes, não se trata, portanto, de um levantamento definitivo, pois o referido acervo não está completo com todos os exemplares da revista lançados no período em questão¹².

Com o seu desenvolvimento e sua consolidação no mercado local, em seus anúncios publicitários a Livraria passou a ser mais “audaciosa” ao assegurar ser capaz de atender a qualquer tipo de pedido, vendendo “qualquer livro de qualquer editora”¹³. A

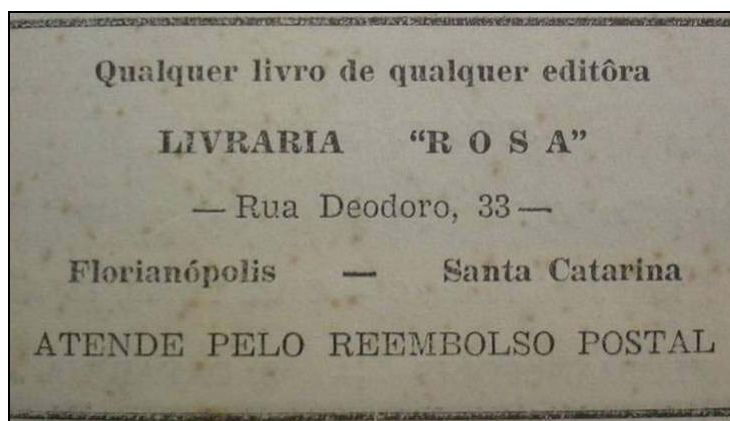
¹¹ Revista Atualidades. Nº02. 1948.

¹² A lista completa dos periódicos consultados encontra-se ao final do trabalho.

¹³ *Anuário Catarinense para 1948*. [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.

despeito dos *slogans* mercadológicos, a Livraria Rosa, se era ou não capaz de vender qualquer livro de qualquer editora, ao menos apresentava uma grande variedade de títulos e autores de algumas das maiores editoras nacionais de então. Chegou a ser, inclusive, distribuidora no Estado e agente em Florianópolis de editoras estrangeiras como a *El Ateneo*, de Buenos Aires¹⁴.

Figura 33 – Anúncio publicitário da Livraria Rosa, 1948¹⁵.



Acervo do IHGSC.

Se comparado com o acervo da Livraria Moderna, de Pedro Xavier, o acervo da Livraria Rosa destacava-se pela maior quantidade de obras em estoque, a maior variedade de títulos e a melhor atualização com relação aos lançamentos, segundo impressões de Salim Miguel:

E outra coisa também é que, embora a Moderna recebesse alguns títulos de editoras brasileiras, quem passou a receber os títulos das principais editoras que estavam se tornando importantes nesse país era a Livraria Rosa. O acervo da Livraria Rosa era melhor porque ela recebia a editora Globo e José Olímpio, que na época eram as duas editoras mais importantes do país. A Globo tornou conhecidos não só alguns escritores brasileiros, porque a Globo se dedicava mais à literatura estrangeira do que a brasileira, ela publicava um ou outro autor brasileiro, especialmente o Érico Veríssimo porque era um dos diretores (risos), Cecília Meireles, Marques Rebelo e os autores gaúchos. Já o José Olímpio era o contrário, publicava alguns autores estrangeiros, foi a primeira a publicar toda a obra do Dostoievski, não da tradução dos russos, da tradução da tradução, da tradução francesa, mas os mais importantes escritores brasileiros dos anos 30 em diante foram publicados pelo Jose Olímpio. E a Livraria Rosa

¹⁴ Revista Atualidades. Nº06. 1946.

¹⁵ *Anuário Catarinense para 1948*. [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.

passou a trabalhar com ele, trabalhava com outras editoras menores, como a Pongetti, a Cia. Editora Nacional, de São Paulo, que publicava pouca obra de ficção, de poesia, publicava mais eram livros de estudos, ensaios, e história do Brasil, inclusive, foi a primeira a editar um livro de um catarinense sobre o Contestado, do Oswaldo Rodrigues Cabral. Então esses livros a gente encontrava na Rosa...¹⁶

As observações de Salim Miguel vão ao encontro das informações consolidadas pela historiografia do livro brasileiro em relação a proliferação de editoras brasileiras especialmente a partir da década de 1940. Nas primeiras décadas do século XX os principais livros de autores nacionais eram impressos, em edições de tiragens reduzidas, no exterior. Na França eram impressos livros de Machado de Assis, Graça Aranha, Alberto Rangel, Coelho Neto, Afrânio Peixoto e de tantos outros. Livros de Euclides da Cunha eram lançados e reeditados em Portugal. Nas entrecapas dos livros brasileiros encontravam-se nomes como Garnier, Tipografia Arrault, Lello & Irmãos. Segundo Olympio de Sousa Andrade, nas décadas de 1920 e 1930 as editoras nacionais agiam experimentando novos processos de distribuição, tendo como exemplo a ação de Monteiro Lobato¹⁷.

No Brasil, entre as décadas de 1920 a 1940 ocorreu um crescimento da industrialização e da urbanização que provocou a emergência de um mercado interno consumidor e de um público leitor regular, reforçados pela indústria editorial - o avanço técnico dos meios de comunicação, um melhor aparelhamento das máquinas impressoras, a profissionalização do setor -, pela criação de universidades e outras instituições culturais

¹⁶ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

¹⁷ ANDRADE, Olimpio de Souza. "O Livro Brasileiro: progressos e problemas numa visão de conjunto". In: *Revista do Livro*. Nº. 37. 1969. p.14. Apesar da merecida notoriedade atingida pelo nome de Monteiro Lobato e de sua importante atuação no mercado editorial brasileiro, não se deve deixar de registrar a expressiva atuação de outros editores brasileiros, inclusive livrarias-editoras pioneiras como a Livraria Clássica de Nicolão Antônio Alves que se transformaria da Livraria Francisco Alves, com sólida posição conquistada no país, com sede no Rio de Janeiro, chegando inclusive a incorporar aos seus negócios livrarias-editoras da França e de Portugal (Aillaud e Bertrand, respectivamente), invertendo o percurso de seus contemporâneos europeus, como os Garnier. Cf. BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à História Editorial Brasileira. In: *Cultura – Revista de História e Teoria das Idéias*. Vol. XIV (Separata). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2002. p.74-76.

comprometidas com um ideal coletivo como, por exemplo, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Serviço de Radiodifusão Educativa, o Sistema de Bibliotecas Populares, o Instituto Nacional do Cinema Educativo, o Serviço Nacional de Teatro e o Museu de Belas Artes¹⁸.

Data de 1937 a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), sob a direção de Augusto Meyer, nomeado diretamente pelo presidente Getúlio Vargas. Segundo Hallewell, a criação do INL foi uma consequência direta do golpe de Estado de novembro de 1937, que implantou o Estado Novo. No decreto original de 1937, ao Instituto haviam sido atribuídas as funções de instrumento de controle do governo sobre os livros que poderiam ser legalmente publicados ou importados. Passados dois anos sem que o INL tomasse qualquer tipo de medida neste sentido, essas atribuições foram transferidas para o serviço de censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Outras tarefas específicas foram o desenvolvimento de bibliotecas públicas – Florianópolis já possuía a sua desde 1854 –, o desenvolvimento de uma enciclopédia e um dicionário nacional (tarefa jamais cumprida em sua totalidade), a produção de uma bibliografia nacional atualizada e a publicação de “todo o tipo de obras raras ou importantes” de interesse para a cultura luso-brasileira que não tivesse qualquer possibilidade de publicação por editoras privadas¹⁹.

Um dos pioneiros na pesquisa da história do livro no Brasil, Laurence Hallewell - baseado nos estudos de Lúcia Lippi Oliveira²⁰ – aponta a Era Vargas como marco fundamental não apenas da história brasileira como da história editorial e da circulação de livros no país. Politicamente representou o fim da “República Velha” ou do “Café-com-Leite” sustentada nas oligarquias de fazendeiros paulistas e mineiros sustentados pela

¹⁸ VELOSO, Marisa. “Traços e Ritmos da Modernidade Brasileira”. In: VELOSO, Marisa & MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras*. São Paulo: Paz e Terra, 1991. p.89-95.

¹⁹ HALLEWELL Op. Cit. 2005.). p.392-394.

²⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) et al. *Elite Intelectual e Debate Político nos Anos Trinta: Uma Bibliografia Comentada da Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: FGV: 1980.

agricultura de exportação. Viu-se a ascensão de uma classe média, o retorno a um centralismo administrativo, a criação de uma política nacional para a educação. Para Hallewell, os acontecimentos de 1930 e 1932 – a revolução de 1930 e a revolta Constitucionalista, respectivamente – anunciaram uma nova era da consciência nacional, despertando uma preocupação apaixonada pelo país e por seus problemas²¹.

O público leitor da nova classe média recebia com entusiasmo as obras sobre a decadência da velha aristocracia rural, como os romances do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego, ou os textos de história social de Gilberto Freyre. O preço proibitivo dos livros importados também contribuiu para uma onda de publicações na área de literatura e com uma fenomenal taxa de crescimento da edição de livros, com as cifras relativas a São Paulo entre 1930 a 1936 ultrapassando a marca de 600%! Para Hallewell, não há como questionar que no período que se seguiu a revolução de 1930 houve o surgimento de uma indústria editorial brasileira viável, capaz de fazer lançamentos com edições outrora impensáveis de cinco a dez mil exemplares como fez José Olympio²².

O escritor Rosário Fusco, em 1940, completa:

O movimento editorial se anima. As reedições se sucedem. O comércio do livro nacional é um dos mais prósperos do continente (...). Pela primeira vez no Brasil, as edições dos romances se sucedem com apenas meses de intervalo quando, pouco antes de trinta, as edições de mil exemplares, na sua maioria pagas pelo próprio autor, demoravam meses e meses nas estantes, quando não se esgotavam pela distribuição grátis dos escritores... De 1936 (...) as casas editoras, estimuladas pela procura do livro e pela quantidade dos originais que lhes são oferecidos (...) disputam os autores, aumentam as suas tiragens, incrementam os concursos (...) e o movimento editorial prospera formidavelmente²³.

A partir da década de 1940 grupos de editores e livreiros começaram a se reunir para discutir os problemas do setor e buscar formas de atuação conjunta e organizada. Data

²¹ Vale lembrar novamente das três obras clássicas do período: “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, “Casa-Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre e “Formação do Brasil Contemporâneo”, de Caio Prado Júnior

²² HALLEWELL Op. Cit. 2005. p.422.

²³ FUSCO, Rosário. *Política e Letras*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940 apud. HALLEWELL Op. Cit. 2005. p. 422-423.

de 1946 a proposta de criação de uma entidade de classe – a Câmara Brasileira do Livro – que assumiu a tarefa de divulgar e promover o livro no Brasil. A idéia já circulava a algum tempo no meio editorial brasileiro, repercutindo especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, centros detentores das maiores casas editoriais. À frente da Câmara Brasileira do Livro estavam as principais editoras nacionais como Jorge Saraiva, da Livraria e Editora Saraiva; José de Barros Martins, da Livraria Martins Editora; Diaulas Riedel, da Editora O Pensamento; Artur Neves, da Editora Brasiliense; Octalles Marcondes Ferreira e Ênio Silveira, da Companhia Editora Nacional; Roberto Costa, da Editora Civilização Brasileira, Abel Ferraz de Souza, da Edições Lep; Edgard Cavalheiro, da Livraria do Globo; Ernesto Reichmann, da Livraria Triângulo; Antônio Olavo Pereira, da Livraria José Olympio Editora; e Aristides Thomé, da Livraria Freitas Bastos, entre vários outros²⁴.

Uma das principais reivindicações da Câmara Brasileira do Livro atendidas foi a inclusão na Constituição Federal da isenção tributária sobre o papel destinado à produção de livros que desde o século XIX sufocava a indústria editorial pelas altas taxas sobre sua importação. Entre as décadas de 1910 e 1920, as poucas edições ficcionais brasileiras e mesmo a produção de cartilhas e livros didáticos, que correspondiam por mais de 30% do total de volumes editados, tinha como limite o alto custo e a demanda restrita²⁵.

O papel de consumo gráfico sempre fora uma mercadoria de custo alto, dependente de importação e sujeita às vicissitudes da economia de mercado. Nas primeiras décadas do século XX o país valia-se, efetivamente, de apenas dois empreendimentos no gênero, a

²⁴ CBL. *60 Anos: Câmara Brasileira do Livro*. São Paulo: CBL, 2006. p.28-29.

²⁵ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Educ: Fapesp, 2000. p.78.

pioneira Companhia Melhoramentos e a Kablin Irmãos, com dez fábricas: quatro em São Paulo, quatro no Rio de Janeiro, uma no Rio Grande do Sul e outra em Pernambuco²⁶.

Contudo, sua capacidade de produção estava longe de atender ao mercado interno, sem contar que as fábricas brasileiras dependiam do fornecimento de matéria-prima estrangeira como a celulose química, as telas metálicas, feltros, sulfato de alumínio e demais ingredientes. Um dos motivos que proporcionaram a expansão da Livraria do Globo deve-se ao fato de que na década de 1930 a editora aproveitou-se de uma crise econômica que atingira a Europa – encarecendo o papel e a importação de livros desse continente – para tornar-se competitiva em seu próprio mercado nacional²⁷. A livraria antecipou-se à crise, abasteceu seu estoque e pôde oferecer um produto abaixo do preço das demais editoras.

A influência do preço do papel na indústria editorial brasileira foi assunto de uma das colunas de Teixeira da Rosa, ao trazer um depoimento de Rogério Pongetti – da editora Pongetti, uma das dez maiores editoras nacionais em número de livros lançados²⁸ -a justificar os altos preços dos livros ao reclamar da dificuldade de obtenção de matéria prima e das leis de importação do papel estrangeiro:

O Sr. Rogério Pongetti, falando ao ‘Correio da Manhã’, do Rio, em dias de janeiro do ano corrente, assim se expressou: ‘As dificuldades de matéria prima não melhoraram, agravando-se mesmo na questão do papel. Os fabricantes nacionais só aceitam encomendas por favor e a custa de muitos empenhos...’ Afirmou que ‘parece ter sido elaborada por ‘amigos da onça’ a lei que facultou a importação do papel estrangeiro com isenção de direitos’. Com esta entrevista procurou o Sr. Pongetti explicar a razão porque o livro é vendido por preço que parece caro²⁹.

Mesmo com as melhorias do parque gráfico, a proliferação de editoras e a isenção tributária sobre o papel destinado à produção de livros, os altos custos de produção ainda

²⁶ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001. p.209-217.

²⁷ HALLEWEL, Laurence. *O Livro no Brasil*. (Sua História). SP. Edusp, 1985. p. 316-317.

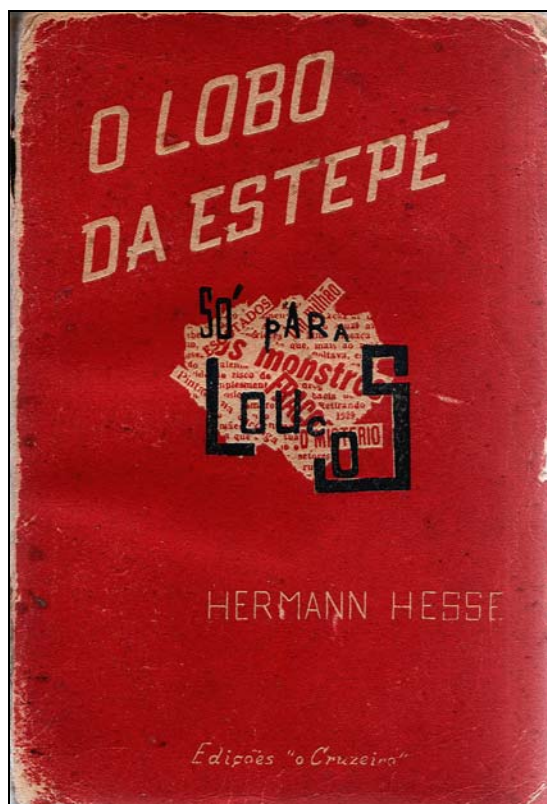
²⁸ Idem. p. 293.

²⁹ *Revista Atualidades*. Nº2. 1947.

eram os principais obstáculos para a difusão do livro, o que não impediu, entretanto, o grande aumento da oferta de livros. Salim Miguel, com sua experiência de livreiro e editor concorda que o preço era o maior obstáculo para a aquisição de livros:

Era o preço (...) porque o livro é uma coisa curiosa. Na medida em que aumenta a tiragem diminui o preço, porque o custo básico é um, é chegar até o livro pequeno para ir para a gráfica, no momento em que ele começa a rodar, tanto faz tu tirares mil exemplares, quanto dez mil, como vinte mil o custo básico é o mesmo. O que vai custar mais é o papel, a impressão e o acabamento. (...) E as vendas não eram muito grandes, quem tinha uma livraria era por ser um apaixonado pelos livros, não que ele fosse enriquecer ou que fosse vender 50 exemplares de um autor, 200 de outro, ele vendia dois três, quatro, cinco de um nome já consagrado. (...) A gente encontrava o José Lins do Rego, encontrava o Jorge Amado, encontrava o Graciliano, encontrava todos esses nomes que se tornaram referência na literatura brasileira. Depois foram surgindo outras editoras, a Martins, de São Paulo, a Civilização Brasileira, do Enio Silveira, no Rio de Janeiro, mas as três editoras básicas dos anos 40 eram a José Olímpio, no Rio de Janeiro, a Companhia Editora Nacional, em São Paulo e a Globo, em Porto Alegre. Além disso, tinha a Pongetti, que os livros eram mais baratos e mais feios, uma ou outra coisa da Cruzeiro, como “O Lobo da Estepe”, a gente encontrava na Livraria Rosa.

Figura 34 – O Lobo da Estepe, Edições O Cruzeiro, 1943.



A necessidade do Brasil de restringir importações no período da Segunda Guerra Mundial contribuiu para a ampliação do parque manufatureiro dos grandes centros, com destaque para o Estado de São Paulo que, em 1941, se tornara o maior núcleo industrial da América Latina. Como parte deste desenvolvimento, como aponta Hallewell, o Estado converteu-se num dos maiores centros gráficos do continente com 4 368 firmas de impressão tipográfica, 33 oficinas litográficas e 26 estabelecimentos de estereotipia, os quais empregavam uma força de trabalho especializada de cerca de quinze mil pessoas, além de abrigar dezesseis das 38 fábricas de papel mais importantes do país³⁰.

São Paulo passou a dividir com o Rio de Janeiro o título de principal centro cultural do país. Grosso modo, o Rio de Janeiro possuía as principais editoras inovadoras e de importância literária, enquanto São Paulo possuía uma atividade editorial dominada pelas editoras Nacional e Melhoramentos, centradas nos livros didáticos e na literatura infantil³¹.

Mesmo com as dificuldades, a década de 1940 foi emblemática para a indústria editorial brasileira, foi o período de maior *boom* até então de sua história e suas conseqüências foram sentidas num efeito dominó no qual o surgimento da Livraria Rosa está de certa maneira integrado: o crescimento industrial, o aparecimento de dezenas de novas editoras, o aumento da oferta de produtos, uma maior rede de distribuição dos livros, certa prosperidade ocasionada pela Segunda Guerra Mundial e a conseqüente recuperação do poder aquisitivo do mil-réis, um maior crescimento demográfico, as mudanças quantitativas e qualitativas na área da escolarização, da especialização acadêmica e profissional, o aumento da comunidade de leitores, uma maior rede de distribuição e de pontos de venda de livros.

³⁰ HALLEWELL Op. Cit. 2005. p.485.

³¹ Idem.

No Quadro II, apresentado a seguir, percebem-se quais foram as principais editoras em circulação por Florianópolis através da Livraria Rosa e citadas por João Teixeira da Rosa Júnior em sua coluna “Notícias Bibliográficas”, entre 1946 a 1948, nos exemplares da Revista Atualidades pesquisados:

Quadro II – Editoras citadas na coluna “Notícias Bibliográfica” (1946-1948):

1946-1948	
Editora	Citações
José Olympio Editora	12
Editora Vecchi	11
Editora Globo	10
Editora Anchieta	9
AGIR	8
Brasiliense	3
Cia. Editora Nacional	3
Editora Aurora	3
Editora Brasil	3
Editora Guaira	3
Livraria Martins	3
Editora Prometeu	3
Editora Universitária	2
Editora Civilização Brasileira	1
Editora Getúlio Costa	1
Editora Irmãos Di Giorgio	1
Editora Melhoramentos	1
Editora Pongetti	1
Empresa Editora Brasileira	1
Empresa Graf. O Cruzeiro	1
Dois Mundos	1
Mundo Latino	1
Editora Ipê	1
W. M. Jackson	1

Dentre as editoras mais citadas, encabeça a lista a Livraria José Olympio Editora, casa fundada em São Paulo, em 1931, e transferida para o Rio de Janeiro, em 1934, por José Olympio Pereira Filho, ex-chefe da livraria Casa Garraux. De 1931 a 1984 a editora lançou 4.850 edições, tendo publicado alguns dos autores mais importantes e populares da literatura nacional como Humberto de Campos, Gustavo Barroso, Plínio Salgado, Miguel Reale, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Rubem Braga, João Guimarães Rosa, Dinah Silveira de Queiroz, Graciliano Ramos. Sua posição independente possibilitou ter um seu

catálogo autores tão díspares como Jorge Amado e Getúlio Vargas, de quem José Olympio publicou os vários volumes de “A Nova Política no Brasil”³².

Em 1936, fundava a Coleção Documentos Brasileiros, dirigida, até o volume 18, por Gilberto Freyre, e por Otávio Tarquínio de Sousa até o volume 110, substituído por Afonso Arinos de Melo Franco. Ao todo foram mais de duzentos volumes publicados sobre temas brasileiros, inaugurado por “*Raízes do Brasil*”, de Sérgio Buarque de Hollanda, mencionado por Teixeira da Rosa na coluna “Notícias Bibliográficas” em 1946, em virtude do lançamento de sua 2ª edição com acréscimo de um capítulo³³. De Gilberto Freyre, a notícia da 5ª edição de *Casa Grande & Senzala* foi recebida com satisfação por Teixeira da Rosa e “por todos quantos acompanham o movimento cultural brasileiro”, ao elencar todas as modificações feitas na nova edição que “dariam mais leveza à leitura”³⁴.

Em seguida, no quadro das editoras mais citadas, aparece a Editora Vecchi, fundada em 1913 por Arthur Vecchi. Pioneira no Brasil na edição de livros de André Maurois, Ibsen, Gide, Schopenhauer e Nietzsche, concentrou-se nas décadas seguintes na edição de revistas e de livros infantis³⁵. Suas fotonovelas, muito populares, foram diversas vezes anunciadas por João Teixeira da Rosa, em especial a mais famosa delas, *Grande Hotel*, originalmente publicada na França e trazida ao Brasil pela Vecchi. Atento à demanda do mercado, Teixeira da Rosa enviava gratuitamente à quem solicitasse um exemplar da revista “à título de propaganda”. A iniciativa parece ter dado certo, pois a fotonovela, de tiragem semanal, teve “grande aceitação, especialmente da parte do elemento feminino que aprecia os grandes romances de amor”³⁶.

³² VILLÇA, Antônio Carlos. *José Olympio, o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.

³³ *Revista Atualidades*. Nº08. 1946.

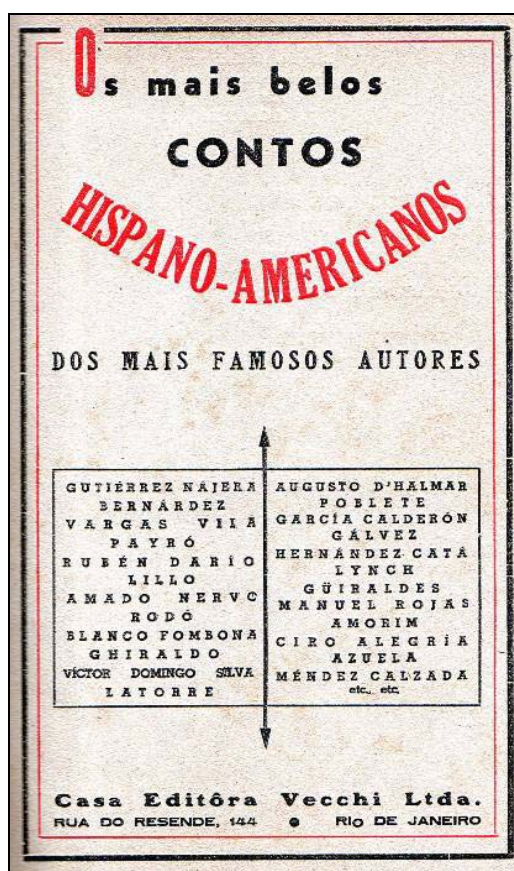
³⁴ *Revista Atualidades*. Nº07. 1946.

³⁵ HALLEWELL Op. Cit. 2005. p.276-277.

³⁶ *Revista Atualidades*. Nº10-11. 1947.

Na coluna “Notícias Bibliográficas” publicada na edição número 08, de 1949, Teixeira da Rosa menciona o lançamento do livro “Os Mais Belos Contos Hispano-Americanos”, da Editora Vecchi. Num volume de 325 páginas a reunir 32 dos mais famosos autores hispano-americanos como Vargas Vila, Rubén Darío, Manuel Bernárdez, José Enrique Rodó, Rufino Blanco Fombona e Ricardo Güiraldes. A publicação do livro remonta ao contexto da dificuldade de importação de livros franceses durante a Segunda Guerra Mundial, com o que os livreiros brasileiros se voltassem para outras repúblicas latino-americanas, tanto importando livros a baixo custo das editoras em expansão pela América espanhola – e cujo idioma passava a ser cada vez mais aceito no Brasil – quanto adquirindo os direitos de tradução das obras de seus principais autores³⁷.

Figura 35 – Folha de Rosto da obra “Os Mais Belos Contos Hispano-Americanos”, 1946³⁸.



Acervo do Autor.

³⁷ HALLEWELL Op. Cit. 2005. p.491.

³⁸ NAJERA, Gutierrez et all. *Os mais belos contos hispano-americanos*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1946.

Com dez citações, a Livraria do Globo aparece como a terceira mais citada. Inaugurada em Porto Alegre, em 1883, pelo português Laudelino P. Barcellos, com sua morte, a razão social passou a ser Barcellos, Bertaso & Cia. A partir da década de 1930, sob a orientação de Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, tornou-se uma das principais livrarias e editoras do país³⁹. Como visto no capítulo anterior, a partir de 1930, mas especialmente na década de 1940, proliferaram-se anúncios com ofertas da Livraria nos jornais de Florianópolis, a oferecer livros através do reembolso postal.

Através de suas inúmeras coleções, intensifica-se a publicação no Brasil de traduções de autores anglo-saxônicos, germânicos e estrangeiros em geral, para além dos tradicionais franceses. Dentre os mais populares, aparece Edgar Wallace, W. S. Maugham, Karl May, Sax Rohmer, Pearl S. Buck, Aldous Huxley, James Hilton e outros⁴⁰. Das coleções do catálogo da Livraria do Globo, Teixeira da Rosa faz menção a duas: a Nobel e a Biblioteca dos Séculos, que serão abordadas mais adiante.

Com relação à editora AGIR, foi uma das empresas que mais se fortaleceram no imediato pós-guerra, período em que Teixeira da Rosa publicou sua coluna. A livraria e editora Artes Gráficas Indústrias Reunidas S. A. (AGIR) teve entre seus fundadores Alceu Amoroso Lima, “preeminente católico leigo do Brasil”⁴¹. Entre suas áreas de interesse incluíam a religião, arte, literatura, pedagogia e livros didáticos.

Dentre as obras anunciadas em “Notícias Bibliográficas”, destaca-se *Diário de um pároco de aldeia* e *Sob o sol de Satã*, de Georges Bernanos; *Além da Fronteira da Vida*, de Luiz Flávio de Faro; o romance *Mona Lisa*, de Emí Bulhões Carvalho da Fonseca; *O Professor*, de Everardo Backheunser; *Princípios de uma política humanista*, de Jacques

³⁹ VERÍSSIMO, Érico. *Breve crônica duma editora de província*. Santa Maria: UFMS, 2000.

⁴⁰ AMORIM, Sônia Maria de. *Em Busca de um Tempo Perdido*: edição de Literatura Traduzida pela Editora Globo (1930-1950). Porto Alegre: UFRGS, 1999. p.68.

⁴¹ HALLEWEL, Laurence. Op. Cit. 2005. p. 490.

Maritain; *A Igreja e o século XIX*, por Raimond Corrigan; *Rumos políticos*, por Domingos Velasco; e *Antiga Família do Sertão*, de Esperidião de Queiroz Lima.

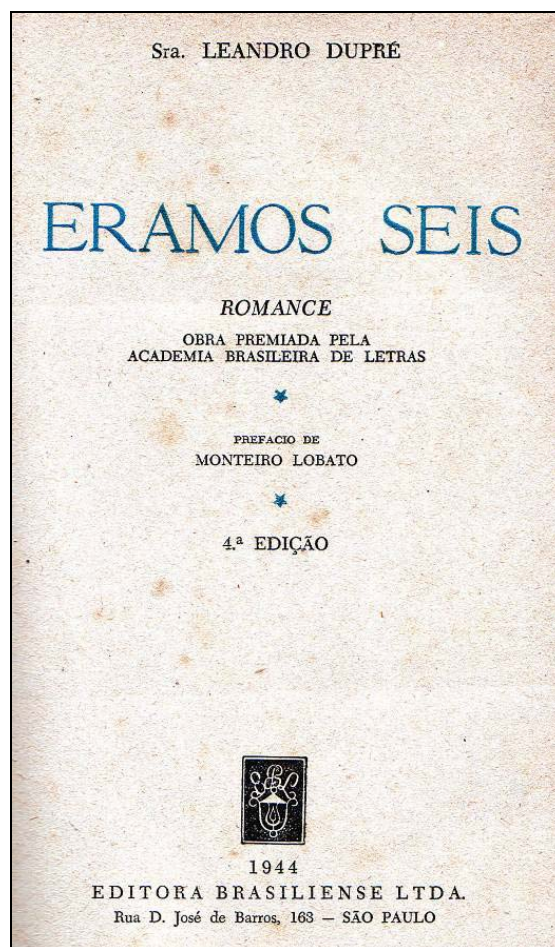
Semelhante às obras de caráter moral e religioso da AGIR, as publicações da Livraria Anchieta também foram muito anunciadas. Dentre elas destacam-se livros natalinos e outras obras infantis, “com capas de cores e muitas ilustrações no texto”⁴² e edições fac-similares de obras raras como as do Pe. Manuel Bernardes, cujos originais datam de 1728.

As demais editoras, mesmo com um número menor de citações, somadas apresentam-se como o que havia de mais atual no mercado livreiro, incluindo grandes sucessos de crítica ou de vendas. Da editora Brasiliense, por exemplo - dirigida à época por Arthur Neves, o economista Caio Prado Júnior. e Leandro Dupré – vieram obras ecléticas, com forte ênfase aos livros de administração de empresas e às ciências sociais, de autores como o próprio Caio Prado Júnior; e de literatura, como os clássicos de Maria José Dupré, autora de *Éramos Seis* e das histórias infanto-juvenis do Cachorrinho Samba.⁴³

⁴² *Revista Atualidades*. Nº11. 1946.

⁴³ HALLEWEL, Laurence. Op. Cit. 1985. P.291.

Figura 36 – Folha de Rosto da obra “Éramos Seis”, editora Brasiliense⁴⁴.



Acervo do Autor.

Já o principal destaque da Martins Editora talvez tenha sido a publicação dos livros de Jorge Amado, autor de grande popularidade e cujos livros sofreram com a censura do Estado Novo. Salim Miguel relembra o nome de Jorge Amado entre aqueles apontados como os autores de maior sucesso de vendas:

No Brasil, nesses anos, quem começava a se tornar um grande nome, que vendia tudo o que publicava era o Jorge Amado que começou numa editora menor e depois passou para a José Olímpio. Já estava começando também a se tornar um nome conhecido o José Lins do Rego. Ele tinha um contrato com uma editora menor, hoje se chamariam uma editora alternativa, uma era a Schimdt editora, que era do poeta Augusto Frederico Schmidt e a outra era Ariel, do Gastão Cruls e do Agripino Grieco. Então essa Schimdt foi a primeira a lançar o Graciliano Ramos e o José Lins do Rego era lançado pela Ariel⁴⁵.

⁴⁴ DUPRÉ, Maria José. *Éramos Seis*. São Paulo: Brasiliense, 1944.

⁴⁵ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

Os livros de Jorge Amado – e de outros autores brasileiros, como Monteiro Lobato, por exemplo – a partir de meados da década de 1940 começaram a serem visados pelos órgãos de censura do governo Vargas como livros subversivos. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, possuir um livro de Jorge Amado era o mesmo que declarar-se comunista, revolucionário⁴⁶. Contudo, ao menos até 1946, ano em que Teixeira da Rosa anuncia a publicação de *Seara Vermelha*, os livros do “muito conhecido romancista⁴⁷” foram anunciados sem restrições.

Outra editora novata no ramo (surgida em 1943) disponível para os leitores foi o departamento de edições de *O Cruzeiro*, a revista ilustrada de maior circulação na América Latina, a ultrapassar a casa dos 700 mil exemplares na década de 1940. Publicou essencialmente literatura – apesar de ter lançado algumas poucas edições sobre assuntos políticos, de David Nasser – concentrando-se em autores de grandes vendas como Hermann Hesse, Suzana Flag (pseudônimo de Nelson Rodrigues), Humberto de Campos, Dinah Silveira de Queiroz e outros⁴⁸. João Teixeira da Rosa assim apresentou um dos lançamentos d’O Cruzeiro:

Zuzana (sic) Flag, que se tornou conhecida no Brasil pelo seu livro ‘Meu Destino é pecar’, do qual já foram vendidos mais de 40 mil exemplares, terá mais um dos seus livros editados pela Empresa Gráfica “O Cruzeiro”. Intitula-se ‘Escravas do Amor’⁴⁹.

⁴⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas – O Deops e as Minorias Silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997. p. 66. Segundo a autora, a censura funcionava como instrumento moralizador colaborando para a construção de uma imagem positiva do Estado.

⁴⁷ *Revista Atualidades*. Nº10. 1946.

⁴⁸ HALLEWEL, Laurence. Op. Cit. 2005. p. 495-497.

⁴⁹ *Revista Atualidades*. Nº08. 1946.

Figura 37 – “Escravas do Amor”, de Suzana Flag⁵⁰.



Acervo do Autor.

Outras duas pequenas editoras que gozaram de alguma popularidade na cidade – a julgar pelos anúncios na revista - foram a Edições Mundo Latino e Editora Prometeu, ambas especializadas em romances de autores estrangeiros. Das Edições Mundo Latino, destacavam-se as obras do francês Maurice Dekobra, como *Emigrados de Luxo* e *A Filha de Mata Hari*, ambos posteriormente adaptadas para o cinema; e do cubano Eduardo Zamacois, como *As Raízes*, *O delito de todos* e *Os vivos mortos*⁵¹.

Com relação à Prometeu, publicou livros como *Breve Introdução à História da Estupidez Humana*, de Walter B. Pitkin e *O Segundo Dia da Criação*, de Ilya Ehrenburg.

⁵⁰ FLAG, Suzana. *Escravas do Amor*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1946.

⁵¹ *Revista Atualidades*. Nº 12. 1946.

Contudo, o seu principal sucesso editorial certamente foram os livros da “Coleção Eros”, a serem abordados posteriormente.

Figura 38 – Anúncio publicitário da Livraria Rosa. Edições Prometeu e Mundo Latino, 1946⁵².

OS LIVROS MAIS INTERESSANTES DO MOMENTO

Acham-se à venda em:
O. L. ROSA
Rua Andara, 33 — Florianópolis
Sta. Catarina

A VIDA E O AMOR SOB UMA NOVA LUZ...
A GRANDE REMODELAÇÃO DO HOMEM E DA SOCIEDADE

Viver com alma em plena vida. A revolução de todos os pensamentos, o triunfo de uma nova concepção social e sentimental.

O advento desta obra que nos apresenta tanto para os destinos do mundo, tal e a grandeza da sua quadra grandiosa, o avesso apaixonante que em

O SEGUNDO DIA DA CRIAÇÃO
desenvolve-se magnificamente em suas
ILYA EHRENBURG
legitimam glória das modernas letras russas.
Este famoso romance foi traduzido completa e fielmente por Alfredo Ferreira.

Volume fenomenalmente apresentado, de alta qualidade e edição bonita. C\$ 22,00

OS FAMOSOS ROMANCES DE VARGAS VILA

IBIS
VARGAS VILA
Poesias

FLOR de Lodo
VARGAS VILA
Contos

A LOUCURA de JOB
VARGAS VILA
Romance

Tradução perfeita e completa
C\$ 15,00
cada volume

LIRIO BRANCO
VARGAS VILA
Romance

O MATRIMÔNIO
LEON BLUM
Tradução de 1941 edição bonita da coleção obra de LEON BLUM.

em que são abordados com clareza e objetividade os problemas econômicos do AMOR, do MATRIMÔNIO, do DIVÓRCIO, da MULHER, dos diferentes métodos, a vida sexual, suas manifestações de comportamento e mais o conjunto de conhecimentos primários, de técnicas, etc.

DO MATRIMÔNIO esta pequena obra faz a problemática de todos os aspectos considerados necessários na prática.

Livro excepcional que informa a todos, homens e mulheres, sobre a vida sexual e o amor.

VERSÃO FIEL E CUSTA DE C\$ 10,00

LEON BLUM

DO MATRIMÔNIO

C\$ 22,00

Acervo do IHGSC.

Sobre as demais editoras citadas as informações foram resumidas no Quadro III, a apresentar as principais publicações mencionadas por João Teixeira da Rosa e suas respectivas editoras:

⁵² Idem.

Quadro III – Demais editoras e principais publicações citadas:

Editora	Publicações
Cia. Editora Nacional	“Reflexões sobre a revolução de nossa época”, de H. Lasky; dicionários.
Dois Mundos	Coleção Clássicos Contemporâneos.
Editora Aurora	Coleção Azul (livros de bolso); livros de culinária de Cacilda Seabra; livros técnicos sobre mecânica.
Editora Brasil América Ltda.	“Seleções Coloridas”, de Walt Disney; histórias em quadrinhos (Coleção BIG); livros sobre esportes variados.
Editora Civilização Brasileira	“Boas Maneiras” (Manual de Civilidade).
Editora Getúlio Costa	Livros para “Concursos Oficiais”.
Editora Gertrum Carneiro	Livros Técnicos de Física, Magnetismo e Eletricidade, Óptica, Medicina, Farmácia, Odontologia e Química.
Editora Guaira	Coleções “Estante de Biografias” e “Estante Jurídica”.
Editora Ipê	“O Santuário”, de William Faulkner.
Editora Irmãos Di Giorgio	“Coma e Emagreça”, Vitor Limidlahr.
Empresa Editora Brasileira	Livros técnicos comerciais.
Melhoramentos	Literatura infanto-juvenil.
Editora Universitária	Coleção “Construtores da América Latina”, de biografias; Literatura estrangeira.
W. M. Jackson	Livros da Sociedade do Livro do Mês.

Pela variedade de editoras, títulos e autores disponíveis para leitura pode-se aferir um cenário de fato mais favorável na indústria editorial brasileira da época – cresciam os lançamentos, as edições e as tiragens e mais leitores surgiam para todos os segmentos -, com os reflexos do crescimento da cultura urbana sendo sentidos inclusive fora dos grandes centros do país, como Florianópolis. Novas editoras eram fundadas, voltadas para áreas específicas, da literatura ao livro técnico, das histórias em quadrinhos aos livros religiosos.

Robert Escarpit, em *A Revolução do Livro*, aborda um fator que não pode ser ignorado ao tentar se compreender o aumento do consumo de cultura impressa, o

aparecimento do “livro de divulgação entre as massas”, denominado de diferentes formas: *paperback*, brochura, livro de bolso, livros baratos ou livros de grandes tiragens⁵³.

Para Escarpit, o *paperback* foi um “tipo novo de aventura editorial” cuja primeira manifestação remonta a 1935, data do aparecimento da coleção *Penguin* na Inglaterra. Suas características básicas contribuíram para permitir-lhe alterar a escala de divulgação das obras, atingindo camadas letradas da população que anteriormente possuíam dificuldades financeiras em adquirir livros. Produzidos em grande quantidade, com um projeto gráfico simples e homogêneo, usualmente em papel de baixa qualidade, o *paperback* emparelhou o livro com os demais produtos da indústria moderna, adaptando-o tanto à fabricação em série quanto à nova estética industrial⁵⁴.

Apesar de não serem “livros de bolso”, brochuras padronizadas em forma de coleções foram constantemente divulgadas por Teixeira da Rosa, como os livros técnico-científicos. Livros de divulgação e vulgarização científica, os livros técnicos e manuais deixaram de ser livros raros, objetos caros e acessíveis apenas à poucos especialistas. Tornaram-se livros baratos, de apresentação atraente, ainda que relativamente modesta, capazes de ser adquirido por uma quantia módica por qualquer leitor, justamente para atrair o crescente público consumidor composto por estudantes e técnicos especializados.

Pela quantidade de anúncios feitos por Teixeira da Rosa, os livros técnicos pareciam corresponder a uma importante fatia do mercado, formado por uma clientela de estudantes, advogados, médicos, engenheiros e demais profissionais liberais. Entre as principais obras citadas na coluna, destacam-se a coleção *Estante Jurídica* da editora Guaíra, de Curitiba; as publicações da Gertum Carneiro, destinadas ao público médico, odontológico, químico, farmacêutico e outras áreas técnicas; os livros de mecânica da

⁵³ ESCARPIT, Robert. “A Revolução do Livro”. *Revista do Livro*. INL. Nº36. 1969. p.11.

⁵⁴ Idem. p.11-20.

Editora Aurora; os livros da Empresa Editora Brasileira, fundamentalmente de livros comerciais; além dos tradicionais livros didáticos das editoras Melhoramentos e Cia. Editora Nacional.

Figura 39 – Anúncio da Livraria Rosa a mencionar os Livros Técnicos⁵⁵.



Acervo do IHGSC.

Outro tipo de livros baratos - igualmente anunciados por João Teixeira da Rosa - são as novas edições de obras literárias já lançadas no circuito do público letrado, geralmente clássicos ou *best-sellers* por serem apostas aparentemente mais cômodas e menos arriscadas. Neste sentido as Coleções são mais um elemento facilitador das edições adotadas por quase todas as editoras. São facilitadoras pois, por meio das coleções, os livros tornam-se objetos padronizados em seu formato, diagramação, papel, tipografia, programação visual de capa e miolo. Previamente determinados e aplicados para todos os originais da coleção, eliminam grande parte do trabalho e dos custos de produção⁵⁶.

⁵⁵ Revista *Atualidades*. Nº. 06. 1946.

⁵⁶ AMORIM, Op. Cit. 1999. p.71-72.

O Quadro IV sistematiza as principais coleções a circular por Florianópolis através da Livraria Rosa, anunciadas na “Notícias Bibliográficas”, o ano em que a coluna foi publicada e as respectivas editoras de cada Coleção:

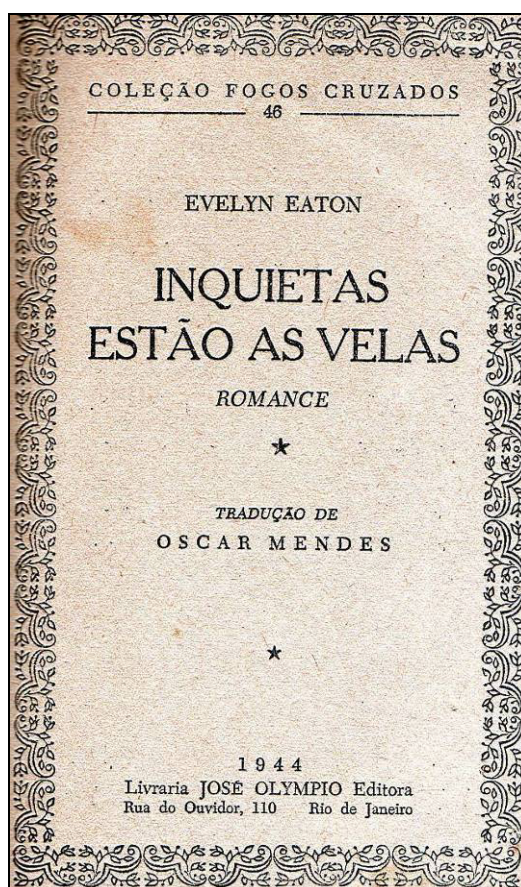
Quadro IV – Principais Coleções citadas na coluna “Notícias Bibliográficas” (1946-1948):

Ano	Coleção	Editora	Orientação
1946	Coleção Documentos Brasileiros	José Olympio	Livros de não-ficção (História, Sociologia, Memórias, etc.)
1946	Coleção Estante de Biografias	Editora Guaíra	Biografias
1946	Coleção Estante Jurídica	Editora Guaíra	Livros técnicos
1946, 1947	Coleção Os Audazes	Editora Vecchi	Literatura estrangeira para jovens
1946	Coleção Azul (livros de bolso)	Editora Aurora	Livros de bolso, literatura
1946	Coleção Clássicos Contemporâneos	Edição Dois Mundos	Literatura.
1946	Coleção Fogos Cruzados	José Olympio	Romances de autores estrangeiros
1946	Coleção O Mundo e suas Maravilhas	Editora Anchieta	Livros de divulgação e vulgarização científica
1946	Coleção Ontem e Hoje	Editora Brasileira	Literatura estrangeira
1946	Coleção Vidas Extraordinárias	Editora Vecchi	Biografias
1947	Coleção A Conquista da Terra	Editora Brasiliense	Livros de viagens, relatos de aventuras
1947	Coleção Caderno Azul	Editora Guaíra	Livros de não-ficção (teses e estudos sobre ciências humanas)
1947, 1948	Coleção Eros	Editora Prometeu	Literatura estrangeira
1947	Coleção Menina e Moça	José Olympio	Literatura para mulheres
1947	Coleção Nobel	Livraria do Globo	Literatura estrangeira
1947	Coleção Obras Completas	José Olympio	Conjunto de obras sobre um autor específico.
1947	Coleção Obras Primas	Livraria Martins	Principais obras literárias de cada autor
1947	Coleção Os Maiores Êxitos das Telas	Editora Vecchi	Literatura estrangeira já adaptada para o cinema
1947	Coleção Seleções Coloridas	Ed. Brasil América Ltda.	Histórias em quadrinhos.
1947	Coleção BIG	Ed. Brasil América Ltda.	Histórias em quadrinhos.
1948	Coleção Biblioteca dos Séculos	Livraria do Globo	Literatura estrangeira

Pela José Olympio Editora, além da já citada *Coleção Documentos Brasileiros*, e da série *Obras Completas* – reuniam de obras de um mesmo autor, como Graciliano

Ramos, por exemplo - aparecem outras duas coleções. A primeira - *Coleção Fogos Cruzados* - oferecia traduções dos “grandes romances da literatura universal” de autores clássicos e contemporâneos, em formatos in-8 e in-16. Entre os volumes iniciais estavam obras de Jane Austen, Tolstoi, Upton Sinclair, Nathaniel Hawthorne, Erich Maria Remarque, A. J. Cronin, Daniel Defoe, Pearl Buck, George Sand, Daphne Du Marier, James Hilton e outros.

Figura 40 – Exemplar da Coleção “Fogos Cruzados”, da Livraria José Olympio Editora⁵⁷.



Acervo do Autor.

A segunda coleção, *Menina e Moça*, destinava-se às “moças-em-flor”, jovens que não eram mais crianças a lerem contos de fadas, mas que também ainda não estavam preparadas “para cair no romance mundano”, cujas “histórias sentimentalíssimas (...) mais lhes fazem mal do que bem aos seus coraçõeszinhos juvenís e inexperientes”. Era uma

⁵⁷ EATON, Evelyn. *Inquietas estão as velas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

coleção que pretendia ser uma ponte entre o mundo da criança - leituras de Walt Disney e outras fábulas - e os dramas de jovens senhoritas, como os livros de M. Delly, Magali, Ardel, Chantepleure, Susana Flag “que tanto fazem sofrer sua mana mais velha”...⁵⁸ Seus enredos seguem uma estrutura moralizante de contos de fadas onde o herói, nobre e rico, e a heroína, plebéia e pobre, encontram um núcleo problemático no início mas se encontrando ao final com um casamento feliz.

Uma das principais estrelas deste tipo de coleção foi M. Delly, pseudônimo de um casal de irmãos franceses católicos fervorosos que se chamavam Frédéric Henri Petitjean de La Rosière e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière⁵⁹. Teixeira da Rosa não deixou de registrar em suas “Notícias Bibliográficas” o falecimento de Jeanne-Marie, em nota que revela a popularidade de tais leituras, consideradas literatura de evasão para mulheres, uma subliteratura “água com açúcar”:

Uma notícia pezarosa (sic) para milhões de leitoras (homens, não?), nos mais distantes cantos da Terra, é a da morte de Mme. Delly. O nome verdadeiro da famosa escritora, dos bons romances de ‘água com açúcar’, é Marie Petitjean de La Rosiere. Faleceu com 71 anos, em Paris, a 5 de abril⁶⁰.

Da Editora Vecchi sobressaíram-se as coleções *Vidas Extraordinárias*, *Os Audazes* e *Os Maiores Êxitos das Telas*. A primeira coleção foi uma série de biografias como as de Jeanne Béqus, futura Madame Du Barry; Lucrecia Borges, César Borgia e Robespierre⁶¹. Já aos jovens leitores que desejassem “uma leitura leve e empolgante”, Teixeira da Rosa indicava os livros da Coleção *Os Audazes*, a reunir autores populares como Robert Louis

⁵⁸ *Revista Atualidades*. Nº02. 1947.

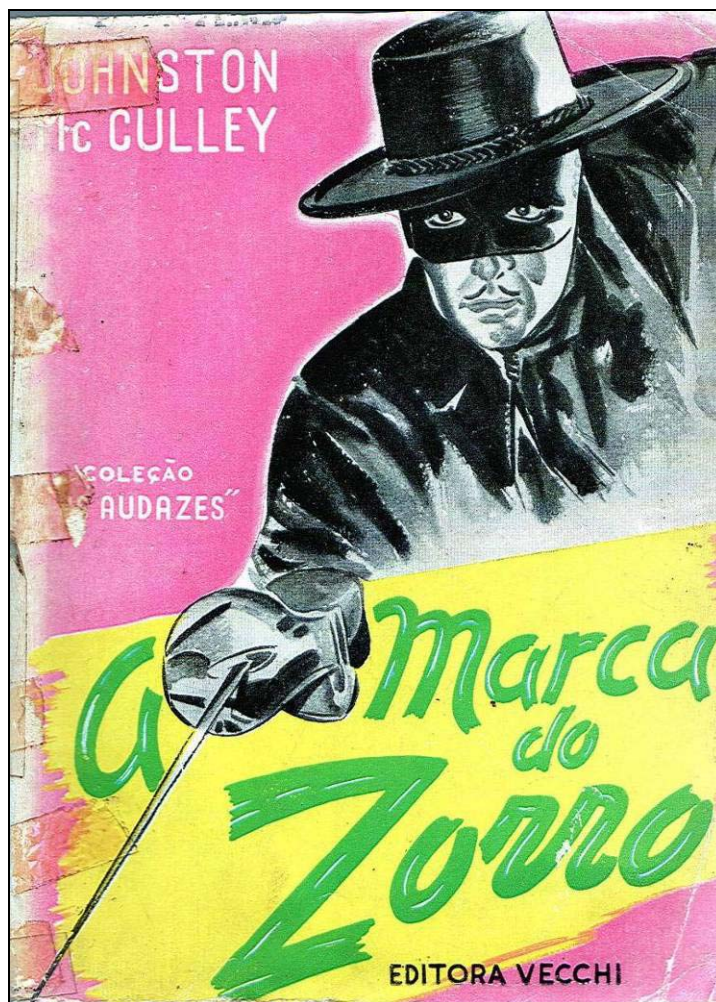
⁵⁹ CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução*: os romances de M. Delly. BH: Autêntica, 1999. P.17.

⁶⁰ *Revista Atualidades*. Nº04. 1947.

⁶¹ *Revista Atualidades*. Nº10. 1946.

Stevenson, Johnston McCulley, Rafael Sabatini, Walter Scott, William F. Cody, Mark Twain, H. Rider Haggard e James Fenimore Cooper⁶².

Figura 41 – Exemplar da Coleção “Os Audazes”, Ed. Vecchi⁶³.



Acervo do Autor.

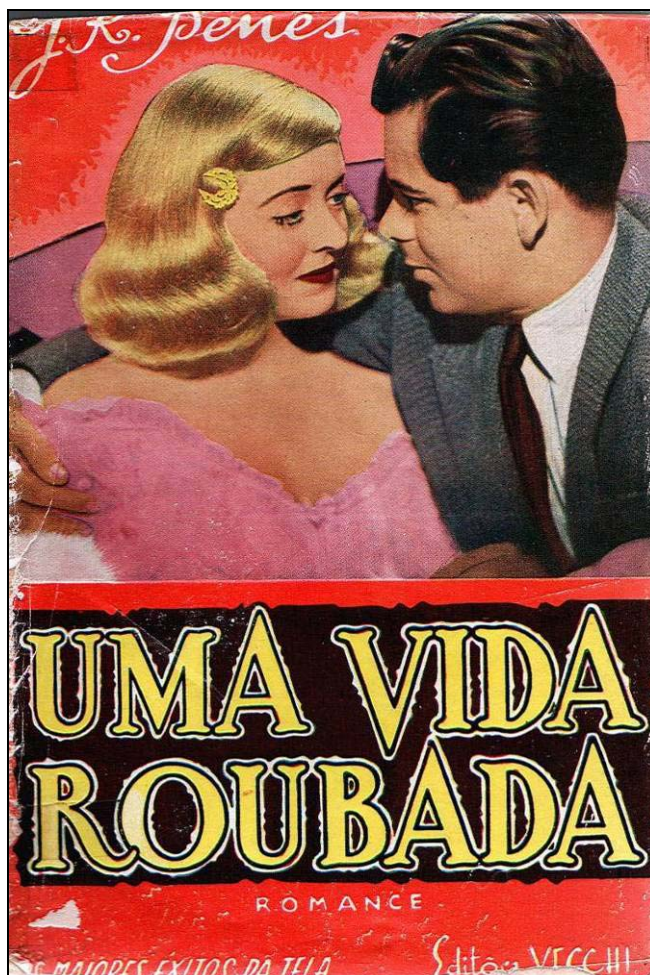
Por fim, a editora Vecchi apresentava ainda *Os Maiores Êxitos das Telas*, a reunir obras populares já adaptadas para o cinema, em especial, o cinema de Hollywood. Entre as obras da coleção estavam “Uma Mulher em meu Passado”, de Oscar Wilde; “Soberba”, de Booth Tarkington; “Uma Vida Roubada”, de J. K. Benés; “Joana d’Arc”, de Jules Michelet; “A Filha do Capitão” e “Águia Negra”, de Alexandre Pushkin; “Bel-Ami”, de

⁶² Idem.

⁶³ McCULLEY, Johnston. *A Marca do Zorro*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1959.

Guy de Maupassant; “Revolta”, de William Woods; “Os Amores de Carmen”, de Prosper Mérimée, entre outros.

Figura 42 – Exemplar da Coleção “Os Maiores Êxitos das Telas”, Ed. Vecchi⁶⁴.



Acervo do Autor.

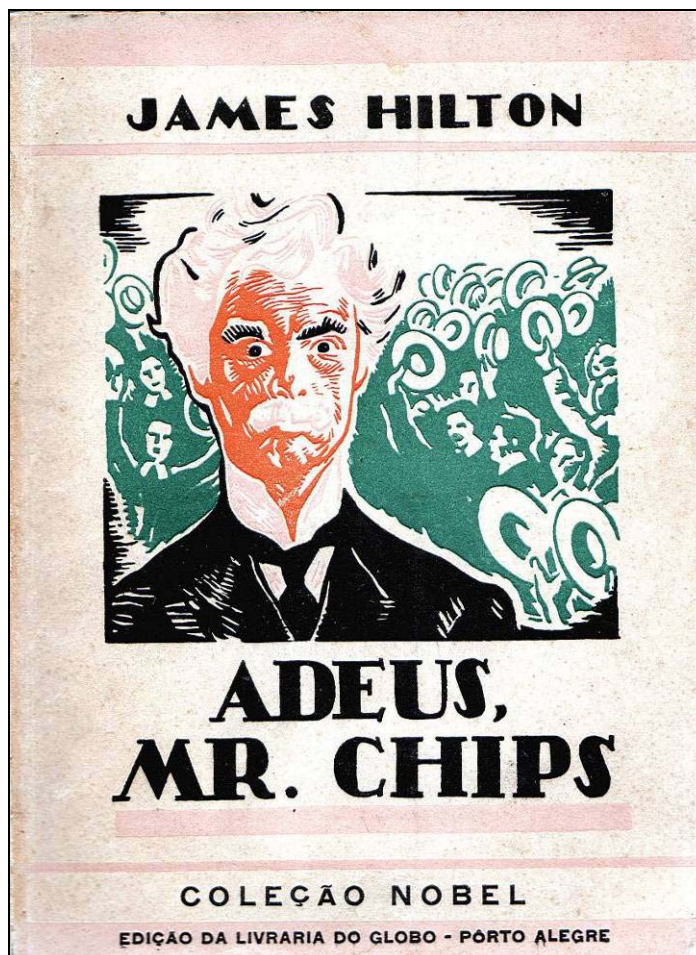
Outra coleção de destaque é a famosa *Coleção Nobel*, que, segundo Sônia Amorim⁶⁵, foi a série de maior repercussão já criada pela Livraria do Globo. Através dos livros da coleção, ofertava-se a leitura autores como Thomas Mann, André Gide, Charles Morgan, Chesterton, Norman Douglas, Roger Martin du Gard, Aldous Huxley, Sinclair Lewis, William Faulkner, Pearl S. Buck, Graham Greene, James Joyce, Katherine Mansfield, James Hilton, John Steinbeck, Karl May, Joseph Conrad, Virginia Woolf,

⁶⁴ BENÉS, J. K. *Uma Vida Roubada*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1952.

⁶⁵ AMORIM, Sônia. Op. Cit. 1999. P.90.

Richard Llewellyn, Robert Graves, Kafka, Erich Maria Remarque, Ibsen, Pirandello, Tolstoi⁶⁶.

Figura 43 – Exemplar da “Coleção Nobel”, Livraria do Globo⁶⁷.



Acervo do Autor.

Para finalizar este breve levantamento, a sistematização dos autores catarinenses citados por Teixeira da Rosa na coluna:

Quadro V – Autores catarinenses mencionados na coluna “Notícias Bibliográficas”:

Edição	Autor	Assunto
Nº07, 1946.	Laércio Caldeira de Andrada (com foto)	Encômios por motivo de sua data natalícia.
Nº07, 1946.	Silveira Júnior	Premiação em Concurso de Contos.
Nº08, 1946	Silveira Júnior	Agradecimento por correspondência recebida.
Nº08, 1946	Doralécio Soares	Enviou correspondência pedindo para o

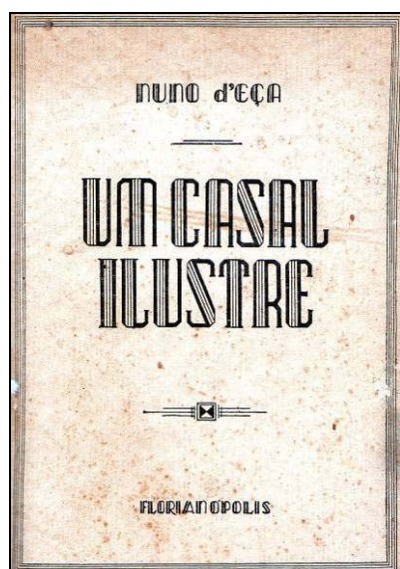
⁶⁶ VERÍSSIMO, Érico. Op. Cit. 2000. P.20-22.

⁶⁷ HILTON, James. *Adeus, Mr. Chips*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1941.

		colunista tratar sobre Catúlo da Paixão Cearense.
Nº02, 1947	Laércio Caldeira de Andrada	Anúncio de futura edição da obra “A Igreja dos Fiéis”.
Nº09, 1947	Zedar Perfeito da Silva	Sobre a publicação do livro “Até que Surja a Alvorada”.
Nº09, 1947	Willy Zumblick	Sobre a ilustração da capa do livro “Até que Surja a Alvorada”.
Nº09, 1947	Nuno D’Eça	Sobre a publicação do livro “Um Casal Ilustre”.
Nº01, 1948	Laércio Caldeira de Andrada	Sobre a publicação do livro “A Igreja dos Fiéis”.

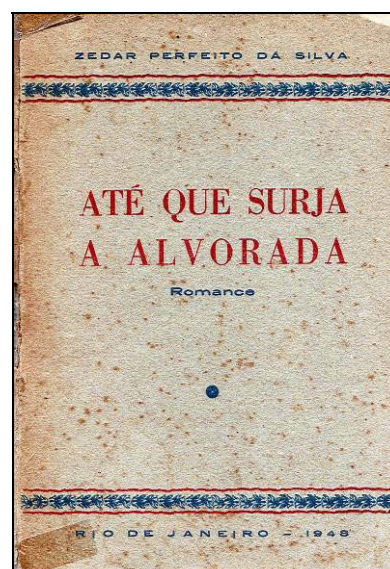
As poucas citações referem-se, sobretudo, a lançamentos de livros. Foi o caso de Nuno D’Eça que lançou, em 1947, pela Editora Atualidades – a mesma da revista – o livro “Um Casal Ilustre”, uma genealogia do Cel. Vidal Ramos e de sua esposa, Teresa Ramos; e, de Zedar Perfeito da Silva, jornalista e colaborador da revista Atualidades, que lançou seu novo livro, o romance “Até que Surja a Alvorada”, impresso pela tipografia do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 1948.

Figura 44 – “Um Casal Ilustre”, 1948.



Acervo do Autor.

Figura 45 – “Até que Surja a Alvorada”, 1948.



Acervo do Autor.

Por toda a proximidade com sua trajetória pessoal - abordada no primeiro capítulo - , Laércio Caldeira de Andrada foi o mais citado. À época residindo em Niterói e trabalhando no Departamento dos Correios e Telégrafos do Estado do Rio de Janeiro,

Caldeira de Andrada comunicava-se com Teixeira da Rosa atualizando-o sobre o lançamento de seu novo livro, “A Igreja dos Fiéis”, sobre a figura de Nicolau Durand Villegaignon e a ação do primeiro posto missionário da Reforma em terras da América, lançado em janeiro de 1948.

3.2. ALGEMAS DA IGNORÂNCIA: LIBERTE-SE NA LIVRARIA ROSA.

Na pretensão de que este levantamento possa se tornar uma ferramenta para outras possibilidades de investigações futuras e mesmo reconhecendo que a “primeira circunavegação redonda apenas uma cartografia imprecisa⁶⁸”, o que foi apresentado até o momento neste capítulo foi uma história da circulação do livro em Florianópolis através do acervo da Livraria Rosa; ou, mais especificamente, daquilo que era selecionado e oferecido à leitura pelo livreiro.

Não obstante, poderíamos ter optado apenas por problematizar esta prática do livreiro: o selecionar para oferecer. Se para a maioria dos editores a livraria é o elo essencial da cadeia de distribuição de livros, o papel do livreiro por vezes pode ser obscurecido pela atuação dos demais componentes envolvidos nos processos de produção, edição e circulação do livro, como o autor, o editor e o próprio leitor. Se a livraria é a vitrina do editor, o livreiro pode definir para ele o gosto e a preferência do seu público ao selecionar o que deve ser ofertado para seus consumidores. Imagina-se que seja uma operação delicada de observação, que exige do livreiro-avaliador certo conhecimento do público-consumidor para poder avaliar com mais acerto a demanda provável.

A variedade de títulos, autores, coleções e editoras levantados são evidências de uma multiplicidade de leitores e leituras proporcionadas pela Livraria Rosa, com leitores

⁶⁸ DARNTON, Robert. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. P.193.

de diversas origens, com diferentes objetivos em relação às suas leituras e infinitas possibilidades de apropriações. Há de se pensar ainda que, apesar do aumento do público consumidor de leitura, talvez o mercado local não estivesse preparado para estabelecimentos mais segmentados, como as livrarias especializadas em direito, ou livros didáticos, técnicos, infantis, ou alguma outra área.

Como vimos nos capítulos anteriores, desde o século XIX que muitas lojas de livros vendiam outros artigos para sobreviver – papelaria, brinquedos, artigos para escritórios, etc. – tendo em vista que a venda de livros nem sempre é lucrativa. Contudo, mesmo com esta variedade de ofertas, um estabelecimento como a Livraria Rosa possui sua função mediadora, constitui-se como um espaço diferenciado na formação de leitores. Livrarias são, nas palavras de Rosimeri Cardoso, instâncias responsáveis pela “formação do gosto pela leitura e pela aceitação de uma obra como portadora de qualidade estética”⁶⁹, ou seja, contribuem da sua maneira para a formação de uma abstração acerca do objeto-livro.

Ciente que a livraria é sua casa de negócio, o livreiro – que a despeito da paixão pelos livros é um comerciante – precisava diferenciar sua mercadoria daquelas vendidas em outras casas do ramo. Seus livros não poderiam ser apenas brochuras, in-fólios ou encadernações. Não eram objetos como tinteiros, canetas, escrivatinhas ou carimbos de borracha. O leitor era um sujeito distinto. O objeto-livro possuía um poder transformador. Logo, deveriam ser anunciados como atraentes, sedutores, prazerosos, “gostosos como bombons”.⁷⁰

Gostosos como bombons era como os livros infantis eram oferecidos pela Livraria Rosa ao público mais jovem. Clássicos da literatura infanto-juvenil disputavam a

⁶⁹ CARDOSO, Rosimeri Darc. “Livrarias e escolas: espaços de mediação”. In: AGUIAR, Vera (org.) et al. *Territórios da leitura - da Literatura aos Leitores*. Assis: Cultura Acadêmica Editora, s/d.

⁷⁰ Revista *Atualidades*. Nº02. 1948.

preferência com as últimas e coloridas novidades editoriais: *A Raposa e o Lobo*, *A Rainha das Abelhas*, *O Cãozinho Azul*, *O Mágico do Castelo das Nuvens*, *A árvore que falava*, *Na fumaça da onça*, *Quando o céu se enche de balões*, *Ladrão de Bagdad*, *História d'uma Princesa Macaca*, *O Gato de Botas*, *Alice no País do Espelho...*⁷¹

Figura 46 – “Gostosos como bombons”⁷².



Acervo do IHGSC.

Ao atribuir sentido ao objeto é como se o livreiro fizesse um convite irrecusável aos jovens leitores para atravessar o portal da leitura. No anúncio (Figura 46), ler parece ser um ato prazeroso, a se realizar em ambiente confortável, harmônico, com um sorriso no rosto, as pernas pra cima e com as mãos ocupadas com as “delícias”, livros e doces.

Dá-se a impressão que, além arrebatrar as crianças, o público adulto – quem geralmente paga pelos livros – poderia passar a ver o livro não como uma mercadoria de

⁷¹ Idem.

⁷² Ibidem.

luxo, reservada ao cultivo do saber erudito, mas, também, como produto acessível, destinado à informação, à curiosidade passageira, às horas de lazer, ao passatempo. Apto a ser ofertado como presente, também às crianças.

A Livraria Rosa mantinha também outros expedientes para atrair os leitores e formar um público consumidor cativo, como um cadastro de profissionais de várias áreas, que notificava quando recebia livros técnicos conforme a área de interesse; e a realização de sorteios de livros entre os clientes. Num destes sorteios, realizado em março de 1947, o terceiro colocado foi o atual governador do Estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da Silveira, que ganhou a obra infantil *A Lágrima do Príncipe*, de Luiz Gonzaga Fleury:

Quando ganhei o livro meus amigos riram de mim. Diziam que eu deveria ficar feliz é se ganhasse uma bola ou uma bicicleta, mas fiquei felicíssimo, pois era leitor inveterado. Foi uma das grandes alegrias da minha vida. Logo depois minha professora mandou que escrevêssemos uma dissertação sobre algum tema à nossa escolha e eu escrevi sobre o livro que ganhei. Ela ficou espantada comigo. Sabe quem era a professora? Era a Antonieta de Barros. Tenho esse livro até hoje⁷³.

Não é possível saber se João Teixeira da Rosa estava ciente das campanhas que entidades como a Câmara Brasileira do Livro começaram a promover a partir da década de 1940 – iniciada com a campanha “Livro, presente de amigo”, de 1946⁷⁴ –, mas as promoções e os anúncios publicitários da livraria vão ao encontro dos mesmos objetivos, a divulgação do livro junto ao público e a legitimação da idéia do livro como objeto da difusão do saber.

Além de associar seus livros a bombons, numa clara alusão ao prazer proporcionado pela leitura, na pequena tipografia que possuía no fundo do quintal de sua residência o livreiro imprimia marcadores de livros com os dizeres: “Liberte-se das

⁷³ Informações e transcrição de depoimento retirados da reportagem de Fábio Bianchini sobre a Livraria Rosa publicada pelo jornal Diário Catarinense em 05/06/2003.

⁷⁴ CBL. *60 Anos*: Câmara Brasileira do Livro. São Paulo: CBL, 2006. p.44.

algemas da ignorância. A leitura dá sabedoria. Desejando livros sobre quaisquer assuntos procure na Livraria Rosa de O. L. Rosa”.

Figura 47 – Marcador de páginas: “Liberte-se das algemas da ignorância”.



Acervo do Autor.

Há ainda outros dois anúncios a serem citados de forma especial: o primeiro aproveita-se da proximidade com a Segunda Guerra Mundial e estampa um soldado com os dizeres: “*Bom binóculo, grande visão. Visão maior e mais perfeita que a de um binóculo alcança quem tem uma sólida instrução. Livros sobre todos os assuntos: Livraria Rosa*” (Figura 48). O outro anúncio apresenta um homem cochichando para o leitor. Ele

diz: “Cá pra nós: É bonitinha, veste bem, mas... fala mal. Falta-lhe instrução. Se ao menos fosse dada à leitura” (Figura 49)..⁷⁵

Figura 48 – “Bom binóculo, Grande Visão”⁷⁶.



Acervo da BPESC.

Figura 49 – “Ca’, p’ra nós”, s/d.

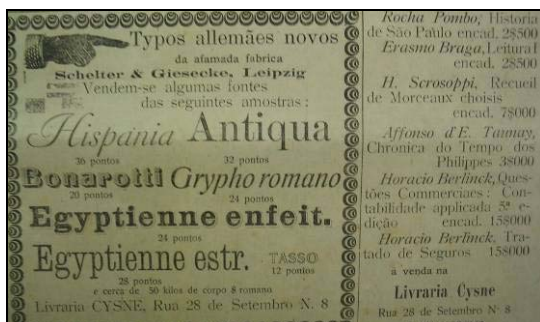


Acervo do Autor.

Tais anúncios foram novidades no mercado local. Até então o livro era anunciando pelas livrarias-papelarias como uma mercadoria como outra qualquer. No caso das gráficas-livrarias ou tipografias-livrarias o que importava era anunciar a qualidade do papel em que fora impresso, a beleza dos tipos, a encadernação luxuosa, ou no máximo, tornavam público uma lista de livros disponíveis, com seus respectivos preços (Figura 50). A despeito dos livros sempre terem sido considerados como objetos de cultura, eram anunciados tal qual um lápis, uma tinta ou material para escritório (Figura 51).

⁷⁵ Jornal *Diário Catarinense*. 05/06/2003.

⁷⁶ O Estado - 04.09.49 03

Figura 50 – Anúncio da Livraria Cysne⁷⁷.

Acervo da BPESC.

Figura 51 – Anúncio da Casa 43⁷⁸.

Acervo da BPESC.

Os anúncios da Livraria Rosa apresentavam os livros não como objetos estáticos na relação entre os leitores de Florianópolis e os livros que folhearam. Os livros se tornam objetos-sujeitos ao adquirir o caráter de agentes de transformação, como uma forma de aprendizado para a vida capaz de quebrar as algemas que prendem os leitores à ignorância, proporcionar-lhes uma instrução sólida ao servir-lhes de lente amplificadora de suas visões de mundo, qualificar suas escolhas, sejam elas culturais ou amorosas, como no caso da menina bonitinha, mas ordinária, pois pouco lê, falta-lhe instrução; e, ainda, são prazerosos, gostosos como bombons.

Obviamente que como uma livraria é uma casa de comércio, os anúncios serviam tanto para exposição da casa comercial quanto para a publicidade de seu negócio, vender livros. Contudo, para além do mero negócio, os anúncios parecem transparecer uma intuição quase “alexandrina” de Teixeira da Rosa de que o conhecimento proporcionado pelos livros é um bem, uma forma de capital a ser adquirido. Em seus anúncios, o livro tem sido sempre associado ao saber intelectual.

O livreiro parece assumir o ofício de difundir as ‘luzes’⁷⁹ - é interessante lembrar aqui de sua formação humanista, vista no primeiro capítulo -, crente de que o livro possuía

⁷⁷ Jornal *A Época*, 04/10/1919.

⁷⁸ Jornal *A Gazeta*, 21/06/1942.

⁷⁹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2004. P.261.

um poder transformador, capaz de modificar hábitos e costumes ao remodelar a sociedade em que é difundido. Imagem esta que parece corresponder com aquela descrita por quem conviveu com o livreiro, um homem preocupado em tornar o livro acessível:

Eu, ali no João, foi que descobri a beleza do livro. (...) o João era muito atencioso com os mais jovens. Ele não colocava aquela distância que nas famílias geralmente tinha entre as gerações. Lá em casa não, filho nenhum abria a boca na mesa se não era perguntado. E ele era mais liberal, ele gostava de leitura, conversava, contava histórias... e isso enriqueceu muito o convívio daqueles anos. (...) aquilo que eu aprendi com o João, a atenção que ele tinha com o cara adolescente, a paciência que ele tinha, tudo isso foi um fato novo na minha vida. O João foi importante por isso, além de me passar os conhecimentos dos benefícios da leitura. Ele não dizia “leia isso ou leia aquilo”, mas ele discorria muito sobre os livros, aí a gente ia catar... (...)Eu ia lá, conversava bastante com o tio João, era um cara que sempre tinha um trocadilho, tinha uma sentença bonita para dizer para a gente, era um cara bem diferenciado o velho João... Uma pessoa agradabilíssima, era uma criatura que realmente tratava as pessoas bem, especialmente os adolescentes, tinha uma palavra amiga, sempre tinha alguma coisa para indicar...⁸⁰

Para Salim Miguel, antigo cliente, a forma diferenciada – quando comparada aos demais estabelecimentos do gênero na cidade - de atender aos clientes foi um traço marcante:

Talvez a primeira livraria que eu freqüentei não foi a Rosa foi a Moderna. Que já era do Xavier, não era mais do primeiro dono. Só que de repente, eu não sei se foi em 1943 ou 1944, entre 1943 e 1945, eu descobri a Livraria Rosa e o dono da Livraria Rosa. Porque o Xavier ficava pouco na livraria. O Rosa não, o Rosa estava sempre lá, tinha uma ou duas pessoas que trabalhavam com ele, mas na verdade quem atendia quem trabalhava, quem explicava era ele. Então, logo eu fiz relação com ele, e ele não só me vendia livros para eu pagar aos poucos, algumas vezes tinha um livro de muito interesse meu e ele dizia assim: “Ó, eu só tenho um ou dois exemplares”, porque se vendia pouco e as livrarias recebiam poucos exemplares, então ele dizia assim: “eu vou segurar esse livro por 10 dias, 15 dias para ver se tu consegues recurso para comprar”. Então nós fizemos uma relação que com o tempo não foi uma relação de vendedor e comprador, mas uma relação já de amizade. Não é que a gente não fosse bem atendido na Livraria Moderna. Era. Só que lá era um atendimento profissional. Porque o seu Xavier ele não estava sempre ali e tanto ele como o Rosa quando nós lançamos em 1948 [a Revista Sul] eles passaram a nos dar anúncios. Não que esse anúncio vieram a ajudá-los muito, mas era uma maneira de ajudar o movimento cultural que estava se iniciando em Florianópolis. Por aí, você vê a sensibilidade que eles tinham com o problema do livro, né? Não

⁸⁰ Entrevista com o escritor Adolfo Boos Júnior, concedida ao autor em sua residência na rua Paschoal Simone, bairro de Coqueiros, Florianópolis (31/07/2007).

é que fosse diferente a Moderna da Rosa, só que a Moderna era um negócio mais profissional, que estavas trabalhando com um caixeiro que era um livreiro. E lá tu estavas conversando direto com o proprietário, o que era uma novidade na cidade...⁸¹

O livreiro também é lembrado pela forma com que oferecia facilidades para o pagamento de livros por aqueles que não tinha condições de adquiri-los:

Na Livraria Rosa a gente chegava lá e ficava folheando um livro, ficava folheando, se queria algum ele chegava e dizia assim: “estou vendo que estás interessado nesse livro”. E isso não aconteceu comigo só, aconteceu com muita gente, amigos meus interessados e sem condições de comprar no momento ele tinha um caderninho e dizia assim: eu seguro durante uns dias, você me dá uma entrada e depois me pagas em três ou quatro vezes. E alguns livros que eu tenho em casa, inclusive de uma outra editora, que não era bem uma editora mas que publicava alguns livros, era a revista “O Cruzeiro”. Por exemplo, a primeira edição no Brasil de “O Lobo da Estepe”, de Herman Hesse, foi publicada pela Cruzeiro e o exemplar que eu comprei eu comprei na Livraria Rosa pagando em 04 vezes (risos). Era uma edição muito feia, papel jornal, mas eu tenho até hoje!

Já Theobaldo Costa Jamundá, em voto de pesar apresentado em 1983, no Conselho Estadual da Cultura, na ocasião da morte de Teixeira da Rosa, o descreve como um “livreiro amigo, estimulante da gente que precisava de livro”⁸²:

O livro da minha necessidade não me faltou, mesmo que seu custo financeiro fosse maior que os recursos da minha carteira de assalariado municipal do interior. Grato jeito seu, manifestando na voz açoriana confiança integral. Colocou-me numa intimidade antiga, já à primeira vista, quando, na verdade, nem o meu nome inteiro sabia: leve o livro, mande o dinheiro depois ou pague na próxima visita. (...) Espiritualmente, venho genuflexo confessar que não lhe paguei o que espiritualmente lhe devia: a confiança que me deu, a amizade que me confortou.⁸³

Há, inclusive, no único documento administrativo da livraria encontrado ao longo desta pesquisa – uma espécie de rascunho escrito a caneta de um quadro com alguns operações financeiras do estabelecimento – um espaço reservado a vendas de livros realizadas a fiado, indício de uma prática constante no funcionamento da livraria, ao ponto de ter se tornado uma das operações costumeiras da loja.

⁸¹ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

⁸² JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. “João Teixeira da Rosa Júnior”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 3ª Fase. Nº05. 1984. p. 295.

⁸³ Idem.

Figura 52 – Venda de livros a fiado.

Operações	O - A T I		
	Mov. e Inst.	Instalações	Condições
	0010	0020	0050
8) Vendas de livros, a dinheiro			
" " , fiado (s/duplicata)			
" " , " c/duplicata			
9) Compra " , a dinheiro			
" " fiado			
Devolução livros às editoras			
Livros recebidos em devolução			
Recebimento de duplicatas			

Acervo de Paulo Teixeira da Rosa.

À moda das antigas vendas, o “caderno de fiado” pode revelar também o desejo de colaborar, o estímulo em participar na transformação da sociedade da maneira como um livreiro poderia cooperar: difundir o livro e a leitura, fazer o livro circular, mesmo entre as mãos daqueles que não poderiam pagá-lo imediatamente. Aos desprovidos de recursos, mas desejosos por leitura, João Teixeira da Rosa Júnior oferecia o livro e a confiança do fiado e das suaves prestações.

ÚLTIMAS PÁGINAS

Com homens e livros. Nos livros está fixada toda a experiência humana. É por meio deles que os avanços do espírito humano se perpetuam. Um livro é uma ponta de fio, que diz: ‘Aqui parei; toma a ponta e continua, leitor.

(Monteiro Lobato)¹

Um dos trechos mais famosos do livro “América”, relato das impressões de viagem de Monteiro Lobato aos Estados Unidos, tornou-se um *slogan* em favor do livro e da leitura no Brasil: “Um país se faz com homens e livros”. Mas, quais livros são capazes de fazer um país? Todos eles? Qualquer um? Podemos ainda inverter a lógica da pergunta e questionarmos de quais livros um homem é feito. Será que um livro é como uma pedra jogada na água, com sua mensagem – ao mesmo tempo única e múltipla em suas apropriações - repercutindo em dezenas, centenas, milhares de leitores? E, afinal, o que é um livro?

Como definiu Robert Escarpit, “como tudo o que tem vida, o livro é indefinível”². É um objeto, mas não é um objeto como outro qualquer. Ao segurá-lo, só se segura papel. É constituído por páginas e pensamentos, mas só página e ou só pensamento não constituem um livro. Um livro se vende e se troca, mas não é uma mercadoria qualquer. Pode ser confeccionado em escala industrial e ao mesmo tempo ser único, inumerável, insubstituível.

As intenções deste trabalho foram um pouco mais modestas do que a pretensão de se responder a estes questionamentos. Contudo, para que ele atinja seus objetivos básicos, é imprescindível reiterarmos que para se escrever uma história do livro – e da leitura – é necessário

¹ LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Nacional, 1932. p.37, apud BRAGANÇA, Aníbal. Ler, escrever e contar. ler-e-escrever.blogspot.com. Acessado em 17/04/2007.

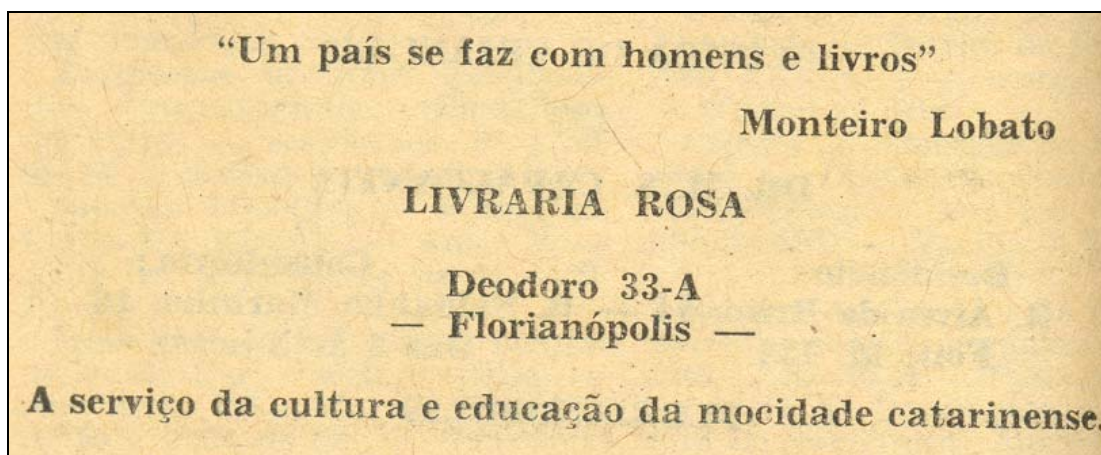
² ESCARPIT, Robert. *A Revolução do Livro*. Rio de Janeiro: MEC: FGV, 1976. p.03.

identificarmos os praticantes e usuários da cultura letrada. Nesta rede de relações o comércio livreiro e as estratégias editoriais se envolvem no processo de produção, circulação e distribuição da leitura. Desse modo, me pareceu importante destacar o papel de um livreiro, um dos atores sociais responsáveis por intermediar parte importante do acesso dos leitores aos livros e à cultura letrada.

A maior dificuldade de se escrever uma história para a Livraria Rosa foi a quase total falta de documentos relativos ao funcionamento da livraria, o que de certa maneira foi positivo, pois me fez optar por entrelaçar a trajetória pessoal do livreiro a uma história maior, da circulação do livro e da cultura letrada na ilha de Santa Catarina, ainda que isto causasse uma aparente falta de foco quando o trabalho fosse visto como um todo, com seus três capítulos tão distintos, mas, a meu ver, complementares – a formação humanista do livreiro em sua mocidade numa Florianópolis em transformação; os aspectos do mercado local de livros à época da fundação da livraria bem como os possíveis motivos para o êxito inicial do estabelecimento; e, por fim, uma história da circulação dos livros na cidade, do que era disponibilizado pelo livreiro para os consumidores de leitura.

Buscou-se, ainda que com um caráter um tanto quanto horizontal - às vezes preso a um plano mais descritivo; o lugar das livrarias e do acesso aos livros na circulação das idéias e a importância da leitura no desenvolvimento cultural da cidade. Apesar do trabalho não ter se preocupado em se constituir como uma biografia do livreiro – há pontos de interseção entre as histórias de João Teixeira da Rosa Júnior, da Livraria Rosa, do comércio livreiro, da cultura letrada e da própria cidade – creio ser necessário terminar estas últimas páginas com notícias – desta vez biográficas e não bibliográficas – de João Teixeira da Rosa e de sua livraria, que como ele mesmo definiu, esteve “a serviço da cultura e educação da mocidade catarinense” (ecos dos tempos de Atalaia?).

Figura 53 – Anúncio da Livraria Rosa, 1951³.



Acervo da BPESC.

As circunstâncias em que ocorreu o fim da Livraria Rosa não estão muito claras. Nem os familiares e nem antigos clientes sabem apontar os motivos exatos que levaram João Teixeira da Rosa Júnior a desistir de sua livraria – aparentemente, a palavra certa é esta, “desistir”. O escritor Salim Miguel declara:

Francamente, umas duas vezes eu perguntei a ele [por que desistiu] e ele desviava... A livraria trabalhava com as principais editoras, com a Pongetti que estava começando a crescer, com a Martins. Ele trabalhava com todas essas editoras, as mais importantes do país. (...) Na verdade eu não tenho uma explicação e ele não me deu, eu perguntei umas duas ou três vezes para ele e ele disse: “ah, eu estava meio cansado”. Essas coisas assim que quando a gente não quer se explicar a gente diz...⁴

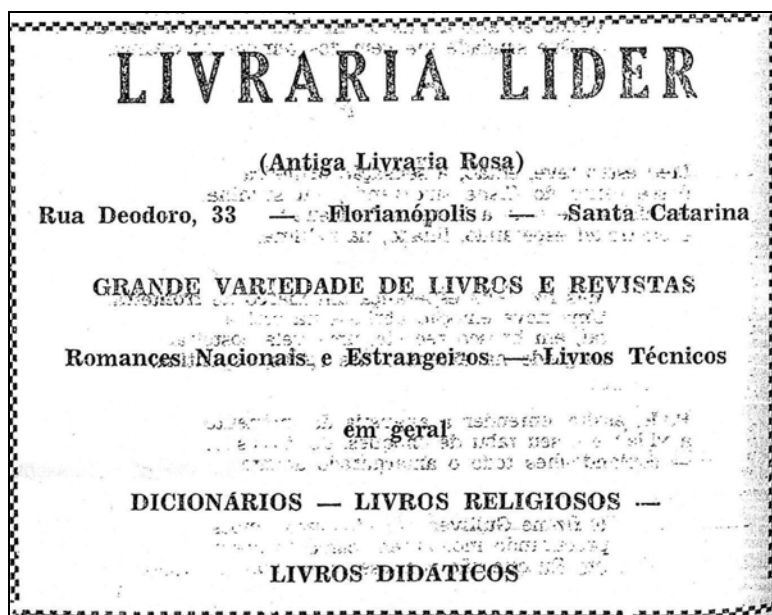
O neto do livreiro, Paulo Teixeira da Rosa, menciona uma história que talvez tenha a ver com os fatos. Durante o governo de Irineu Bornhausen (1951-1955) João Teixeira da Rosa Júnior, como funcionário público teria direito a uma promoção de cargo que lhe foi preterida a favor de outro, indicado politicamente. Autodidata que era e indignado com o jogo político, Teixeira da Rosa produziu a sua própria defesa e foi ao governador lhe expor que a promoção deveria ser dele por direito e tempo de serviço. Acabou sem a promoção e

³ Revista Sul. Nº.14. 1951.

⁴ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

ameaçado de ser transferido para o interior do Estado, o que o teria desgostado profundamente. Coincidência ou não, Irineu Bornhausen tomou posse do governo do Estado em 1951, ano em que a Livraria Rosa foi vendida a um grande amigo com inclinação ao negócio, Nivaldo Lopes de Almeida, mudando-a de nome e, posteriormente, de local, passando a chamar-se Livraria Líder.⁵

Figura 54 – Anúncio da Livraria Líder, 1953⁶.



Acervo do IHGSC.

João Teixeira da Rosa Júnior passou os anos seguintes escrevendo para o jornal “O Estado” uma coluna semanal sobre filatelia, até sua morte, em 31 de outubro de 1983. Sua última coluna foi ditada para uma de suas filhas no leito do hospital dois dias antes de falecer, como se até o fim acreditasse que havia algo a dizer. Nela, escreveu sobre um encontro filatélico ao qual não poderia comparecer despedindo-se dos amigos filatelistas. Antes de terminá-la, estampou na coluna clichês de selos natalinos, faltando ainda três meses para o Natal. O livreiro deixava aos leitores algo para ser lido, mesmo que ele mesmo lhes faltasse.

⁵ Jornal *Diário Catarinense*. 05/06/2003.

⁶ *Anuário Catarinense para 1953*. Direção de Martinho Callado Jr. (diretor) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano VI, n.6, [1953].

FONTES CONSULTADAS

⇒ Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina:

Periódicos publicados em Desterro/Florianópolis:

- Revistas: *O Olho* (1916); *Ilustração Catharinense* (1926); *Revista Santa Catarina Filatélica* (1949); *Revista Sul* (1951).
- *Almanach Catharinense para o anno de 1896* [o volume consultado encontra-se sem capa e sem folha de rosto];
- *Annuario de Santa Catharina para 1900, com traços biographicos do illustre catharinense Feliciano Nunes Pires, enriquecido com escolhida parte litteraria, anedoctas e muitas materias de utilidade publica, organizado por Firmino Costa - primeiro anno.* Florianópolis: Gabinete Sul-Americano [editor: Francisco d'Assis Costa], [1899];
- *Almanach de S. Catharina para o anno de 1910, publicado sob a direcção do Dr. J.Thiago da Fonseca - anno I.* [S.l.p.]: [s.c.p], [1909].
- *Annuario Catharinense para 1933, dedicado à maior vulgarisação das cousas catharinenses, organizado por barão Fernando von Dreifus, Joinville.* São Francisco do Sul: Typ.Paulo Krelle, [1933].
- *Anuário Catarinense para 1948.* Direção de Martinho Callado Jr. (diretor de redação) e João da Mata Bouson (diretor-gerente). [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.
- *Anuário Catarinense para 1950.* Direção de Altino Flores, Martinho Callado Jr. (diretores) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano III, n.3, 1950.
- Jornais: *O Conciliador Catharinense* (1850); *O Argos de Santa Catharina* (1856); *O Progressista* (1860); *O Santelmo* (1860); *O Conservador* (1874); *O Repórter* (1897); *O Alliado* (1914); *A Época* (1919); *República* (1919-1920); *CPC* (1920); *Folha Acadêmica* (1924); *O Atalaia* (1924-1927); *O Miliciano* (1927); *A Reforma* (1930); *La Tribuna* (1932); *A Gazeta* (1942); *O Estado* (1942, 1949, 1977).

⇒ Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina:

Periódicos:

- Jornal: *Progresso* (1937, recorte).
- Revistas: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* (1918); *Terra* (1920); *Signo* (1971).

- Exemplares da Revista *Atualidades*: Nº07, 08, 09, 10, 11 e 12 de 1946; Nº01, 02, 04, 05, 09, 10, 11 de 1947; Nº01 e 08 de 1948; Nº01, 02, 03 e 04 de 1949.
- *Anuario do Estado de Santa Catharina para 1917 - 1º. anno; director: Edmundo Silveira*. Florianópolis: Oficinas Graphicas d' A Phenix, [1916]. 188p. [faltando p.119-120 do exemplar consultado.].
- *Anuário Catarinense para 1949*. Direção de Altino Flores, Martinho Callado Jr. (diretores) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano II, n.2, janeiro de 1949.
- *Anuário Catarinense para 1950*. Direção de Altino Flores, Martinho Callado Jr. (diretores) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano III, n.3, 1950.
- *Anuário Catarinense para 1953*. Direção de Martinho Callado Jr. (diretor) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano VI, n.6, [1953].
- *Anuário Catarinense para 1956*. Direção de Martinho Callado Jr. (diretor) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano IX, n.9, 1956.
- Opúsculo: ANDRADA, Laércio Caldeira. *Por uma Santa Catarina culta!* Florianópolis: Centro Acadêmico XI de Fevereiro, 1936.

Acervo iconográfico José Arthur Boiteux:

- Fotografias diversas.

Gaveta Sócios Efetivos:

- Pasta “Doralécio Soares”.

Gaveta Sócios Falecidos:

- Pasta “Altino Flores”;
- Pasta “Hélio Teixeira da Rosa”;
- Pasta “João Teixeira da Rosa Jr.”;
- Pasta “José Cordeiro”;
- Pasta “Laércio Caldeira de Andrada”.

Outros:

- *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, Julho de 2005. Ano VIII. Nº 38.
- *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, Outubro de 2007. Ano X. Nº 11.

- Correspondência entre Lucas Boiteux e a Casa Garraux, 1919.

⇒ Arquivo Municipal de Florianópolis:

- Lei Municipal Nº 3192/89, de 16/05/1999.

⇒ Acervo de Paulo Teixeira da Rosa:

- Certidão de Casamento de João Teixeira da Rosa Jr. e Olga Luz da Rosa. Fls. 59, livro B-13 sob termo nº 84. Cartório Faria, Florianópolis.
- Declaração para Registro de Firma em nome de Olga Luz Rosa, lavrada na Junta Comercial do Estado de Santa Catarina sob o nº 3914, fls. 118 do livro 07, em 12 de março de 1938.
- Parecer Nº406 do engenheiro avaliador responsável pela reforma no prédio da Rua Deodoro, nº33. 10/04/1949.
- Projeto intitulado “Planta de um prédio construído a Rua Deodoro, nº33, para o Sr. João Teixeira da Rosa Júnior pelo engenheiro Castulio do Amaral”. 1949..
- ROSA, Hélio Teixeira da. *Rua Deodoro em Florianópolis*, 1999. [Originais de um esboço de livro que viria a ser publicado por Hélio Teixeira da Rosa, interrompido devido ao seu falecimento].

⇒ Acervo Particular do Autor:

Entrevistas:

- Entrevista com o escritor Adolfo Boos Júnior, concedida ao autor em sua residência na Rua Paschoal Simone, bairro de Coqueiros, Florianópolis (31/07/2007).
- Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

Periódicos:

- Jornal: *Diário Catarinense* (05/06/2003).
- Marcador de páginas da Livraria Rosa: *Liberte-se das Algemas da Ignorância*. S/d.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e prática*. Campinas, SP: Mercado de Letras, ALB; São Paulo, S: Fapesp; 2005.
- ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal*. Rio de Janeiro: Lapa: Rocco, 1996.
- ADAMS, Betina. *Preservação Urbana: gestão e resgate de uma história*. Florianópolis: EDUFSC, 2002.
- AGUIAR, Vera (org.) et al. *Territórios da leitura - da Literatura aos Leitores*. Assis: Cultura Acadêmica Editora, s/d.
- AMORIM, Sônia Maria de. *Em Busca de um Tempo Perdido: edição de Literatura Traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- ANDRADE, Djanira M. M. de. *Hercílio Luz: uma ponte integrando Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1981.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A Invenção do Litoral: reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: PUC/SP, 1989.
- BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993.
- BOITEUX, Lucas A. *Prosápia Florianopolitana*. Vol. III. Florianópolis: IHGSC, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à História Editorial Brasileira. In: *Cultura – Revista de História e Teoria das Idéias*. Vol. XIV (Separata). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2002.
- BRAGANÇA, Aníbal. *Livraria Ideal*. Do cordel à bibliofilia. Niterói: Edições Pasárgada: EDUFF, 1999.
- BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia. *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 2001.
- BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia. *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 2004.
- BROCA, Brito. *Horas de Leitura*. Rio de Janeiro: INL, 1957.
- BROCA, Brito. *Memórias*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1968.
- CABRAL, Osvaldo. *Nossa Senhora do Desterro. Memória 2*. Florianópolis: Lunardelli,

1979.

CARDOZO, Flávio J. (org.). *Salim na claridade*. Florianópolis: FCC, 2001.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas – O Deops e as Minorias Silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

CARVALHO, Tito. *Gente do meu caminho*. Florianópolis: FCC: EDUFSC, 1997.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORREA, Carlos Humberto. *História da Cultura Catarinense: o Estado e a Idéias*. Vol. 1. Florianópolis: EDUFSC, 1997.

CORREA, Carlos Humberto. *Lições de política e cultura: a Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder, 1920/1930*. Florianópolis: ACL, 1996.

CORREA, Nereu. *Temas de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1953.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Educ: Fapesp, 2000.

DALLABRIDA, Norberto. *A Fabricação Escolar das Elites*. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DARNTON, Robert. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette; mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DELGADO, Maria Cristina. *Cartografia Sentimental de sebos e livros*. BH: Autêntica, 1999.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *A Revolução da Cultura Impressa*. Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

ESCARPIT, Robert. *A Revolução do Livro*. Rio de Janeiro: MEC: FGV, 1976.

FABRIS, Annateresa. (org.) *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1994.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Univali; Florianópolis: EDUFSC, 2004.

FIORI, Neide A. *Aspectos da evolução do ensino público*. Florianópolis: EDUFSC, 1991.

FLORES, Altino. *Sondagens Literárias*. Florianópolis: Edeme, 1973.

FLORES, M. B. R. (Org.); LEHMKUHL, Luciene (Org.); COLLAÇO, Vera (Org.). *A Casa do Baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990.

GRISARD, Iza Vieira da Rosa. “Carta Genealógica de Famílias Tradicionais de Santa Catarina. Alguns Perfis”. in: *Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina*. Florianópolis: IHGSC, 1996.

HACK, Osvaldo Henrique. *A História da Igreja Presbiteriana em Florianópolis, 1898-1930*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: UFSC, 1979.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2005.

JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1982.

JUNKES, Lauro. *A literatura de Santa Catarina – Síntese Informativa*. Florianópolis: EdUFSC, 1992.

LEROY, Gerald. La mondanité littéraire à la Belle Époque. In: *Cahier l’Institut d’Histoire du Temps Présent*, Paris: IHTP/CNRS, n°20, 1992.

MACHADO, Ubiratan. *A Vida Literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MALHEIROS, Eglê et al. (org.) *Aníbal Nunes Pires: educação e literatura*. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001.

MATOS, Felipe. *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros*. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Florianópolis: UDESC, 2005.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1982.

MELO Fº, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1980.

MENDONÇA, David G. *90 anos de benção: Igreja Presbiteriana de Florianópolis*. Florianópolis: s/n, 1991.

MIGUEL, Salim. *Gente da Terra*. Florianópolis: Lunardelli, 2004.

MIGUEL, Salim & MALHEIROS, Eglê. *Memória de Editor*. Florianópolis: IOESC: Escritório do Livro, 2002

MIGUEL, Salim. *O Castelo de Frankenstein*. Vol. II. Florianópolis: EDUFSC, 1990.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2ª ed. Brasília:

Briquet de Lemos, 2006.

NECKEL, Roselane. *A República em Santa Catarina: Modernidade e Exclusão (1889-1920)*. Florianópolis: EDUFSC, 2003.

ORWELL, George. *Dentro da baleia e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005

PAIVA, Edvaldo *et al.* *Florianópolis – Plano Diretor*. Porto Alegre: Imp. Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 1952.

PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 1995.

PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: Ioesc, 1976.

PEREIRA, Valdézia. *A poesia modernista catarinense das décadas de 40 e 50*. Florianópolis: EDUFSC, 1998.

PIAZZA, Walter. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985.

PIAZZA, Walter. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: estudo histórico-analítico, 1896-1996*. Florianópolis: UDESC/IHGSC, 1996.

PIAZZA, Walter. “Por uma História Cultural Catarinense”, In: *Revista da Academia Catarinense de Letras*. Nº 16. Florianópolis: ACL, 2000/2001.

PIAZZA, Walter. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Edufsc: Lunardelli, 1983

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PÍTICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l’Histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.) *Cahier l’Institut d’Histoire du Temp Présent: Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, reseaux*. Paris: IHTP/CNRS, nº 20, 1992.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC, 1982.

SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC: Edeme, 1974.

SCHWEIDSON, Jacques. *Saga Judaica na ilha do Desterro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na*

Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Adolfo Nicolich da. *Ruas de Florianópolis – Resenha Histórica*. Florianópolis: FCC, 1999.

SOARES, Maura. *A Biblioteca e seus patronos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1988.

SOUSA, Abelardo. *Painéis*. Florianópolis: FCC, 1982.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: *O Casaco de Marx: roupas, memória e dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VELOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

VELOSO, Marisa & MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras*. São Paulo: Paz e Terra, 1991

VENÂNCIO, Giselle. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis: memória urbana*. Florianópolis: EDUFSC: FCC, 1993.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio, o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001

WOLFF, Joca (org.) *Indicador Catarinense de Escritores*. Florianópolis: FCC: Paralelo 27, 1993.

ZWEIG, Stefan. *Encontro com Homens, Livros e Países*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1942.

ANEXO I - Trechos de entrevista realizada com o escritor Salim Miguel [com participação de sua esposa, a escritora Eglê Malheiros], em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro da Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

[...]

- *A primeira livraria que o Senhor freqüentou foi em Biguaçu, do poeta cego João Mendes. Lá o Senhor viveu dos cinco aos 19 anos. Em 1943 o senhor veio morar em Florianópolis. Nesta época em que recém estava na cidade, como tinha acesso aos livros que lia?*

Já que falaste na livraria do João Mendes – era um livreiro, poeta e cego -, é claro que a livraria dele tinha poucos livros, mas ele tinha muito expediente. Quando eu fui lá falar para ele que não tinha condições de comprar livros, mas tinha muito interesse em ler, ele disse: “vamos fazer o seguinte, tu vem aqui porque eu também tenho fome de leitura e tu lê em voz alta”. Ai ele conseguia livros emprestados, ou então, em consignação, naquela época se trabalhava muito em consignação. Mas, lá eu li muito, muito, muito, muito, durante esse período. Quando eu me mudei para Florianópolis minha família não tinha recursos, eu não podia estar comprando livros. Então freqüentei muito a Biblioteca Pública que ficava nos fundos do Palácio Cruz e Sousa - que era o palácio do governo naquela época. Então era ali naquela biblioteca que eu lia, muitas vezes eu fechava a biblioteca. O diretor da biblioteca era uma pessoa muito ligada à cultura, muito interessado e a partir de um determinado momento ele passou a me emprestar livros. Mas isso, para quem gosta de livros, para quem é viciado em livros não é o suficiente, porque você quer ter o livro, para dizer assim: esse livro que eu li é meu, não é da biblioteca. Talvez a primeira livraria que eu freqüentei não foi a Rosa foi a Moderna. Que já era do Xavier, não era mais do primeiro dono. Só que, de repente, eu não sei se foi em 1943 ou 1944, entre 1943 e 1945, eu descobri a Livraria Rosa e o dono da Livraria Rosa. Porque o Xavier ficava pouco na livraria. O Rosa não, o Rosa estava sempre lá, tinha uma ou duas pessoas que trabalhavam com ele, mas na verdade quem atendia quem trabalhava, quem explicava era ele. Então logo eu fiz relação com ele, e ele não só me vendia livra para eu pagar aos poucos, algumas vezes tinha um livro de muito interesse e ele dizia assim: Ó, eu só tenho um ou dois exemplares” - porque se vendia pouco e as livrarias recebiam poucos exemplares, então ele dizia assim: “eu vou segurar esse livro por 10 dias, 15 dias para ver se tu consegues recurso para comprar”. Então nós fizemos uma relação que com o tempo não foi uma relação de vendedor e comprador, mas uma relação já de amizade. Não é que a gente não fosse bem

atendido na Livraria Moderna. Era. Só que lá era um atendimento profissional. Porque o seu Xavier ele não estava sempre ali e, tanto ele como o Rosa, quando nós lançamos em 1948 eles passaram a nos dar anúncios. Não que esses anúncios vieram a ajudá-los muito, mas era uma maneira de ajudar o movimento cultural que estava se iniciando em Florianópolis. Por aí, você vê a sensibilidade que eles tinham com o problema do livro, né? Não é que fosse diferente a Moderna da Rosa, só que a Moderna era um negócio mais profissional, que estavas trabalhando com um caixeiro que era um livreiro. E lá [na Livraria Rosa] tu estavas conversando direto com o proprietário, o que era uma novidade na cidade. E outra coisa também é que embora a Moderna recebesse alguns títulos de editoras brasileiras, quem passou a receber os títulos das principais editoras que estavam se tornando importantes nesse país era a Livraria Rosa. O acervo da Livraria Rosa era melhor porque ela recebia a editora Globo, José Olímpio, que na época eram as duas editoras mais importantes do país. A Globo tornou conhecidos não só alguns escritores brasileiros, porque a Globo se dedicava mais a literatura estrangeira do que à brasileira, ela publicava um ou outro autor brasileiro, especialmente o Érico Veríssimo porque era um dos diretores (risos), Cecília Meireles, Marques Rebelo e os autores gaúchos. Já o José Olímpio era o contrário, publicava alguns autores estrangeiros, foi a primeira a publicar toda a obra do Dostoievski, não da tradução dos russos, da tradução da tradução, da tradução francesa, mas os mais importantes escritores brasileiros dos anos 30 em diante foram publicados pelo José Olímpio. E a Livraria Rosa passou a trabalhar com ele, trabalhava com outras editoras menores, como a Pongetti, a Cia. Editora Nacional, de São Paulo, que publicava pouca obra de ficção, de poesia, publicava mais eram livros de estudos, ensaios, e história do Brasil, inclusive, foi a primeira a editar um livro de um catarinense sobre o Contestado, do Osvaldo Rodrigues Cabral. Então esses livros a gente encontrava na Rosa...

[...]

- *Quais eram os “best-sellers” da década de 40 na ilha de Santa Catarina?*

Herman Hesse foi um pouco mais adiante... No Brasil, nesses anos, começava a se tornar um grande nome, que vendia tudo o que publicava era o Jorge Amado que começou numa editora menor e depois passou para a José Olímpio. Já estava começando também a se tornar um nome conhecido o José Lins do Rego. Ele tinha um contrato com uma editora

menor, hoje se chamariam uma editora alternativa, uma era a Schmidt Editora, que era do poeta Augusto Frederico Schmidt e a outra era Ariel, do Gastão Prous e do Agripino Grieco. Então essa Schmidt foi a primeira a lançar o Graciliano Ramos e o José Lins do Rego era lançado pela Ariel.

- *Muito das leituras feitos por integrantes do Grupo Sul saíram da Livraria Rosa?*

Começaram saindo da Livraria Rosa e depois passaram a sair da Livraria Anita Garibaldi (risos). A partir de 1948 ou 1949, eu não tenho essa data, preciso descobrir na junta comercial (risos)... Na verdade nós [da Livraria Anita Garibaldi] começamos com uma banca de jornal que ficava junto ao Café Rio Branco. O Café Rio Branco ficava no começo da Felipe Schmidt, quem vai daqui pra lá na mão esquerda onde hoje tem se não me engano um banco que tem ali era o Café Rio Branco, talvez o Café mais tradicional de Florianópolis... Então nós abrimos uma banca ali, mas a coisa causou tanto interesse que nós acabamos comprando na Praça XV quase na esquina da Conselheiro Mafra – comprando não, nós alugamos – um espaço e abrimos uma livraria, a Livraria Anita Garibaldi. Aí então continuávamos freqüentando a Livraria Rosa... uma coisa curiosa que veio agora na cabeça... Por incrível que pareça nós praticamente não freqüentávamos a Livraria Central... tinha livros em menor quantidade que a Moderna e muitíssimo menor quantidade do que a Rosa. Porque a Rosa tinha mais do que a Moderna. E a Moderna tinha mais do que a Central. Eu francamente não sei se a Central era mais de livros didáticos, eram mais livros que não me interessavam, eu sei que... Se eu começar a quebrar a cabeça eu tenho uma memória que é relativamente boa... Eu não sei de ter comprado algum livro na Central. Nós freqüentávamos um pouco a Moderna e muito a Livraria Rosa.

[Neste momento fomos interrompidos por Eglê Malheiros]

Quem comprava muita coisa lá na antiga Livraria Entres, né, depois Central, era eu. Porque eles recebiam muito material infantil da Melhoramentos, cadernos de atividades, etc. Era praticamente o único lugar em que encontrávamos isso em Florianópolis, eu comprava para as crianças, livros infantis... Quem trabalhava lá e que era gerente foi uma menina que era aluna nossa no Instituto Estadual de Educação, por sinal, quando nós voltamos do Rio ela ainda trabalhava lá... Não me lembro o nome dela, era uma moça assim baixinha,

cabelinho liso, moreninha...Agora deve estar aposentada. Mas, se tu perguntares quem era gerente lá em 1979, quando nós voltamos, eles vão te identificar.

[Salim retoma a conversa]

É mais uma informação que agora não me dava conta. Eles trabalhavam com livros para um público infantil mesmo... O que era uma coisa rara naquela época, a Melhoramentos era Monteiro Lobato, o grande nome era Monteiro Lobato. Aí tinha o Viriato Correa, tinha um ou outro livro, né... Mas então, na verdade, os jovens interessados em livros, os que estavam se preparando para uma carreira, ou de jornalista, ou professor, ou escritor que se reuniam no chamado Grupo Sul - hoje, porque na verdade na época não era isso -, ou iam a Livraria Rosa ou iam a Livraria Anita Garibaldi. Mas não deixávamos, pelo menos alguns, de freqüentar a Livraria Rosa. A Livraria Anita Garibaldi trabalhava também com livros brasileiros, mas foi a primeira experiência em Santa Catarina de se trabalhar com livros de outros países. Nós recebíamos livros em francês, livros em espanhol, edições portuguesas, livros da Argentina, livros do México. Tinha um dos distribuidores, um deles chamados Mestre Jou, era distribuidor de livros especialmente em língua espanhola, livros da Espanha, da Argentina, do Fundo de Cultura Econômica do México... Então, a Livraria Anita Garibaldi passou a ser um centro aglutinador daqueles que queriam mais do que livros só em língua portuguesa e que as outras livrarias não trabalhavam com isto. Mas, isto não diminuiu a importância da Livraria Rosa.

- *A maior dificuldade para se adquirir livros era o preço, a má distribuição, havia demora em se repor o estoque, o quê?*

Não, era o preço que continua alto porque o livro é uma coisa curiosa. Na medida em que aumenta a tiragem diminui o preço, porque o custo básico é um, é chegar até o livro pronto para ir para a gráfica, no momento em que ele começa a rodar, tanto faz tu tirares mil exemplares, quanto dez mil, como vinte mil o custo básico é o mesmo. O que vai custar mais é o papel, a impressão e o acabamento. Se naquela época as tiragens eram pequenas hoje não são tão maiores assim. O custo do livro sempre foi um impedimento no Brasil, porque não é só a educação, o livro tem que partir da primeira infância, a criança já pequena tem que folhear o livro, amassar, rasgar se for preciso para ver o que é o livro. Como no Brasil isso não existe também não existe a disseminação de bibliotecas em bairros, bibliotecas em todas as escolas, então foi sempre um problema. Como há uma

distância que naquela época existia e que hoje continua existindo entre aqueles que têm muito, aqueles que têm pouquinho e aqueles que não tem nada... Quem não tem nada às vezes não tem dinheiro nem para comprar o seu alimento físico e quanto ao alimento do espírito então nem se conta... Então, já naquela época isso existia. E as vendas não eram muito grandes, quem tinha uma livraria era por ser um apaixonado pelos livros, não que ele fosse enriquecer ou que fosse vender 50 exemplares de um autor, 200 de outro, ele vendia dois três, quatro, cinco de um nome já consagrado. Tanto que a tempo eu li um livro, aliás, lemos, porque eu estou com um problema de visão, a Eglê leu em voz alta para nós um livro chamado “Rua do Ouvidor, 110”. O livro é da neta do José Olímpio, que é jornalista. Então ela teve acesso a muitos documentos. Ela narra muitos episódios, e eu recomendo o livro para ti que estás estudando isso, entre os tantos episódios ela conta um... O José Olímpio chamou o José Lins do Rego, que morava em Alagoas e disse para ele o seguinte: “saiu um livro seu pela Ariel e você está com um outro romance pronto. Se você quiser sair da Ariel e vir para cá, o primeiro romance seu que saiu com dois mil exemplares eu lanço com cinco mil na segunda edição e com esse novo eu lanço com dez mil exemplares”, o que era uma barbaridade para aquela época. E o José Lins é claro que passou a ser editado pela José Olímpio. A José Olímpio teve que ampliar a rede de distribuição que é um dos gargalos do livro, aí a gente encontrava o José Lins do Rego, encontrava o Jorge Amado, encontrava o Graciliano, encontrava todos esses nomes que se tornaram referência na literatura brasileira. Depois foram surgindo outras editoras, a Martins, de São Paulo, a Civilização Brasileira, do Enio Silveira, no Rio de Janeiro, mas as três editoras básicas dos anos 40 eram a José Olímpio, no Rio de Janeiro, a Companhia Editora Nacional, em São Paulo e a Globo, em Porto Alegre. Além disso, tinha a Pongetti, que os livros eram mais baratos e mais feios, uma ou outra coisa da Cruzeiro, como o “Lobo da Estepe”, a gente encontrava na Livraria Rosa.

- *O senhor se lembra de promoções, saraus, encontros literários que teriam acontecido no interior da livraria?*

Eu não me lembro assim de uma coisa formal, mas eu me lembro das pessoas em determinadas horas, ao saírem do trabalho, ou na hora do almoço, porque naquela época Florianópolis era tão pequena que todo mundo podia almoçar em casa, não tinha esse negócio como tem hoje, em que a cidade se espalhou tanto que quem mora um pouco

distante sai de casa para trabalhar de manhã, se trabalha de manhã e à tarde ela faz uma refeição num boteco qualquer lá pelo centro. Naquela época não, naquela época em geral as reuniões, os papos eram no fim da tarde quando a pessoa saía do emprego, naquela época era a 18:00 horas. Então às vezes as pessoas se encontravam na Livraria Rosa e ficavam procurando um livro e batendo papo, cada um dizia assim “olha eu hoje li este, acho que deverias ler este, tu me indicaste aquele livro e era uma merda!”, mas não era nada formal. Um dia poderia ter dez pessoas, outro dia poderia ter duas, uma única ou não ter ninguém. Em geral ela fechava às seis horas, aí a pessoa chegava um pouco antes e ele ficava até um pouco mais tarde. E ele era uma pessoa muito acessível, muito sensível e muito interessado. Tanto que, eu costumo dizer que fiquei amigo dele, e amigo de um filho dele, o maestro Hélio Rosa. Nos últimos anos da vida do Hélio, que teve uma morte incrível, nós dois éramos do Conselho Estadual de Cultura, e de vez em quando o Hélio chegava e dizia: “olha isso aqui é uma sobra da livraria do meu pai, vê se tem algum deles que te interessa”. Alguns eu já tinha, outros não eram da minha área, não me interessavam, mas vê só, isso no fim dos anos 90 eu ainda me beneficieei da Livraria Rosa (risos)! Depois que ele faleceu, a viúva dele telefonou para mim e disse para a Eglê: “estou com alguns livros e estou com alguns números da Revista Sul, eu acho que a pessoa melhor para a gente dar isso é para vocês”, porque como eu disse a Livraria Moderna e a Livraria Rosa anunciavam, nos davam um pequeno anúncio. Ai, a gente foi lá na casa dela, vimos os exemplares que tinham o anúncio da Livraria Rosa, tinha dois ou três que nós não tínhamos e nos interessávamos ela disse: “ó, esses é para dar de presente para vocês”.

- *Como o senhor descreveria a figura do livreiro João Teixeira da Rosa Júnior?*

É claro que para ele a Livraria era um comércio, uma maneira de sobreviver, mas se ele tivesse uma preocupação mais financeira, “eu quero é ganhar dinheiro!”, ele ia procurar outra coisa, não ia procurar ser dono de uma livraria (risos). Então ele era uma pessoa que gostava de livros. Como gostava de livros e precisava ganhar uns trocados, abriu uma livraria.

- *O Silveira de Sousa disse que na Livraria Anita Garibaldi o senhor facilitava a aquisição dos livros com prestações, empréstimos, fazia fiado... Isso o senhor aprendeu com o Rosa?*

(Risos) Aprendi com o João! Mas tem outra coisa curiosa, o Miro Moraes, não sei se tu chegaste a procurar o Miro Moraes, ele disse num depoimento que ia à livraria porque tinha um livro de contos que ele estava querendo ler, então ele lia um pedacinho hoje, amanhã ele lia outro pedacinho, um dia ele chegou lá e o livro não estava à mostra. Ele pensou: “puxa será que alguém comprou esse livro?” Então ele foi falar com um rapaz da livraria, porque eu não estava, e o rapaz disse: “não, não, o Salim como viu que tu estavas interessado, para ninguém comprar o livro ele escondeu” (risos) Então eu escondi o livro para ele terminar a leitura! Para o pessoal mais chegado assim, o Silveira de Sousa deve ter dito que eu fazia em longas prestações, em miúdas prestações, a pessoa pagava aquilo que podia (risos)! Isso, em parte, nós aprendemos com o seu João Rosa.

- *O Rosa também freqüentava o Café Rio Branco?*

Freqüentava. Porque nesta época Florianópolis era dividida entre UDN e PSD. O Rio Branco era da UDN. Havia um outro café que agora me foge o nome que era do PSD. Mas, mesmo o pessoal do PSD freqüentava o Café Rio Branco. O Rio Branco era onde todo mundo se encontrava. Era um café onde a gente sentava, tomava um cafezinho e ficava batendo um papo duas, três horas e ninguém vinha te dizer toma outro cafezinho, levanta, e quem ficava sentado ficava batendo papo, horas ali. E, de repente, um dia o dono - o apelido dele era Quidoca – de repente aí ficamos pensando assim, poxa vamos falar com o Quidoca para ver se ele não nos alugava um pedacinho. Aí colocamos uma banca, jornais e revista e a coisa pegou, rapaz! (risos). Esse Quidoca tem uma história engraçadíssima com ele, ele era desses Udenistas fanáticos, doentes. Toda a tarde ele telefonava para o palácio do governo do Irineu Bornhausen, aí ele telefonava ‘para lá e dizia assim: “Manjor, quais são as novidades?”” Aí ele respondia assim: “Quidoca porque todas as tardes tu me ligas querendo saber as novidades?”. Aí ele disse: “como é que sabes que sou eu?”. “Quem mais me chama de Manjor!?” (risos). Florianópolis se encontrava em dois ou três pontos, aquele Café que não me lembro o nome, o Miramar, era um barzinho muito simpático chamado Poema Bar, que aparece uma arte dele no O Preço da Ilusão (risos). E tinha outro botequinho, Gato Preto, quase em frente ao Banco do Brasil e o Besc, onde tem o posto turístico. Pouco depois foi o Ponto Chic, referência da vida florianopolitana. Eu fui preso

no Ponto Chic! Todo mundo se encontrava no Ponto Chic. No Ponto Chic quando não se queria sentar. Quando queria se sentar e emendar um pouco era no Rio Branco.

- *Dizem que seu Rosa lia a orelha dos livros novos que chegavam na livraria e depois ia para o Café Rio Branco contar as novidades e despertar o interesse dos leitores, é verdade?*

Umás duas ou três vezes ele chegou na nossa roda e disse: “recebi um livro de fulano de tal, assim, assim, assim...” Aí a gente dizia para ele: “seu Rosa, aqui para nós não precisa, sabes que mais hoje ou amanhã nós vamos passar na livraria para ver esse livro. Procura uma outra mesa para ver se convence ir lá ver e se interessar pelos livros” (risos). Não era só o desejo de fazer uma caixa com a venda, mas também de divulgar os livros porque ele era uma pessoa dada aos livros. Não sei se lia muito ou se lia pouco, mas que lia, lia. E pelo menos informação ele tinha. Nunca perguntei para ele – e foi uma falha não perguntar – se ele assinava o jornal do Brasil, ou o Estadão, ou o Correio da Manhã, ou o Correio do Povo, que tinham paginas inteiras com informações sobre os outros lançamentos, críticas, rodapés de críticas e tinham resenhas. Naquela época era comum o rodapé de crítica porque numa resenha de 30 ou 40 linhas o máximo que a pessoa pode dar é alguma informação sobre o livro, agora rodapé de crítica com duzentas linhas pode-se fazer uma análise do livro. Eu tenho impressão que ele devia assinar um ou dois desses jornais, porque as novidades a gente sempre encontrava lá na livraria dele.

- *O Sr. tem idéia do porque a Livraria Rosa foi passada adiante?*

Francamente, umas duas vezes eu perguntei a ele e ele desviava... A livraria trabalhava com as principais editoras, com a Pongetti que estava começando a crescer, com a Martins. Ele trabalhava com todas essas editoras, as mais importantes do país. E nós trabalhávamos pouco com estas e mais com livros estrangeiros. Os mesmos clientes que freqüentavam a Rosa ou a Moderna ou a Central freqüentavam a Livraria Anita Garibaldi. E alguns ao freqüentavam a Anita Garibaldi, freqüentavam alguma dessas outras. Na verdade eu não tenho uma explicação e ele não me deu, eu perguntei umas duas ou três vezes para ele e ele disse: “ah, eu estava meio cansado”. Essas coisas assim que quando a gente não quer se explicar a gente diz...

ANEXO II - Trechos de entrevista realizada com o escritor Adolfo Boos Júnior, em sua residência na Rua Paschoal Simone, bairro de Coqueiros, Florianópolis (31/07/2007).

[...]

- *Quais são suas primeiras lembranças de João Teixeira da Rosa Júnior?*

Eu só tenho memórias sentimentais, mais de convívio, e não foi muito estreito! [...] Esse meu relacionamento com o João Rosa, com Helio Rosa, especialmente com Hélio, ele se acentuou quando nós começamos a cursar juntos o Colégio Catarinense. E fomos até o fim e depois a gente se dividiu um pouquinho, mas mesmo assim eu continuava tendo contato com ele... Logo depois do colégio eu passei a frequentar o Grupo Sul e aquilo me levou para o lado do João, o tio João como a gente o chamava. Ele era culturalmente uma exceção dentro de uma família pequeno burguesa, minha tia cantava dentro do coro lá da igreja, as duas filhas tocavam piano, o Hélio tocava pessimamente o violino (risos)...e o João era muito atencioso com os mais jovens. Ele não colocava aquela distância que nas famílias geralmente tinha entre as gerações. Lá em casa não, filho nenhum abria a boca na mesa se não era perguntado. E ele era mais liberal, ele gostava de leitura conversava, contava histórias... e isso enriqueceu muito o convívio daqueles anos. Eu, ali no João, foi que descobri a beleza do livro. Minha mãe tinha pouca leitura, meu pai nenhuma. Meu pai era alfaiate de profissão e avaiano de coração. Havia também um distanciamento por razões religiosas. A minha tia Olga era católica de nascimento, passou à religião presbiteriana. Eles não se conheceram na igreja. A tia Olga namorou e o João a levou para a igreja. Ela adotou a Igreja e foi figura proeminente e tudo. Para nós, católicos, relativamente incultos e depois no Colégio Catarinense, com aquele “fechamento” da religião, eu tive pouca noção de como seria aquela religião que ela professava. Eu sabia que cantavam, cultivavam o canto, e mais tarde, através de leituras compreendi que o canto tinha uma razão de ser, o canto mantinha a congregação unida, os ensaios, todo mundo se reunia. [...] Quando eu era pequenininho, uns três anos de idade, eu levei um susto. Nós morávamos na rua Bocaiúva e os navios do Hoepcke, quando entravam na baía norte, quando se aproximavam da ponte eles apitavam. E eu tinha medo daquilo. Eu estava brincando lá no quintal de meu avô, aquelas chácaras da Bocaiúva. Essa região era como um

balneário no tempo do Brasil colônia, no reinado... As pessoas iam para lá fora de época só quando aparecia aqui alguma epidemia, malária... Iam para lá como se fosse interior... [risos] Eu fui criado ali na Bocaiúva e eu tinha muito medo do apito. Estava brincando no quintal do meu avô, sempre sozinho. Teve uma noite, eu já estava deitado e meus pais estavam com os sogros, dentro da casa grande. Nós morávamos numa ala em que antes deve ter sido o quarto de empregados, depois a família foi crescendo, junto com o avô, tinha aquele negócio do clã, manter o negócio unido... Eu estava deitado e um empregado chegou à janela e buzinou como o apito do navio. Eu levei um susto, gritei, chorei, vieram correndo... No dia seguinte acharam que eu estava gaguejando e que seria do susto. Toda criança com dois, três anos gagueja quando fala porque ela raciocina mais ligeiro do que consegue falar. Eles ficaram apavorados porque eu era o primeiro neto homem, que desgraça ficar gago, e começaram a me corrigir, respira fundo, fala devagar! Depois eu continuei crescendo, cada vez mais gago porque não conseguia falar, me mandaram na venda comprar qualquer porcaria e eu ia com bilhete. Não falava fora de casa... Aquilo foi um prejuízo incrível na minha formação. Quando fui para o Grupo Escolar Lauro Müller fui pelo braço de uma tia que era professora, Emília Schmidt, que é nome de rua aqui em Coqueiros. Fui com uma recomendação da dona Mariazinha Gama que foi minha primeira professora: “ó, escrever ele sabe tudo!”. Eu fui alfabetizado muito cedo. Eu li muito cedo, mas eu não lia em sala de aula. Estava chegando ao Brasil uma revista mensal em papel jornal chamada “Gibi”. Até hoje tem esse nome de gibi. Meu avô comprava para o filho mais moço dele, que era quatro ou cinco anos mais moço que eu... Ele também jogou no Avaí, o Artur, que quando acabava de ler, ele me dava a revista... Fui alfabetizado muito cedo, fui para o Grupo Escolar lendo. Só não lia em aula. Dali, minha tia foi para o Dias Velho e me levou com ela. Essa moleza acabou quando eu entrei no Colégio Catarinense, que eu comecei a ir para a porrada. O Hélios [Teixeira da Rosa] aí entrou na minha vida. Nós começamos a jogar futebol juntos, começamos a conversar e a conviver mais, para sair juntos aos sábados, ir ao cinema de sábado, dois filmes bang-bang e mais um episódio de seriado. Eu, Hélios mais um cidadão que já morreu, Fedrigo que morava ali na Vidal Ramos, perto do Hélios, filho da viúva Ortiga. E nós começamos a conviver, no Colégio Catarinense fizemos mais dois grandes amigos, Rodrigo Otávio que morava lá na Praça dos Bombeiros, que era pianista, olha a música entrando! Essa gente tocando junto, se articulando... E aí eu comecei também a

conviver com aquele universo de música e de literatura. E ficou conhecido o Hélió... o Hélió só começou a desviar da minha vida quando ele fez concurso no banco, passou, foi para Joaçaba e eu fiquei aqui, fiz concurso no ano seguinte, passei e fui para Blumenau. Então ficamos assim desassociados, o Hélió casou, eu vim, casei, e ali nós ficamos nos dando bem, porém não tão estreitamente.

- *Isso no final da década de 1950?*

Eu entrei no banco em 1955, o Hélió entrou no banco em 1953, 1954, por aí. Mas, aquilo que eu aprendi com o João [Teixeira da Rosa jr.], a atenção que ele tinha com o cara adolescente, a paciência que ele tinha, tudo isso foi um fato novo na minha vida. O João foi importante por isso, além de me passar os conhecimentos dos benefícios da leitura. Ele não dizia “leia isso ou leia aquilo”, mas ele discorria muito sobre os livros, aí a gente ia catar... Me lembro da casa deles, na Rua Deodoro, 33, o Hélió Rosa tinha um princípio de livro sobre a Rua Deodoro. [...] A casa tinha duas janelas e uma porta. Logo depois da porta tinham três degraus e um corredor muito comprido que abria para a sala da frente, sala de visitas, a sala de jantar, havia os quartos que ficavam do outro lado e esse corredor terminava numa cozinha e numa areazinha que era o quintal deles, que era muito pequeno. Na sala de jantar se subia para o sótão. E lá tinha pilhas e pilhas de livros que o João já estava comprando para abrir o sebo. [...] Foi nesta casa que a livraria começou, na sala da frente. Um balcão e umas prateleiras cheíssimas de livros onde o tio João conversava com a gente, dava atenção, falava de autores, etc. [...] Esses livros ele comprava de pessoas que queria se desfazer de biblioteca... Por exemplo, em toda casa sempre tem um que lê muito. Não é sempre que todos lêem. Então, quando morre, a família se dispersa, tem que deixar a casa e acaba se desfazendo dos livros. Eu me lembro de pilhas e pilhas de livros velhos e que não era para tocar nos livros. Depois abriu a livraria embaixo, com o nome de O. L. Rosa.

[...]

- *A residência no nº33 fica onde hoje se localiza um supermercado?*

Não, mais para a [rua] Tenente Silveira. Era a segunda ou terceira casa. Mais para cá tinha a casa de uns contra-parentes de meu pai, dona Mund que era professora, os Mund são contra-parentes nossos pelo lado de minha avó materna que era Mund.

- *E após a reforma da casa, com a livraria ocupando o andar de baixo?*

Eu não peguei, eu não me lembro dessa fase... Eu fui embora em 1955, será que ele já tinha mexido na casa?

- *Já, em 1952 o João Teixeira da Rosa Júnior passou a livraria para o Sr. Nivaldo Lopes de Almeida, que a transformou em Livraria Líder.*

Ah, sim, eu me lembro! Nivaldo, exatamente, eu o conheci.

[...]

- *O senhor tem idéia do porque que a Livraria acabou?*

Não sei... [...] Eu não tinha nem lembrança do dia da morte do João, eu já tinha voltado, fiquei fora de 1955 a 1975, vinte anos. Mas, eu não tenho lembrança. [...]

- *O Senhor se lembra de algum freqüentador da livraria?*

Não, não... Para ser franco eu nem fui freqüentador da livraria. Eu ia lá, conversava bastante com o tio João, era um cara que sempre tinha um trocadilho, tinha uma sentença bonita para dizer para a gente, era um cara bem diferenciado o velho João... Uma pessoal agradabilíssima era uma criatura que realmente tratava as pessoas bem, especialmente os adolescentes, tinha uma palavra amiga, sempre tinha alguma coisa para indicar, a tia Olga também...

[...]

- *E o Nivaldo Lopes de Almeida pertencia também à família?*

Não, não, acho que ele foi funcionário do tio João. [...] Entre os funcionários tinha um Brasileiro Albino de Sousa era casado com uma irmã da tia Olga, irmã da minha mãe.

Já faleceu. Ele não gostava do nome Brasileiro, ele se aut nomeou Hélio, também, mas era Brasileiro [risos].

[...]

- *O João Teixeira da Rosa freqüentava muito o Café Rio Branco. Chegaste também a freqüentá-lo?*

Freqüentei, mas não me lembro dele lá dentro. Mas, vou te contar o seguinte: Nasci em 1931. Em 1946 eu comecei a trabalhar numa loja que tinha ali na Conselheiro Mafra, uma loja de ferragem, Meyer & Cia., comecei a trabalhar com quinze anos. Então, nós íamos na hora do cafezinho no Café Rio Branco. Ali nasceu a livraria Anita Garibaldi, do Salim. Ali era um pontinho de bate-papo. Nós íamos rapidinho porque o judeu do Meyer & Cia., não queria que demorássemos muito! [...] Mas não me lembro do tio João lá, mas deve ser porque a cidade gravitava ali naquela quadra da Felipe Schmidt.

[...]